

**MARIA LEOPOLDINA PEREIRA**

***BLOGS LITERÁRIOS NAS AULAS DE LÍNGUA  
PORTUGUESA: UMA POSSIBILIDADE DE AUTORIA***

**UFJF  
2010**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**MARIA LEOPOLDINA PEREIRA**

***BLOGS LITERÁRIOS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA:  
UMA POSSIBILIDADE DE AUTORIA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Teresa de Assunção Freitas

**JUIZ DE FORA  
2010**

Pereira, Maria Leopoldina.

Blogs literários nas aulas de Língua Portuguesa: uma possibilidade de autoria / Maria Leopoldina Pereira. – 2010.

167 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

1. Tecnologia educacional. 2. Professores – Inovações. 3. Internet. I. Título.

CDU 37.022

MARIA LEOPOLDINA PEREIRA

**BLOGS LITERÁRIOS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA  
POSSIBILIDADE DE AUTORIA**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, pela seguinte banca examinadora:



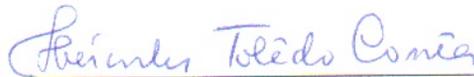
---

Dra. Maria Teresa de Assunção Freitas (orientadora)  
Programa de Pós-Graduação em Educação, UFJF



---

Dra. Adriana Rocha Bruno  
Programa de Pós-Graduação em Educação, UFJF



---

Dr. Hércules Tôledo Corrêa  
CEAD/UFOP

Juiz de Fora, 09 de julho de 2010.

*“... Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada), a começar pela assimilação delas (no processo de domínio inicial do discurso) e terminando na assimilação das riquezas da cultura humana (expressas em palavras ou em materiais semióticos)...”.*

*Mikhail Bakhtin*

Este trabalho é dedicado àquelas que me ofereceram e oferecem palavras e contrapalavras...

Minha mãe, que me ensinou as primeiras letras.

Dona Flausina, que me fez descobrir o que era uma biblioteca e suas possibilidades.

Maristela Moreira, que me ensinou amar os clássicos e saber que a escrita exige rigor.

Geysa Silva que me fez enxergar as possibilidades de aliar o prazer estético e a escrita científica.

Bruna Solla, que me ajudou a tornar o sonho do mestrado possível.

Maria Teresa Freitas, que me transformou de professora-militante em professora-pesquisadora.

E finalmente a todas as professoras das mais diversas redes públicas, que acreditam que podem fazer diferença na vida de seus alunos.

## AGRADECIMENTOS

*“Quando se sonha sozinho é apenas um sonho.  
Quando se sonha junto é o começo da realidade.”*

Miguel de Cervantes

Para que eu chegasse até aqui na realização do sonho de ser mestre em Educação, muitos sonharam comigo, é para eles o meu agradecimento.

A Deus, por me permitir o dom da vida e da caminhada até esse momento.

Às professoras Adriana e Cidinha, pelo diálogo, pelas contrapalavras e disponibilidade constantes.

À Maria Teresa, a essa altura mais que orientadora, amiga, confidente, e em alguns momentos mãe paciente que me deu colo e reprimendas para me fazer crescer.

Aos meus filhos, Gabriel e Theo, que, mesmo não compreendendo o processo, iluminam-me todos os dias com suas presenças.

À minha família, em especial minha irmã Oneida e meu cunhado Maurício, pelo computador, por suprir minha ausência com meus filhos e tudo mais.

Aos professores do Mestrado em Educação pelas oportunidades de crescimento.

Ao professor Márcio Lemgruber, que numa longínqua data durante a graduação, plantou em mim a semente do sonho do mestrado.

À Rita Florentino que me desafiou a gostar de computadores e usá-los.

Aos meus colegas de mestrado, pela fraternidade mesmo que às vezes distante.

Às direções das escolas Olinda de Paula Magalhães e Fernão Dias Paes, pelo apoio incondicional.

Às “meninas” da Secretaria de Educação (Denise, Elita, Angelaine, Ana Lúcia, Jussara, Marcinha, Raquel, Nataly, Marcela, Patrícia) pela preocupação constante e pela força.

Aos meus companheiros do Olinda pela torcida e às “minhas meninas” do Fernão pela compreensão da minha muitas vezes ausência.

À direção do Colégio João XXIII que me franqueou livre acesso às suas dependências para realização de minha pesquisa.

Às professoras que aceitaram ser sujeitos de minha investigação, por me receberem e abrirem suas agendas, suas salas de aula e seus planejamentos que me permitiram realizar a pesquisa.

Ao Samir, bolsista da Sala de Telemática, pela disponibilidade e carinho durante a pesquisa.

À Cléia, minha companheira de LIC, minha amiga, minha irmã de alma, por tudo...

À Adriene, por ser “mãe-substituta” dos meus filhos durante esse processo.

Ao Alexandre e à Neide pelos domingos de alegria.

Às secretárias e auxiliares de secretaria da E.M. Fernão Dias por facilitarem em tudo possível as minhas ausências.

Ao Adilson e à Mariana pela companhia e auxílio no campo, pelas transcrições, pelo apoio e amizade.

A todos do grupo de pesquisas LIC, pela amizade, torcida e carinho.

Ao Grazianny, pelas primorosas e cuidadosas transcrições.

À Inesita pela força com o inglês.

À coordenação do PPGE pelo apoio em todos os momentos.

Aos funcionários do PPGE Getúlio, Cidinha, à bolsista Michele e aos funcionários da FACED Sr. Valmir e Alexandre, por sempre atenderem prontamente meus pedidos de socorro, chaves, cafezinho.

Ao Valmir pelo cuidado com nossos filhos na minha ausência.

À Claudia, por ter sempre um cafezinho ou um lanche quando o cansaço me impedia de comer.

Aos meus amigos de perto e de longe, que me acompanham na direção desse sonho.

Aos meus tios e primos que estiveram sempre comigo, em orações e pensamentos.

A todos os alunos que passaram, passam e passarão pela minha vida docente.

Aos bravos companheiros da Rede Municipal de Educação e do Sindicato dos Professores de Juiz de Fora, que com sua luta me auxiliaram a conquistar o direito de ter a “licença remunerada para aperfeiçoamento profissional”.

A todos que comungaram comigo esse sonho: **MUITO OBRIGADA!**

*Não comerciando nossos sonhos, ousando ensinar e aprender  
no diálogo com nossos alunos juntos com os quais nos debruçamos  
sobre o que nos oferece cada autor em cada texto- apesar de todos os revezes-  
temos evoluído em nosso trabalho. Na surdina, nas profundezas de um mar social  
em ebulição na superfície, na desvalorizada escola, a maioria de nossos companheiros  
professores temos compartilhado textos e compreensões, temos partilhado idéias e  
linguagens, porque temos compreendido que ler e escrever não são atos mecânicos de  
reconhecimento, mas processos de construção de compreensões dos objetos, do mundo e das  
pessoas. E sobrevivemos porque só isto não nos satisfaz.*

João Wanderley Geraldi

## RESUMO

Partindo da constatação de que os *blogs* literários têm se tornado um importante instrumento de produção e divulgação da escrita literária, e que a internet é na contemporaneidade um campo no qual os jovens transitam, a presente pesquisa busca **compreender, junto a três professoras do Ensino Fundamental II do Colégio de Aplicação João XXIII, de que maneira os *blogs* literários podem se constituir como uma possibilidade de formação do aluno-autor no processo de produção escrita no interior das aulas de Língua Portuguesa.** Trata-se de uma pesquisa qualitativa de abordagem histórico-cultural fundamentada em Lev S. Vygotsky e Mikhail Bakhtin. Para tal apresenta-se um percurso histórico dos *blogs* na rede mundial de computadores, com ênfase nas suas utilizações no Brasil, realizando uma revisão de literatura em trabalhos acadêmicos, livros e *sites* que tratam do tema. Discute-se a escolarização da literatura e a sua relação com a internet. Os *blogs* literários são compreendidos enquanto gênero do discurso, tendo como base a concepção de gêneros discursivos presente na teoria enunciativa da linguagem de Bakhtin e seu Círculo. Os conceitos de imaginação, arte, desenvolvimento, aprendizagem e mediação em Vygotsky orientam a compreensão do trabalho com *blogs* literários no espaço escolar. A investigação se desenvolveu através dos seguintes instrumentos metodológicos: a observação no processo de construção dos *blogs* literários com os alunos e as entrevistas dialógicas com as três professoras envolvidas. A análise de dados está organizada em três categorias: (a) os *blogs* literários enquanto gênero do discurso; (b) o *blog* literário enquanto possibilidade de autoria e (c) o papel mediador do professor.

**PALAVRAS-CHAVE:** *blogs* literários, autoria, formação do aluno - autor.

## ABSTRACT

In the contemporary world, it is well known that literary *blogs* have become an important instrument of production and propagation of literary written, as well as the internet is a field where the youngsters surf. Therefore, this research try to understand, with three teachers of the Ensino Fundamental II of the Colégio de Aplicação João XXIII, how the literary *blogs* can be one possibility of the learner's formation – which is the author of the written production ins the Portuguese classrooms. This paper presents a qualitative research based on the historical cultural assertions of Lev. S. Vygostsky and Mikhail Bakhtin. Firstly, this paper deals with an historical background of the *blogs* in the wide computer network. In addition, it emphasizes the brazilians' usages of *blogs*, concerning academic works, books and sites. Furthermore, it discusses the education of literature and its relation with the internet. According to Bakhtin's theory of language, literary *blogs* are classified as a genre of speech. The concepts of imagination of literature, art, development, learning and mediation based on Vygostsky, guide the comprehension of the work with the following methodological instruments: the observation in the process of construction of the literary *blogs* with learners and the interviews with the three teachers. The analysis oh the data are organized in three categories: a) the literary *blogs* as genre of speech; b) the literary *blogs* as a possibility of creation and; c) the role of the teacher as a mediator.

**KEY-WORDS:** literary *blogs*, creation, formation of the learner – author.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Chacalog, <i>blog</i> do poeta Chacal .....	30
Figura 2: <i>Blog</i> cep 20.000 (centro de experimentação poética) .....	30
Figura 3: <i>Blog</i> do poeta Fabrício Carpinejar .....	31
Figura 4: <i>Blog</i> de José Saramago .....	32
Figura 5: <i>Blog</i> Incubadora Literária .....	32
Figura 6: Sala de Telemática antes de 2009 .....	57
Figura 7: Sala de Telemática a partir de 2009 .....	57
Figura 8: Página inicial do Blogger .....	63
Figura 9: <i>Blog</i> Corujinha 7C .....	64
Figura 10: <i>Blog</i> Palavra por Palavra .....	66
Figura 11: <i>Blog</i> Gente Inteligente .....	67
Figura 12: <i>Blog</i> do Zé .....	70
Figura 13: Bonde do Camões .....	71
Figura 14: <i>Blog</i> Literário 2B .....	71
Figura 15: <i>Blog</i> da Língua Portuguesa .....	77
Figura 16: <i>Blog</i> de Língua Portuguesa .....	85
Figura 17: A lâmpada de Aladim que ilustra o <i>Blog</i> Corujinha 7C .....	86
Figura 18: <i>blog</i> Palavra por Palavra .....	87
Figura 19: <i>blog</i> Gente Inteligente .....	88
Figura 20: Exemplo de página do <i>Blog</i> de Língua Portuguesa .....	89
Figura 21: Página de comentários do <i>Blog</i> de Língua Portuguesa .....	90
Figura 22: Página inicial do <i>blog</i> Gente Inteligente .....	93
Figura 23: Página inicial do <i>Blog</i> de Língua Portuguesa .....	94
Figura 24: Diário de Leitura – postagem do <i>Blog</i> de Língua Portuguesa .....	100
Figura 25: Resenha do filme “Guerra dos Mundos”, publicada no <i>Blog</i> de Língua Portuguesa.....	101
Figura 26: Texto informativo sobre o Novo Acordo Ortográfico, publicado no <i>Blog</i> de Língua Portuguesa .....	102
Figura 27: Capa do livro “As mil e uma noites” .....	111
Figura 28: Comentário crítico sobre o livro “As mil e uma noites” .....	112
Figura 29: Reconto .....	113

Figura 30: Quadrinhos .....	114
Figura 31: Biografia de Carlos Drummond de Andrade .....	115
Figura 32: Poema de três alunas sobre a adolescência .....	116
Figura 33: Primeira postagem do Gente Inteligente .....	117
Figura 34: Resenha postada no <i>Blog</i> da Língua Portuguesa .....	118
Figura 35: Charge publicada no <i>Blog</i> de Língua Portuguesa .....	119
Figura 36: Crônica postada no <i>Blog</i> de Língua Portuguesa .....	120
Figura 37: Texto de opinião .....	121
Figura 38: Atividade sobre o livro “Menino de Engenho” .....	122
Figura 39: Atividades sobre o livro “Menino de Engenho” .....	123
Figura 40: Diário de leitura .....	124
Figura 41: Texto informativo .....	125
Figura 42: Poema selecionado pelos alunos .....	126
Figura 43: Resenha do filme “Quem quer ser um milionário” .....	127
Figura 44: Resenha do filme “A guerra dos mundos” .....	143
Figura 45: Comentários sobre texto informativo .....	144
Figura 46: Comentários sobre a história em quadrinhos <b>The Umbrella Academy, Suíte do Apocalipse - Gerard Way e Gabriel Bá</b> .....	145
Figura 47: Comentários sobre a postagem Comentário sobre o livro Mistério da Casa Verde de Moacyr Scliar .....	146

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1: Trabalhos presentes no Banco de Teses do Portal Capes.....	36
Quadro 2: Trabalhos em anais eletrônicos de eventos ABEHTE.....	36

## LISTA DE SIGLAS

ABEHTE: Associação Brasileira de Estudos em Hipertexto e Tecnologia Educacional

ANPEd: Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação

C. A.: Colégio de Aplicação

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPq: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CONSU: Conselho Superior

FAFILE: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

FAPEMIG: Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas Gerais

GT: Grupos de Trabalho

HQ: História em Quadrinhos

LIC: Linguagem, Interação e Conhecimento (Grupo de Pesquisa)

*MSN: Microsoft Service Network*

NIPASE: Núcleo de Informática para Software Educacional

*SciELO: Scientific Electronic Library Online*

## SUMÁRIO

Lista de figuras.....	10
Lista de quadros.....	12
Lista de siglas .....	13
<b>Primeiro post: de professora a pesquisadora .....</b>	<b>16</b>
Delimitando a questão .....	22
Expondo os objetivos .....	23
Apresentando a pesquisa .....	23
<b>1. Blogs: de diário virtual a possibilidade pedagógica: .....</b>	<b>26</b>
1.1. Blogs: breve histórico, características e utilização.....	27
1.2. Caracterizando os <i>blogs</i> literários.....	29
1.3. O uso pedagógico dos <i>blogs</i> .....	33
1.4. Outras postagens: a revisão de literatura.....	35
<b>2. A literatura, a escola e os <i>blogs</i> literários.....</b>	<b>42</b>
2.1. Mas que literatura é essa ?.....	42
2.2. A literatura na escola, na internet e nos <i>blogs</i> literários.....	44
2.2.1. Concepções de letramento, letramento digital e letramento literário.....	48
<b>3. Em busca de interlocutores para o diálogo: o percurso metodológico .....</b>	<b>51</b>
3.1. O diálogo com Bakhtin e Vygotsky: a pesquisa na perspectiva histórico cultural.....	51
3.2. Apresentando o campo de pesquisa: o Colégio de Aplicação João XXIII.....	53
3.2.1. A Sala de Telemática e o INFOCentro.....	57
3.3. Os sujeitos da pesquisa.....	58
3.4. O Projeto Piloto .....	60
3.5. O início do trabalho com os <i>blogs</i> literários .....	62
3.6. No meio do caminho havia uma Semana do Livro.....	68
3.7. A observação na pesquisa de perspectiva histórico- cultural.....	76
3.8. As entrevistas dialógicas.....	78

<b>4. Da solidão da escrita: a construção e análise dos dados da pesquisa</b>	
4.1. Os <i>blogs</i> literários como gênero do discurso.....	82
4.2. <i>Blogs</i> literários: um caminho para autoria.....	106
4.3. O papel mediador do professor.....	133
<b>Última postagem: uma resposta provisória e a possibilidade de novos diálogos.....</b>	<b>151</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>159</b>
<b>Anexos e apêndices.....</b>	<b>167</b>

**Primeiro post: de professora a pesquisadora**

*Você não sabe  
O quanto eu caminhei  
Prá chegar até aqui  
Percorri milhas e milhas  
Antes de dormir  
Eu nem cochilei  
Os mais belos montes  
Escalei  
Nas noites escuras  
De frio chorei,*

Toni Garrido / Lazão / Da Gama / Bino

Como se chega a um projeto de pesquisa? Que caminhos percorri “*pra chegar até aqui*”? O que me levou a pesquisar este assunto? Como na música do grupo Cidade Negra, “*percorri milhas e milhas*” e gostaria de resgatar um pouco dos “*belos montes*” que escalei e das “*noites*”, algumas escuras, outras estreladas, que fazem parte da minha trajetória. Cresci numa fazenda do interior de Minas Gerais, cercada de adultos e tendo por companhia de brinquedos somente minha irmã, cinco anos mais nova. As primeiras letras me foram apresentadas por minha mãe, por considerar muito importante que eu não ingressasse no mundo da escola, das palavras, totalmente “*crua*”. Por esse motivo, ela passou um bom tempo escrevendo o A, B, C em qualquer papel que lhe caísse às mãos para que eu copiasse.

O mundo escolar formal conheci no Colégio Santa Marcelina, pelas mãos de irmã Rita, que me apresentou a Marcelo, Rosinha e Marquinho, personagens de “O Barquinho Amarelo” e “Brinquedos da Noite”, meus primeiros livros. Entrar para a escola representou não só a possibilidade de conviver com outras crianças, mas principalmente o encontro com aqueles que se tornaram, a partir do momento em que descobri como decifrar as letras, meus inseparáveis companheiros de todas as horas: os livros.

Meu pai possuía um grande baú de couro repleto de livros. Não se tratavam de belos exemplares da literatura clássica, mas de livros de bolso do gênero popular faroeste. Entre índios de tribos desconhecidas, damas em perigo e diligências assaltadas, o gosto pelas letras foi apurado por Viriato Correia, Monteiro Lobato, Manuel Bandeira e Cecília Meireles,

garimpados na biblioteca da escola com o auxílio precioso de dona Flausina, minha professora da segunda série.

Encantei-me pelo cheiro dos livros, por passear os dedos sobre as lombadas, abri-los devagar, saborear as palavras, ler, reler, apropriar-me... E nunca mais fui vista sem uma leitura por perto. Foram brigas da mãe, repreensões de alguns professores, brincadeiras maldosas de colegas... Nunca me importei. Como a personagem de “O Sr. Pip”, do escritor neozelandês Lloyd Jones, eu simplesmente me esquecia de respirar de tão fascinada pelos livros. A casa podia pegar fogo, mas eu provavelmente só ergueria os olhos, quando as chamas me atingissem.

Esse fascínio cresceu ainda mais durante o Fundamental II, antigo ginásio, quando Maristela, minha professora de Português, apurou meu gosto apresentando-me os clássicos de sua coleção: **A Divina Comédia, Dom Quixote de La Mancha, O Guarani** e as obras de Machado de Assis.

Embora relutasse com a idéia de ser professora, por insistência de minha mãe, cursei magistério e assim que terminei o curso fui lecionar numa escola rural onde não havia sequer carteiras escolares, que dirá livros. Descobri com aquelas crianças e seus pais que viam a escola como quase um templo, a importância de ser professora. Ainda relutante, escolhi a Filosofia como curso acadêmico, mas por ansiar horizontes mais amplos, o curso de Pedagogia veio ao encontro de minhas perspectivas profissionais por estar focado no trabalho direto na docência.

O reencontro com a literatura como parte de minha vida docente aconteceu no curso de pós-graduação em Alfabetização e Linguagem que realizei na Universidade Federal de Juiz de Fora em 1998. Trabalhar textos, sua utilização na escola, análises de discurso, produção, fizeram com que a escolha para o trabalho de conclusão de curso fosse um mergulho na presença do feminino nos contos de fada.

Mergulhei no universo mágico de **Cinderela, Gata Borralheira e Pele de Asno**, para tecer histórica e psicologicamente as concepções que perpassam a visão da mulher nesses clássicos do “conto maravilhoso”, como a eles se referia Vladimir Propp (1997).

Ainda quis ir além e prestei vestibular para o curso de Letras, decidida a me aprofundar mais no universo da literatura. Entretanto, um fato me impediu de prosseguir por esse caminho: o nascimento de meu filho mais velho.

Como ser mãe não aplacou minha fome de literatura, participei do curso de especialização em Estudos Literários na Faculdade de Letras, onde pude conhecer a teoria literária e algumas de suas concepções, bem como a relação da literatura com outras artes

como o cinema e a pintura. Nesse período já acumulava uma experiência de 15 anos de docência e em 1998 fui aprovada para o cargo de coordenadora pedagógica na rede municipal de Educação de Juiz de Fora. Passei então a acumular a dupla tarefa de ser mãe e trabalhadora, o que me impediu de continuar meus estudos. Por nove anos me dediquei a educar meus filhos e meus inúmeros alunos. Paralelamente, compus chapa para a direção do SINPRO (Sindicato dos Professores de Juiz de Fora). Eleita, dispusei o mandato seguinte, militando ativamente durante seis anos. Passei o ano de 1999 liberada do cargo de coordenação para exercer mandato classista, mas em 2000 o desejo de voltar ao “chão da escola” falou mais alto e me tornei então uma professora-coordenadora-mãe-sindicalista.

No ano 2000, a Secretaria de Educação de Juiz de Fora implantou os primeiros Laboratórios de Informática em algumas escolas. Eram compostos de dez computadores ligados em rede, além de duas impressoras. Iniciou-se então um processo de qualificação dos profissionais das escolas para utilização do computador. Foi justamente ao participar de um dos cursos propostos que descobri a internet, e a princípio, me perdia em “navegar” livremente pela rede.

Ainda durante o referido curso<sup>1</sup> fui convidada a participar da pesquisa “*Na tecedura da rede um nó se faz presente: a formação continuada do professor para o uso do computador/ internet na escola*”<sup>2</sup>, e durante os grupos focais reflexivos fui percebendo a importância da pesquisa com professores e as suas contribuições não só para o trabalho docente, como para a constituição do professor/pesquisador.

Atualmente, fui seduzida pela literatura presente na internet. Poder navegar por novos espaços, mergulhar em páginas e imagens, saltar de um *link* a outro, tem me possibilitado outras visões e atitudes frente a esse novo modo de ler e às produções literárias que aí se realizam, principalmente no espaço dos *blogs*<sup>3</sup>, como atesta o jornalista Marcelo Mugnol em entrevista ao jornal **O Pioneiro**, de 11 de junho de 2005:

Nesse emaranhado de informação tem gente criando, tem gente experimentando, tem gente dando a cara para bater, tem gente ousando. E também tem gente aproveitando o espaço como um exercício para a escrita.

---

<sup>1</sup> “**Recursos da informática na sala de aula**”

<sup>2</sup> Pesquisa realizada pela mestranda e integrante do Grupo de Pesquisas Linguagem, Interação e Conhecimento (LIC), da FAGED/UFJF.

<sup>3</sup> O *blog* é uma página da *Web* como um diário cujas atualizações (chamadas posts), são organizadas.

As palavras de Mugnol traduzem um movimento crescente na internet. A *blogosfera*, termo que designa o mundo dos *blogs* cresceu em ritmo vertiginoso. Em 1999, estimava-se que existiam menos de cinquenta *blogs* enquanto no final de 2000, a suspeita era que contavam poucos milhares. Menos de três anos depois, esses números saltaram para algo entre 2,5 e 4 milhões. De acordo com o levantamento “*State of Blogosphere*”, feito pelo Technorati, site que monitora a criação de *blogs*, atualmente existem cerca de 112 milhões de *blogs* e aproximadamente mil são criados todos os dias<sup>4</sup>.

Embora navegasse por sites e páginas que tratam de literatura, o espaço que mais me atraiu foi o dos *blogs* literários, fazendo então com que me tornasse seguidora de alguns deles. O primeiro que visitei foi o de Clarah Averbuck (<http://www.brazileirapreta.blogspot.com/>), que a partir do *blog* publicou “**Cama de gato**” e “**Máquina de Pinball**” em papel. Outros se seguiram: o de Daniel Galera (<http://blogdodanielgalera.blogspot.com/>), José Saramago (<http://caderno.josesaramago.org/>) e tantos ainda que surgem e desaparecem na rede.

A possibilidade de unir literatura, educação e tecnologia fez-se presente quando, na preparação para as provas de ingresso ao mestrado deparei-me com um texto de Freitas (2002), no qual a autora afirma que a interface da informática permite adentrar, através do teclado e do mouse, páginas de leitura e a escrita, não mais lineares, mas hipertextuais, velozes e efêmeras, inaugurando uma nova noção de espaço e tempo. O leitor em tela é mais ativo e experimental, ele próprio, o papel de ser autor de seu caminho para leitura. A navegação tanto permite ao leitor conhecer a obra de um autor como ele mesmo, se aventurar pelos caminhos literários e produzir suas próprias obras. A pesquisadora faz notar o aspecto democrático da internet, ao permitir que “*ao lado de um nome consagrado como Carlos Drummond, surja também o novo poeta desconhecido disponibilizando seus versos*”. (FREITAS, 2002, p.35)

Buscando, então, entrecruzar os três eixos em que a literatura aparece em minha narrativa de vida (pessoal, acadêmica e profissional) e acreditando nas inesperadas possibilidades da produção escrita através da internet, proponho compreender os *blogs* literários<sup>5</sup> como possíveis espaços de autoria na escola. Para este entendimento, é preciso ressaltar que a leitura e a escrita na *web* envolvem atitudes e atos colaborativos de interações virtuais que permitem um mergulho em páginas, imagens, ruídos e movimentos, saltando de um *link* a outro e provocando desdobramentos de textos e subjetividades. A esse respeito, Soares (2002), afirma:

---

<sup>4</sup> <http://technorati.com/state-of-the-blogosphere/>

<sup>5</sup> A definição de *blog* literário está explicitada no capítulo 1.

Pode-se concluir que a tela como espaço de escrita e leitura traz não apenas novas formas de acesso à informação, mas também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever, enfim, um novo letramento, isto é, um novo estado ou condição para aqueles que exercem práticas de escrita e de leitura na tela (p. 6).

E como a escola tem participado desse movimento?

Em minha prática como professora e coordenadora pedagógica percebo que os professores ainda mantêm um distanciamento do uso da internet para fins de leitura e escrita. Esse pressuposto pareceu-me ainda mais forte ao participar de algumas discussões do I Colóquio Formação de Professores e Cibercultura, em dezembro / 2006, no qual, através de pesquisas empíricas apresentadas, especialmente as realizadas pelo grupo LIC, confirmou-se teoricamente o que percebi vivenciando o cotidiano da escola: os alunos utilizam a internet nas mais diversas formas de escrita, mas a escola não conhece essas práticas, conforme explicitado por Freitas (2009):

Através da inserção em escolas, possibilitada pelas pesquisas realizadas, percebeu-se certo descompasso entre o que acontece nas salas de aula e o avanço das tecnologias digitais presentes na contemporaneidade. Observou-se sinais de resistência por parte da escola e dificuldades dos professores em enfrentarem as demandas suscitadas por essas tecnologias. Os atuais professores pertencem a uma geração de transição no que se refere ao computador e a internet. Eles podem ser considerados “estrangeiros digitais”. (p.8).

Certo é que a escola precisa desenvolver mecanismos para aprender, com a experiência digital dos alunos, propostas de leitura e principalmente de escrita que, levando em conta seu olhar, despertem o gosto pela leitura e escrita literária, integrando arte e vida e resgatando o sentido desse sabor no trabalho educativo.

E como trazer toda essa percepção para minha prática? Como refletir todas as questões que perpassam práticas de leitura e escrita na escola, falando de meu lugar de professora e coordenadora não me detendo apenas na prática, mas trazendo os teóricos que as têm discutido e pesquisado? Como aliar o saber científico e minha vida docente já que durante meu processo de formação inicial a pesquisa não se fez presente? Como aliar a militância política em defesa dos direitos dos professores e pesquisa? Como sair de meu lugar de professora e ter um olhar exotópico<sup>6</sup> sobre a prática de outros docentes?

---

<sup>6</sup> Exotopia é o conceito de Bakhtin, segundo o qual, o fato de ocupar um lugar diferente do outro me permite condições de ver e saber “algo que ele próprio, na posição que ocupa e que o situa fora de mim e à minha frente, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, a expressão do rosto –

O caminho mais natural pareceu-me o Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Fui selecionada em 2008 e passei a integrar o grupo de pesquisa LIC (Linguagem, Interação e Conhecimento), que então desenvolvia a pesquisa **“Computador /internet como instrumentos culturais de aprendizagem na formação de professores em diferentes contextos educacionais de uma universidade federal.”**<sup>7</sup>.

A pesquisa teve como objetivos compreender de que forma, nos diferentes contextos da Universidade Federal de Juiz de Fora, no processo de formação inicial e continuada de professores, focando os cursos de Pedagogia e Licenciaturas, bem como professores do ensino fundamental e médio do colégio de aplicação da referida instituição, acontece a incorporação do computador/internet como instrumentos culturais de aprendizagem na prática pedagógica.

Dentro da referida pesquisa, subdivida em cinco subprojetos, situei-me no subprojeto IV, que buscou compreender como professores de Ensino Fundamental e Médio do Colégio de Aplicação João XXIII percebem o uso do computador/internet pelos alunos no cotidiano e no infocentro da escola e como este uso se reflete na sala de aula, no que tange à aprendizagem e às práticas de letramento. É neste contexto que se insere a pesquisa desenvolvida por mim.

Inseri-me neste subprojeto porque os *blogs* literários são o espaço, por mim eleito, para estudar e trabalhar a relação escola/computador/ internet na formação do aluno autor.

---

o mundo ao qual ele dá as costas, toda uma série de objetos e de relações que, em função da respectiva relação em que podemos situar-nos, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele” (BAKHTIN, 1992, p. 43).

7 Pesquisa financiada pelo CNPq e FAPEMIG, coordenada pela Prof. Dra. Maria Teresa de Assunção Freitas.

## Delimitando a questão

*No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador.*

Paulo Freire

Como se forma um pesquisador? Essa era uma questão que me perseguia no início do curso de mestrado. Ao se iniciarem as reuniões do grupo de pesquisa LIC, eu, sempre falante, tornei-me uma ouvinte atenta. Não sabia como me colocar. Embora hoje possa assumir com clareza as palavras de Paulo Freire que escolhi como epígrafe, naquele momento e até mesmo durante o meu processo de qualificação, eu ainda me via apenas como uma professora militante. Em que momento me “*percebi*” e me “*assumi*”, porque professora como pesquisadora? Creio que foi quando me deparei com a minha questão de pesquisa, que a princípio estava ainda muito ligada ao meu histórico de militância docente e ao fato de ser coordenadora pedagógica. Inicialmente o que pretendia era oferecer aos colegas professores uma “solução” para a escrita autoral dos alunos no meio digital. A banca de qualificação me fez enxergar quão pretensiosa era essa premissa. Busquei então reavaliar os motivos que me levaram a pesquisar, o que representava esse movimento para os sujeitos que eu pretendia envolver, qual a relevância desse trabalho para minha vivência e de meus pares. A partir desse movimento de reflexão e muitas leituras, cheguei à questão da pesquisa aqui apresentada:

**Compreender, junto a três professoras do Colégio de Aplicação João XXIII, de que maneira os *blogs* literários podem se constituir como uma possibilidade de formação do aluno-autor no processo de produção escrita no interior das aulas de Língua Portuguesa.**

Esta questão se detalha em outras questões orientadoras:

- ✓ **Que relação as professoras estabelecem entre ensino / aprendizagem / literatura / internet?**
- ✓ **Como percebem a criação literária autoral através dos *blogs*?**
- ✓ **Como vêem a participação do professor de Língua Portuguesa no processo de formação do aluno- autor?**

## Expondo os objetivos

Como objetivo geral dessa pesquisa busco, portanto, compreender junto a três professoras de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II do Colégio de Aplicação João XXIII, como os *blogs* literários podem se constituir como uma possibilidade de autoria dos alunos no trabalho com a escrita. Em decorrência desse objetivo a pesquisa assume os seguintes objetivos específicos:

- ✓ **Analisar com as professoras alguns *blogs* literários presentes na rede;**
- ✓ **Construir com as professoras e seus alunos um *blog* literário para cada turma;**
- ✓ **Refletir com as professoras sobre o trabalho com os *blogs* literários e as possibilidades de autoria dos alunos por eles suscitadas;**
- ✓ **Suscitar nas professoras uma reflexão que possa gerar uma ação pedagógica sobre as possibilidades de uso dos *blogs* literários no processo de formação do aluno-autor.**

## Apresentando a pesquisa

A pesquisa ocorreu no Colégio de Aplicação João XXIII, vinculado à Universidade Federal de Juiz de Fora. Essa escolha deve-se ao fato de que, como professora e coordenadora de rede pública, meu desejo era trabalhar na pesquisa com professores dessa modalidade de instituição e ao mesmo tempo, por estar o grupo de pesquisas LIC, ao qual sou vinculada, realizando outras pesquisas na referida escola.

Buscando o que Amorim (2004) denomina *dialogismo de campo*<sup>8</sup>, foram convidadas para constituírem-se como sujeitos de pesquisa três professoras de Língua Portuguesa dos sétimos anos do ensino fundamental do Colégio de Aplicação João XXIII<sup>9</sup>, entretanto ao final da execução do Projeto Piloto, o campo me apresentou outro sujeito<sup>10</sup>: uma professora do nono ano do ensino fundamental.

Na primeira fase da pesquisa, realizei o Projeto Piloto que se constituiu de observação do campo e dos sujeitos e na construção de três *blogs* literários com as professoras e seus

---

<sup>8</sup> *Uma outra maneira de abordar a questão da relação com o outro e do lugar do pesquisador.* (p.20)

<sup>9</sup> No decorrer do texto desta dissertação sempre que utilizar a nomenclatura **Colégio**, estarei me referindo ao **Colégio de Aplicação João XXIII**.

<sup>10</sup> Esse processo está detalhado no capítulo destinado ao percurso metodológico.

alunos na Sala de Telemática<sup>11</sup>. A segunda fase foi realizada de junho a dezembro de 2009, quando procedi à observação e análise dos *blogs* literários construídos e realizei as entrevistas dialógicas<sup>12</sup> com as professoras.

A narração de meus caminhos de pesquisa está organizada da forma descrita a seguir.

No primeiro capítulo, traço um percurso histórico dos *blogs*, seu surgimento na rede mundial de computadores e as mudanças ocorridas em seus usos até o momento atual. Estabeleço o conceito de *blog* literário que permeia a pesquisa e realizo uma revisão de literatura, buscando em livros, artigos de periódicos disponíveis no Scielo<sup>13</sup>, trabalhos apresentados na Anped<sup>14</sup> e nos anais eletrônicos dos eventos organizados pela ABEHTE<sup>15</sup>, resumos de teses e dissertações do Portal Capes<sup>16</sup>, revistas e jornais de circulação local e nacional, *blogs* e textos de sites da internet, trabalhos que demonstrem como se desenvolveram os estudos sobre o tema no Brasil.

No segundo capítulo, a partir de Moriconi (2005) demonstro de que literatura estou tratando, apresento minhas indagações a respeito da escolarização da literatura para em seguida, ancorada por Soares (1999) e Walty (1999) demonstrar como esta tem se dado na escola. Partindo dessas considerações busco estabelecer uma relação entre leitura, escrita e internet, destacando o papel da escola no desenvolvimento de propostas que propiciem a formação do aluno-autor, através de recursos da internet, mais especificamente dos *blogs* literários.

O capítulo 3 traz o referencial teórico-metodológico que orienta a pesquisa: a perspectiva histórico-cultural, ancorada nos autores Lev S. Vygotsky e Mikhail Bakhtin detalha minha entrada no campo de pesquisa, descreve o local da mesma e apresenta os sujeitos nela envolvidos. Descreve ainda o processo de construção das categorias de análise.

Objetivo no quarto capítulo, trazer as considerações resultantes do diálogo estabelecido entre os dados construídos e os autores por mim eleitos para discutir as possibilidades de utilização dos *blogs* literários na constituição de alunos autores nas aulas de Língua Portuguesa.

---

<sup>11</sup> Espaço dotado de 34 computadores com acesso à internet usado pelos professores e alunos para desenvolvimento de atividades pedagógicas.

<sup>12</sup> A entrevista dialógica na abordagem histórico-cultural tem a particularidade de ser compreendida como uma produção de linguagem e acontece entre duas ou mais pessoas: entrevistador e entrevistado (s) numa situação de interação verbal objetivando a mútua compreensão. Não uma compreensão passiva baseada no reconhecimento de um sinal, mas no dizer de Bakhtin (1988), é responsiva, pois já contém em si mesma o gérmen de uma resposta. (Freitas, 2003; p.34).

<sup>13</sup> *Scientific Electronic Library Online*

<sup>14</sup> Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

<sup>15</sup> Associação Brasileira de Estudos de Hipertexto e Tecnologia Educacional

<sup>16</sup> Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Por fim, teço algumas conclusões provisórias, inacabadas e não fechadas, que vieram à tona durante meu processo de pesquisa. Nas palavras de Bakhtin (2003):

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos *do passado*, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo. (p. 410).

## 1. Blogs: de diário virtual a possibilidade pedagógica

*blog é uma merda. se você não escreve no blog, te mandam emails reclamando do abandono. se está se sentindo mal e escreve no blog, te escrevem reclamando que você reclamou. se você está feliz e escreve no blog, te acusam de só falar de si mesmo. se você cansou de ficar reclamando e ficando feliz publicamente porque causa muito furor e foi trabalhar, dizem que você está negligenciando seus importantíssimos leitores. então você publica um trecho de seu novo livro no blog e ele VIRA UM LIVRO DE BLOG. se você escreveu uma crônica e publicou no blog, ela vira um TEXTO DE BLOG. se você escreve um conto ficcional, ele vira um FATO CUSPIDO E NARRADO EM UM BLOG. depois ainda perguntam por que eu canso. mas aí fico com uma saudadinha de poder publicar a qualquer momento e faço um blog qualquer escondido. leva um tempo até descobrirem e é legal. depois, quando descobrem e começam a achar que o meu email é um SAC, é hora de acabar.*

*ano que vem tem livro novo,  
talvez dois: Clarah Averbuck*

Clarah Averbuck tem sido apontada por diversos autores como uma das mais representativas figuras da geração de escritores que começaram a publicar nos *blogs* e tiveram suas obras publicadas em papel. O desabafo da escritora e *blogueira* usado na epígrafe aconteceu quando da repercussão de sua decisão de extinguir o *blog*<sup>17</sup> que a consagrou. Entretanto logo se rendeu e inaugurou um novo *blog*<sup>18</sup> onde postou o reconhecimento de que o desejo de escrever falou mais alto:

**Friday, July 10, 2009**

**TODO MUNDO JÁ SABIA**

... que ia acontecer. só não se sabia quando.

pois bem, aconteceu.

eu fiz outro *blog*. rarara.

mas agora é mais chique; tenho meu próprio domínio grande vírgula.

abracinho,  
c.

at 12:13 AM.

<sup>17</sup> <http://www.brazileirapreta.blogspot.com>

<sup>18</sup> <http://adioslounge.blogspot.com>

Mas afinal, que espaço é um *blog*? Como surgiu esse espaço tão “viciante”, que, de acordo com Rick Klaus, diretor executivo do *Blogger.com*<sup>19</sup>, tem o Brasil como o segundo país em número de usuários, perdendo apenas para os Estados Unidos? É o que procuro trazer agora.

### 1.1 *Blogs*: breve histórico características e utilização

Existem controvérsias sobre sua origem que são apontadas tanto por Marcuschi (2005), quanto por Costa (2008). Marcuschi (2005) afirma que a expressão surgiu em 1997 e que “*diz a lenda que o termo foi cunhado por Jorn Barger para descrever sites pessoais que fossem atualizados freqüentemente e contivessem comentários e links*”. (p. 60)

Optei pela versão de Costa (2008, p.43), que, utilizando o relato de Oliveira (2002), aponta o americano Justin Allyn Hall, Este autor, em janeiro de 1994, criou o diário *Justin's Links from the Underground*, onde publicava relatos de viagens, bebedeiras, aulas, namoros, o suicídio do pai e fotos muito íntimas, nu ou urinando, como pioneiro dessa ferramenta. Relata ainda que “outras fontes” dão conta de que seu surgimento ocorreu no fim de 1997, com Jorn Barger ou agosto de 1999 com a utilização do software *Blogger*, criado pela empresa de Evan Williams e visto como “ferramenta de auto-expressão”.

O termo *blog* parece ser consenso, pois tanto Marcuschi (2005) quanto Costa (2008) apontam sua raiz nos termos **Web** (rede de computadores) e **log** (tipo de diário de bordo utilizado por navegadores para anotar as posições do dia). Com sua popularização a expressão **Weblog** foi abreviada para **blog**.

Independente de qualquer controvérsia, o *blog* se firmou como um modo de publicação na internet que há muito deixou de representar uma forma de diário para se firmar como uma ferramenta de expressão acessível a qualquer pessoa que, mesmo não dominando técnicas de construção na *web*, consiga ter acesso a um computador ligado à internet. Exemplo recente disso é a cubana Yoani Sánchez. Mesmo vivendo as restrições impostas aos habitantes de Cuba e, portanto, sem possuir internet em casa, foi indicada pela revista *Time* como uma das pessoas mais influentes no mundo em 2008 por criticar através de seu *blog* Geração Y<sup>20</sup>, o governo de Fidel e Raul Castro.

---

<sup>19</sup> Provedor que oferece serviço gratuito de publicação e hospedagem de *blogs*. ([www.blogger.com.br](http://www.blogger.com.br))

<sup>20</sup> <http://www.desdecuba.com/generaciony/>

No Brasil os *blogs* tornaram-se populares entre 2000 e 2001, graças ao fato de serem fáceis de criar e manter, bem como abrirem uma gama de possibilidades de publicação irrestrita de textos, vídeos, músicas e imagens.

Alex Primo e Raquel Recuero (2003), pesquisadores do tema na área de Comunicação, ao analisarem a escrita coletiva a partir dos *blogs* e da Wikipédia, destacaram “a *construção de uma rede de relações, construções e significados*” trazidos pelos *blogs*. O leitor pode certificar-se da fonte do texto (*links*), observar as discussões que ele tem suscitado (comentários cronológicos), saber mais sobre o assunto (*trackback*) expor suas opiniões através dos comentários ou ainda fazer recomendações por meio de *links* em seu próprio *blog*. O internauta pode então se tornar leitor, autor, co-autor. Vale ressaltar que a co-autoria só é possível em *blogs* coletivos que permitem ao leitor alterar os textos, pois em sua maioria os *blogs* representam espaços de produção individual onde o leitor só pode intervir através dos comentários.

Atualmente, os *blogs* não se constituem somente como diários virtuais, mas também como espaço jornalístico, independente ou vinculado a grandes redes de comunicação. Recentemente os *blogs* literários se firmaram como um modo de criação e publicação de textos de autores já consagrados e também daqueles desconhecidos pelo grande público.

Os textos dos *blogs*, de uma forma geral, são publicados em blocos chamados “*posts*”, organizados em ordem cronológica pela sua data de publicação. Esses blocos de texto costumam utilizar muitos *links* para fontes e contraposição de fontes (BLOOD *apud* PRIMO; RECUERO, 2003, p.56), sendo esta também uma de suas características.

Os primeiros *blogs* baseavam-se em *links*, dicas e comentários de sites pouco conhecidos e atuavam também como publicação eletrônica. Desse modo, ao contrário do comumente difundido, não nasceram com o fim específico de serem usados como “diários eletrônicos”, mas como formas da expressão individual. (PRIMO; RECUERO, 2003)

No espaço do *blog*, é permitido ao internauta concordar ou discordar dos *posts*, posicionar-se:

(...) criar novos nós para a rede hipertextual, seja através de um comentário, seja através de um *link* para seu próprio *blog*, criando espaços de negociação – embora estes espaços (janelas de comentários) destinados ao debate sejam menos visíveis, laterais ao grande espaço dos textos do *blogueiro*. Mais do que seguir *links* e trilhas, criar novos nós e *links*. A ação do internauta aqui, portanto não se restringe a percorrer trilhas entre os *links* na *Web*, a simplesmente navegar. Ela é constituída de forma conjunta, modificando a estrutura da própria *Web*. Trata-se de uma ação coletiva e construída de complexificação e transformação da rede hipertextual pela ação dos *blogueiros* e leitores, que terminam por participar também como autores. (PRIMO; RECUERO, 2003:58)

Criar um *blog* não é tarefa difícil e qualquer pessoa com um computador conectado à internet pode facilmente fazê-lo. Para Komesu (2005) sua popularidade se apóia na ausência da exigência de conhecimentos técnicos de informática e na gratuidade.

Embora atualmente convivam na “*blogosfera*”<sup>21</sup> *blogs* do mais diversos tipos, o que me interessa aqui são aqueles que se caracterizam pela postagem de contos, poemas e outros textos de autoria do *blogueiro*<sup>22</sup>: os *blogs* literários.

## 1.2. Caracterizando os *blogs* literários

Encontrei dificuldade em conceituar “*blogs* literários”, tendo em vista que não me deparei nas referências bibliográficas com uma definição precisa da expressão. Em busca de um conceito que pudesse ancorar minha pesquisa, descobri em Abrão (2007), alguma proximidade: “*Blogs literários: onde o autor divulga contos, poesias, ou qualquer outra forma de produção literária, podendo ser sua ou não*”. (p.13)

Considero, portanto, que podem ser definidos como *blogs* literários aqueles que se constituem como um espaço de criação, publicação e divulgação de textos literários. Uma característica própria deles é permitir ainda que o autor solicite a cooperação de seus leitores, que podem fazê-lo, não só através de comentários, como ainda no próprio texto.

Essa liberdade de diálogo pode ser encontrada em variados “tipos”. Seus autores se permitem experimentar linguagens, formatos e intervenções, mas sempre com a clara intenção de provocarem uma resposta do leitor. Seu conteúdo pode tratar de poesia, prosa, divulgação de obras, notícias, notas de humor.

Um exemplo disso é o poeta Chacal que mantém dois *blogs*: o *Chacalog* (<http://chacalog.zip.net/index.html>) em que alterna textos poéticos, divulgação de shows, notícias sobre si próprio ou outros artistas e ainda entrevistas e o *CEP 20.000*, para convidar os leitores a participarem com comentários, poemas, “pensares sobre poesia” ou “*links* para coisas boas no *Youtube*”.

---

<sup>21</sup> Termo coletivo que compreende todos os *weblogs* (ou *blogs*) como uma comunidade ou rede social com muitos *blogs* densamente interconectados e na qual os *blogueiros* têm acesso aos *blogs* uns dos outros, criam enlaces para os mesmos, referem-se a eles na sua própria escrita e postam comentários em outros *blogs*.

<sup>22</sup> Termo usado para designar aquele que escreve nos *blogs*.

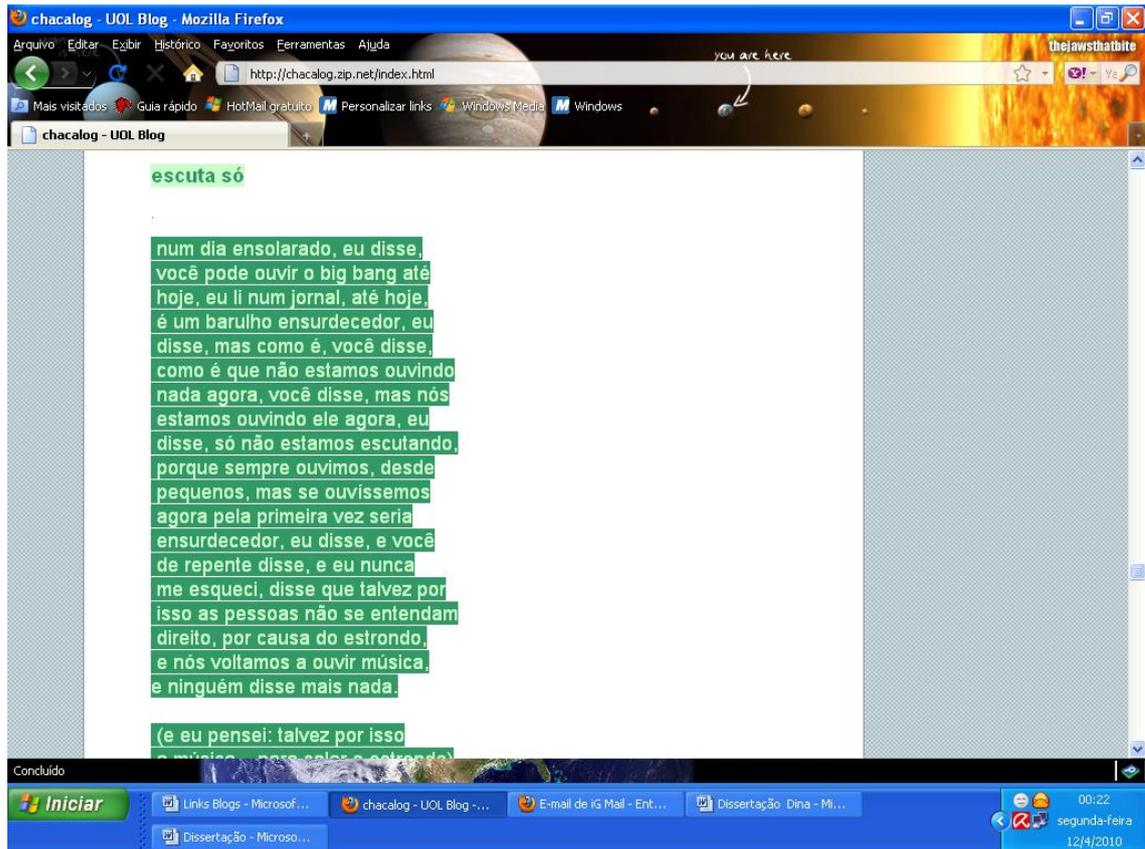


Figura 1: Chacalog, *blog* do poeta Chacal

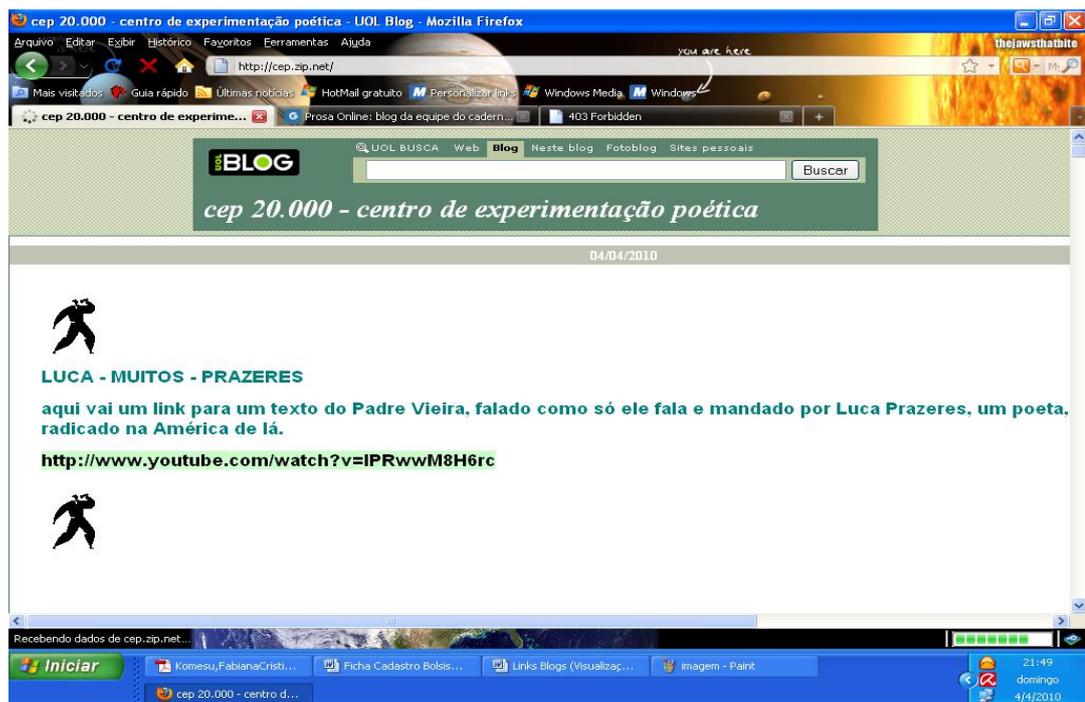


Figura 2: *Blog* cep 20.000 (centro de experimentação poética)

Outro exemplo de *blog* literário é o do poeta Fabrício Carpinejar:



Figura 3: Blog do poeta Fabrício Carpinejar

A possibilidade de convivência entre autores ainda pouco conhecidos e outros já consagrados já vista por Freitas (2002) é confirmada quando se observa que, ao lado de Chacal e Carpinejar, poetas conhecidos por leitores brasileiros, encontra-se no espaço dos *blogs* o português José Saramago, prêmio Nobel de Literatura e ainda o *blog* “Incubadora Literária”, idealizado e alimentado por Carlena H. Mendes, Cris Costa e Lyani, respectivamente professora de ensino técnico, “apaixonada por literatura” e bibliotecária. Assim como Chacal, as autoras da “Incubadora Literária” solicitam a participação dos leitores, porém de forma díspar à feita pelo poeta: os textos são postados pelas autoras no espaço de um post, sempre com um assunto pré-definido. Após a postagem são expostos à votação do público que escolhe o vencedor.



Figura 4: *Blog* de José Saramago

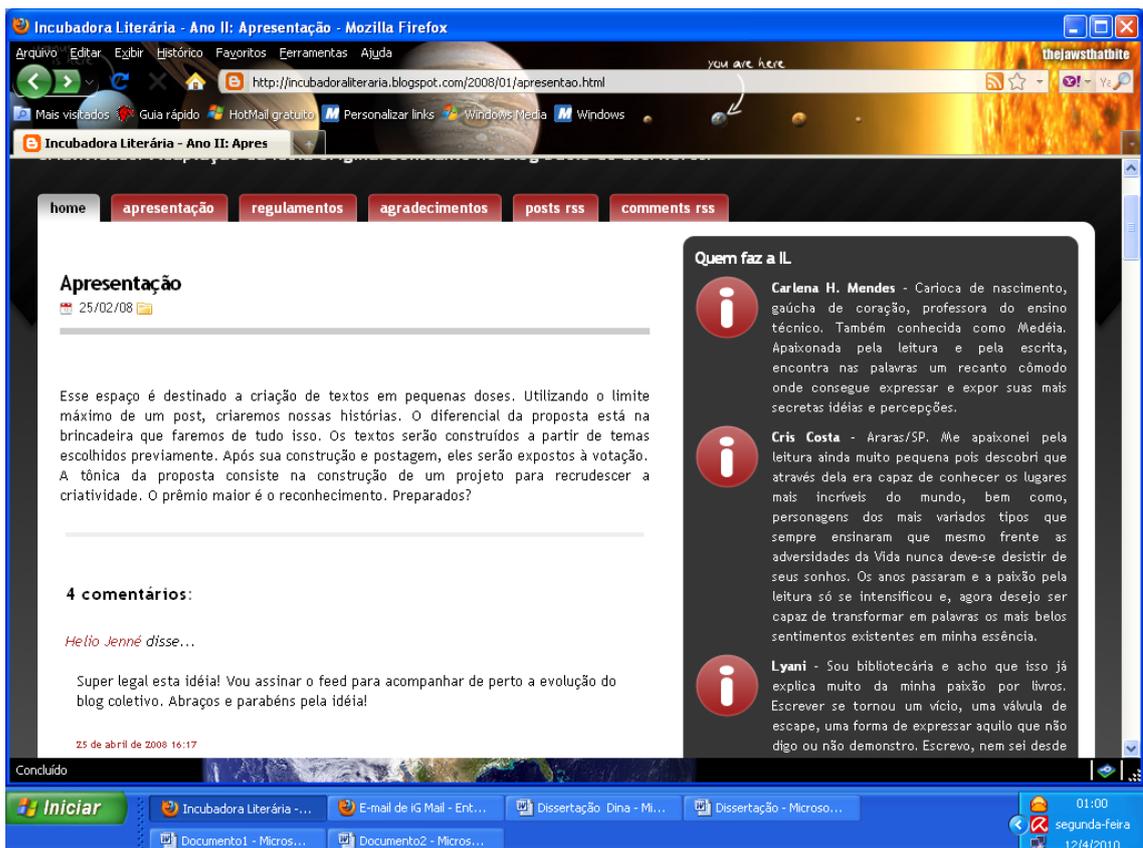


Figura 5: *Blog* Incubadora Literária

Muito embora ainda guardem características de diário pessoal, os *blogs* em geral apresentam um caráter de relatividade que demonstra um gênero flexível, ligado diretamente às práticas sociais. Novas necessidades discursivas demandam o surgimento de novos tipos de *blogs*. Ainda que apresente aspectos do gênero diário, o *blog* traz outras características relacionadas ao auditório a que se dirige e à intenção discursiva de seu autor.

### 1.3. O uso pedagógico dos *blogs*

O uso do computador e da internet como instrumentos culturais de aprendizagem no interior da escola já vem sendo discutido por estudiosos como Freitas (2008), que chama atenção para o fato de que eles

[...] podem possibilitar a construção compartilhada de conhecimento via interatividade, de que fala a teoria histórico-cultural; estimular novas formas de pensamento no enfrentamento com a hipertextualidade neles presente pela inter-relação de diversos gêneros textuais expressados por diversas linguagens (sons, imagens estáticas e dinâmicas, textos em geral); permitir a construção de diversos percursos de aprendizagem através da atividade do sujeito que interage com o outro e com o objeto de conhecimento mediado pela plasticidade interativa própria das tecnologias digitais trazidas pelo computador e internet. ”<sup>23</sup> (s/p.)<sup>24</sup>

O artigo da pesquisadora ainda destaca a importância da “mediação humana do professor” para esse uso. No que tange à utilização pedagógica dos *blogs*, basta uma rápida busca pela internet para localizarmos *blogs* individuais de alunos ou professores e ainda *blogs* coletivos que podem ser de grupos de alunos, de professores, de ambos ou ainda de escolas. Desses alguns buscam tratar de uma disciplina, de um evento escolar, de atividades desenvolvidas por profissionais da escola ou de seus alunos, enfim, percebemos que, embora ainda de forma tímida, se considerarmos a utilização dos *blogs* fora do âmbito escolar, o uso pedagógico deles tem se ampliado paulatinamente com os mais diferentes formatos e objetivos. Betina Von Staa<sup>25</sup> nos apresenta sete motivos para que o professor crie um *blog*:

1. É divertido.
2. Aproxima professor e alunos

<sup>23</sup> Anais eletrônicos do Segundo Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação/Multimodalidade e Ensino, disponível em: <http://www.ufpe.br/nehete/simposio2008/anais/Maria-Teresa-Freitas.pdf>

<sup>24</sup> A publicação eletrônica do texto não possui paginação.

<sup>25</sup> Disponível em: [http://www.educacional.com.br/arculistas/betina\\_bd.asp?codtexto](http://www.educacional.com.br/arculistas/betina_bd.asp?codtexto)

3. Permite refletir sobre suas colocações.
4. Liga o professor ao mundo.
5. Amplia a aula.
6. Permite trocar experiências com colegas.
7. Torna o trabalho mais visível. (p.1-3)

Aliado aos motivos acima relacionados encontra-se o fato de que a criação e a manutenção de um *blog*, como já dito anteriormente, não demandam conhecimentos específicos da linguagem informática e são gratuitas, permitindo à escola e, em particular, aos professores poderem dele se utilizar para as mais diversas situações de ensino-aprendizagem.

Gomes (2005) encara os *blogs* como recursos ou estratégias pedagógicas de acordo com seu uso:

Enquanto “recurso pedagógico” os *blogs* podem ser:

- ✓ Um espaço de acesso à informação especializada.
- ✓ Um espaço de disponibilização de informações por parte do professor.

Enquanto “estratégia pedagógica” os *blogs* podem assumir a forma de:

- ✓ Um portfólio digital.
- ✓ Um espaço de intercâmbio e colaboração entre escolas.
- ✓ Um espaço de debate – role playing.
- ✓ Um espaço de integração. (p.312-313).

Embora considere a divisão elaborada pela autora muito esquemática, o que mais me interessa é a convicção de que os *blogs* podem suscitar diversas situações de ensino/aprendizagem, o que se coaduna com os pressupostos explicitados por Freitas (2008) e, principalmente, com as premissas que orientam minha pesquisa com os *blogs* literários, pois discuto como eles podem tornar a produção escrita nas aulas de Língua Portuguesa um processo não só mais atraente para os alunos, como ainda investigo a possibilidade de que eles se sintam autores de seus próprios textos.

Como forma de conhecer outros autores que discutem os *blogs*, suas relações com a escrita, a leitura e seus usos na Educação, trago a seguir uma mostra de várias produções.

#### 1.4. Outras postagens: a revisão de literatura

Buscando compreender como esse instrumento: o *blog*, tem sido estudado nos meios acadêmicos, iniciei uma revisão bibliográfica que pudesse se constituir em um “*contato dialógico*” como definido por Bakhtin (2003):

O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo. Salientemos que esse é um contato dialógico entre textos (enunciados), e não de um contato mecânico de “oposição”, só possível no âmbito de um texto (mas não do texto e dos contextos), entre os elementos abstratos (os *signos* no interior do texto), e necessários apenas na primeira etapa da interpretação (interpretação do significado e não do sentido). Por trás desse contato está o contato entre indivíduos e não entre coisas (no limite). (p. 401)

Entendendo que para compreender necessito estabelecer contato entre meu texto e outros textos a fim de fazer surgir a luz que me traga a compreensão do percurso histórico e cultural em que se desenvolveram os estudos sobre *blogs* no Brasil, procurei aqui dialogar com livros, artigos de periódicos disponíveis no SCIELO<sup>26</sup>, trabalhos publicados na ANPED<sup>27</sup> e nos anais eletrônicos dos eventos organizados pela ABEHTE<sup>28</sup>, teses e dissertações presentes no Portal Capes, revistas e jornais de circulação local e nacional, *blogs* e textos de sites da Internet, em especial no site de buscas Google Acadêmico<sup>29</sup>.

Para artigos, textos da internet e teses e dissertações do Portal Capes, estabeleci um recorte temporal entre os anos de 2006 e 2010, sendo que no caso do Portal Capes só estão disponíveis os trabalhos defendidos até 2008, elegendo como chaves de busca o termo *blogs* e a expressão *blogs* literários.

No Banco de Teses do Portal Capes ao indicar como palavra-chave o termo *blogs*, encontrei um total de 27 trabalhos, assim distribuídos:

<sup>26</sup> Cadernos de Pesquisa, Caderno Cedes, Educação e Sociedade, Educação e Pesquisa, Revista Brasileira de Educação e Alea – Revista de Estudos Neolatinos – 2004 a 2008.

<sup>27</sup> Grupo de Trabalho 10 – Alfabetização, Leitura e Escrita e Grupo de Trabalho 16 – Educação e Comunicação.

<sup>28</sup> II Encontro Nacional sobre Hipertexto – Fortaleza 2007; I CHIP \_ Colóquio sobre Hipertexto. Universidade Federal do Ceará 2008; II Simpósio sobre Hipertexto e Tecnologias na Educação - Recife 2008; III Encontro Nacional sobre Hipertexto - Belo Horizonte 2009.

<sup>29</sup> Site de buscas do Google, que permite acessar o conteúdo de artigos, teses e dissertações.

ÁREAS DO CONHECIMENTO	MESTRADO	DOCTORADO
ANTROPOLOGIA		01
ARTES	01	
COMUNICAÇÃO	03	02
EDUCAÇÃO	06	01
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO	01	
LETRAS	08	01
PSICOLOGIA	02	
SOCIOLOGIA	01	
TOTAL	<b>22</b>	<b>05</b>

A partir da leitura dos resumos dos trabalhos distribuídos nas áreas do conhecimento contempladas no quadro acima, pode constatar que, do total de trabalhos encontrados, somente 02 tratam de *blogs* literários, ambos desenvolvidos em dissertações de mestrado na área de Letras<sup>30</sup>.

No SCIELO, ao dirigir a pesquisa para a palavra *blogs*, 03 trabalhos<sup>31</sup> foram encontrados, mas não obtive resposta ao fazer a busca utilizando a expressão *blogs* literários.

Em relação aos trabalhos apresentados na ANPED, somente um artigo foi encontrado, enquanto que nos anais eletrônicos dos eventos organizados pela ABEHTE, um bom número de trabalhos que tratam de *blogs* foi identificado como demonstra o quadro abaixo:

TRABALHOS EM ANAIS ELETRÔNICOS DE EVENTOS DA ABEHTE	
<b>I Colóquio sobre Hipertexto</b>	<b>02</b>
<b>II Encontro nacional sobre Hipertexto</b>	<b>09</b>
<b>II Simpósio sobre Hipertexto e tecnologias na Educação</b>	<b>02</b>
<b>III Encontro nacional sobre Hipertexto</b>	<b>06</b>
<b>Total</b>	<b>19</b>

Embora o quadro configure uma demonstração do interesse pelo estudo dos *blogs*, somente 02 trabalhos tratam dos *blogs* literários e coincidentemente são de autoria desta pesquisadora.

A pesquisa no site Google Acadêmico se explica pelo fato de que ele possui uma atualização mais frequente que os anteriores. Todavia, necessitei refinar meu processo de busca, já que sua abrangência é muito vasta e muitos trabalhos já constavam das buscas descritas anteriormente. Julgo conveniente relatar que ao solicitar a busca com o termo *blogs*

<sup>30</sup> Lingüística e Lingüística Aplicada

<sup>31</sup> Os trabalhos encontrados situam-se nas áreas de Psicologia e Comunicação e foram localizados Apenas quando usei a ferramenta que permitia a busca em todo conteúdo do site.

no título ou resumo, obtive um total de 65 trabalhos. Ao solicitar a expressão *blogs* literários obtive a mostra de 25 trabalhos.

O que fazer então com tantos textos? Num processo de “depuração”, elegi para esta revisão aqueles que apresentaram mais proximidade com meu objeto de estudo e optei por dirigir meu olhar para aos trabalhos que tratem especificamente sobre:

- a) **os *blogs* como espaço de escrita pessoal;**
- b) **possibilidades de comunicação oferecidas pelos *blogs*;**
- c) **os *blogs* e seus usos na Educação;**
- d) ***blogs* literários e suas possibilidades no trabalho com a leitura e a escrita.**

Ao me deter em trabalhos que pesquisaram **os *blogs* como espaço de escrita pessoal**, analisei as pesquisas de Prange (2003), Schittine (2004), Komesu (2005) e Chagas (2007), que se referem à escrita de si, sobre si ou escrita íntima. Essas autoras destacam aspectos que caracterizam os *blogs* como diários virtuais: escrita sobre si, narração de acontecimentos íntimos, a temporalização expressa através da data em que a página foi postada.

Cabe destacar que, embora as autoras ainda considerem o *blog* como um espaço de escrita pessoal, uma espécie de diário virtual, o que a princípio não estabeleceria ligações com os *blogs* literários, os trabalhos trazem contribuições importantes para minha pesquisa, uma vez que Prange (2003) conclui que os *blogs* são um gênero híbrido de escrita com características encontradas nos diários pessoais, nas correspondências íntimas e nas formas de escrita sobre si que se destinam à publicação. Komesu (2005) também ressalta a interatividade do suporte, sinalizando sua crença de que na comunicação mediada pelo computador se realize a exotopia bakhtiniana: a presença do outro ou a mediação do outro. Apresento a seguir os trabalhos que focalizam as **possibilidades de comunicação oferecidas *blogs***.

Silva (2008) demonstra o caráter cooperativo da escrita nos *blogs*, destacando o uso da ferramenta de comentários como instrumento de interação e diálogo. Mas meu olhar se deteve principalmente sobre sua percepção de que a internet ocasionou mudanças “*no estatuto do autor e leitor*” quanto ao seu “*funcionamento discursivo*” e destaca a participação do outro não só pela dialogia da linguagem, mas principalmente, porque, para o pesquisador, a sua presença detectada pelo contador de visitas define o “*índice da visibilidade do sujeito*”. Conclui desse modo que o escritor de *blogs* age “*num voyerismo às avessas*”, pois é vigiado pelo outro ao mesmo tempo em que busca “*flagrar a presença alheia*”, ou seja, “*fazer ver e ser visto*”.

A leitura das pesquisas desses autores me permitiu perceber que, embora tenha até mesmo na raiz etimológica do termo o conceito de diário, os *blogs* evoluíram e hoje apresentam os mais diversos usos, bem como permitem interação entre leitores e autores.

Os trabalhos de Guimarães (2003), Di Luccio (2005), Dantas (2006), Kozikoski (2007) e Di Luccio e Costa (2007) embora tratem do aspecto interativo da leitura e da escrita presente nos *blogs*, fazem-no sob diferentes olhares.

Guimarães (2003) discute a variedade de temas ligados aos *blogs* e a importância destes no desenvolvimento de relações interpessoais, mas destaca que, “*a característica diferenciadora do blog é a facilidade de produção e publicação de textos e imagens na world wide web*” (p.2). Todavia, Di Luccio (2005) diz, ao concluir sua pesquisa e ainda no artigo publicado com Costa (2007), que essa interação de fato não acontece, pois a seção destinada aos comentários que deveria representar um espaço de diálogo, apenas recebe as postagens dos leitores não lhes oferecendo respostas, embora em sua pesquisa de mestrado analise as alterações e transformações ocorridas nas práticas de leitura e escrita presentes nos *blogs* e as relações estabelecidas entre seus escritores e leitores, destacando que em seus depoimentos os *blogueiros* afirmam que essa ferramenta possibilita a liberdade de expressão, o prazer de escrever e, principalmente, a interatividade com seus leitores.

Também analisando as possibilidades de comunicação dos *blogs*, Oliveira (2005), compreende-os como “*uma nova ferramenta que ressignifica os escritos pessoais*”, ressaltando, principalmente, o espaço destinado aos comentários enquanto que Gutierrez (2005) procura

(...) articular alguns aportes teóricos interpretando-os no sentido de contribuir para a elaboração de uma teoria que possa ser referência para compreender os processos de ensinar, aprender, colaborar, cooperar, comunicar em ambientes dinâmicos como os *weblogs*. (p. 14).

Em Dantas (2006) encontrei pontos de contato com o que pretendo pesquisar, quando o autor discute letramento digital e, ao contrário de Di Luccio (2005) e Di Luccio & Costa (2007), conclui que os *blogs* podem representar espaços para a escrita interativa. Vale ressaltar que, embora utilize conceitos de Bakhtin, (autor que referencia teoricamente minha pesquisa) como dialogia e compreensão responsiva, Dantas, ao contrário do que discuto aqui, trata o *blog* como um “*suporte convencional de textos*” não o considerando como um gênero discursivo. Também Pereira (2005) não admite o *blog* como gênero discursivo, mas como a

possibilidade de encontrar nele uma diversidade de gêneros<sup>32</sup>. Entretanto em Oliveira (2002), Marcuschi & Xavier (2005), Pereira (2006), Abrão (2007), Araújo (2007), Caiado (2005 e 2007), Primo (2008), Oliveira (2009) e Terra (2009), encontrei interlocutores para meu processo de análise dos *blogs* literários, já que também esses autores ancoram-se na perspectiva bakhtiniana, para compreender o *blog* como um gênero do discurso.

Como a presente pesquisa desenvolve-se em um Programa de Mestrado em Educação, busquei aqueles trabalhos que categorizei como **os *blogs* e seu uso na Educação**, e encontrei autores que localizam o tema nas mais diversas percepções.

A pesquisa de Spinosa (2005) verifica como os alunos do Ensino Médio do Colégio Apollo/Sorocaba considerados por seus professores como “*descentrados*” e “*instáveis*” são capazes de incluir-se na comunicação via redes através dos *blogs*.

Já Kozikoski (2007), ao analisar a produção escrita em língua inglesa de alunos do ensino médio de uma escola pública do interior de São Paulo, utilizando o papel e o *blog*, demonstra que, para os jovens escrever em inglês no papel foi diferente de escrever no *blog*. Essa “*diferença*” é trabalhada por Caiado (2005 e 2007), que, ao discutir as questões ortográficas presentes nos *blogs*, afirma que estes “*abrem mais uma possibilidade de articulação entre as linguagens oral e escrita*” (p. 37) representando “*um novo modo de se lidar com a escrita*”. (p. 37). Também por Felis (2008) apresenta um texto no qual conclui ser o *blog* um “*objeto de interação*” presente na vida cotidiana dos adolescentes e que pode ser transformado pela escola em “*objeto de ensino aprendizagem de língua*”.

Zardini & Costa (2007), apesar de pesquisarem o uso dos *blogs* no ensino de língua inglesa, trabalharam com o projeto *Blog Learning English*<sup>33</sup>. O *blog* foi criado pela professora/pesquisadora com o intuito de proporcionar a leitura e a escrita em língua inglesa através da publicação de atividades dos alunos, diferentemente de Silva (2007), que traz a análise do trabalho com um *blog* educacional que era composto por 30 alunos do curso de graduação em Letras, na disciplina Filologia Românica e Variação Lingüística. O ponto de encontro entre os dois trabalhos é a criação de *blogs* pelos docentes destinados à interação entre os participantes da disciplina e à produção de textos e hipertextos.

A discussão, comum aos autores, de que diferentes suportes geram diferentes tipos de leitura e escrita e que os *blogs* representam uma ferramenta importante para a formação e o

---

<sup>32</sup> Refuto essa tese ao tratar dos *blogs* literários enquanto gênero do discurso no capítulo dedicado à análise dos dados.

<sup>33</sup> [www.englishbasic4.blogspot.com](http://www.englishbasic4.blogspot.com)

trabalho pedagógico dos professores, é reforçada ainda pelas experiências descritas nos trabalhos de Silva (2008), Halmann (2006 e 2009), Rodrigues (2008 e 2009) e Reis (2009).

Uma recomendação presente nos trabalhos sobre os *blogs* e sua utilização na Educação é a de que a escola e, principalmente, o professor precisam articular o interesse de seus alunos, em especial dos adolescentes pela internet e as diversas áreas do conhecimento presentes no currículo escolar.

É no trabalho de Barbosa (2007) que encontro a conexão entre **os *blogs* e seu uso na Educação e os *blogs* literários**, tema de minha pesquisa. A autora descreve sua experiência como professora de Literatura Brasileira da E.T. E Juscelino Kubistchek, escola voltada para o ensino técnico nas áreas de Eletrotécnica, Turismo, Enfermagem e Administração, e cujos alunos “nativos digitais”<sup>34</sup> e não-leitores de textos literários foram por ela desafiados a construir um *blog* literário.

O percurso do trabalho e as constatações realizadas pela autora no cotidiano do projeto só reforçou o meu desejo de pesquisar o assunto. Ela narra que a publicação digital dos textos dos alunos provocou um aumento significativo de leituras literárias bem como o interesse pela própria escrita a partir do olhar exotópico da professora e dos colegas que não só desestimularam as atitudes de “copia e cola” como permitiram o aprimoramento da técnica em si. Essa percepção se coaduna com a pesquisa de Amorim (2008), que investiga com base nos conceitos da pesquisa etnográfica de caráter participativo e do Construtivismo Comunal<sup>35</sup> de Holmes (2001), o desenvolvimento do que a autora denominou *blog* pedagógico-literário, com os leitores da Biblioteca Pública Belmonte, situada no bairro de Santo Amaro, São Paulo. A pesquisadora, através de oficinas semanais realizadas no período de setembro de 2006 a novembro de 2007 construiu um *blog* com crianças e adolescentes que freqüentavam o espaço da biblioteca e analisou a “*construção do conhecimento por meio da ação mediada*” e objetivou que ao fim da pesquisa os participantes pudessem não só criar, editar e atualizar *blogs*, como também se utilizarem deles como “*ferramenta cultural de uso, autoria e desenvolvimento de novos conhecimentos*”.

Após tantas leituras, pude perceber que o tema *blogs* ainda suscita muitas questões, em especial os *blogs* literários, objeto de minha pesquisa. Dentre todos os autores consultados não encontrei quem tratasse especificamente dos *blogs* literários nas situações de escrita literária em aulas de Língua Portuguesa e mesmo aqueles que discutem a constituição do

---

<sup>34</sup> Aquele que nasce em uma geração que surgiu em meio à velocidade das transformações tecnológicas, convivendo com elas de forma natural. (FREITAS, 2007)

<sup>35</sup> Onde os aprendizes constroem conhecimento que poderá ser revertido para a comunidade.

aluno-autor não o fazem sob a perspectiva de uma autoria que pode ser construída coletiva e dialogicamente com os seus pares: professores, companheiros da turma de origem ou de outras, pais, “navegantes” em geral que acessem os *blogs*. Essas considerações me levaram a confirmar a relevância de meu trabalho.

## 2. A literatura, a escola e os *blogs* literários

*A nossa vida tem de ser invenção, ou seja, literatura, pintura, escultura, agricultura, piscicultura, todas as turas deste mundo. Os valores, turas, a santidade, uma tura, a sociedade, uma tura, o amor, pura tura, a beleza, tura das turas.*

Júlio Cortazar

As palavras do autor argentino trazem a importância de discutir o papel da literatura na formação do aluno/autor. Mas se há necessidade das “turas” para nossa vida, como encontrá-las? Gabriel Perissé, a respeito desse texto afirmou:

“Tura”, que em termos filológicos é a forma sufixal em substantivos abstratos, torna-se substantivo ela mesma. Tura é a invenção pela palavra, pela ação artística. Tura é cultura em sentido amplíssimo. Criatividade. (...)  
A tura de cada escritor, de cada poeta, de cada artista de cada pensador. A tura da leitura de cada leitor, o encontro de cada leitor com o texto. A tura, não a escravatura. Tura aventura. Tura... alguma tontura. Escritura e leitura, não sepulturas. Ou torturas. A soltura da tura.  
O modo livre de lidar com a palavra reflete e produz liberdade. Liberdade criadora de mundos. (p. 21)

Mas, afinal, a que literatura refiro no título deste capítulo? Será o sentido poetizado por Cortazar e expandido por Perissé? Será a definição que encontro no dicionário<sup>36</sup> “Arte de compor escritos, em prosa ou em verso, de acordo com princípios teóricos ou práticos?” É o que busco esclarecer a seguir.

### 2.1. Mas que literatura é essa?

No mundo contemporâneo, talvez não faça mais sentido falar de literatura, mas sim de “literaturas”. Quando nos propomos a comprar um livro, seja em uma livraria tradicional ou virtual, certamente nos depararemos com as etiquetas “literatura brasileira”, “literatura estrangeira”, “literatura infantil” e tantas outras definições que o mercado editorial encontrou para classificar obras literárias. Dessa forma julgo imprescindível situar meu leitor quanto ao conceito de literatura que ancora esta pesquisa. Busco em Moriconi (2005) suporte para tal, uma vez que ele compreende a literatura enquanto fato histórico, sócio-cultural, atual “*uma prática indissoluvelmente ligada aos vínculos constitutivos, essenciais, que na modernidade articulam cultura e mercado*” (p. 3).

<sup>36</sup> <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=literatura>

O autor vê a literatura em duas dimensões. Na primeira a literatura é parte da cultura cotidiana, estruturada enquanto mercado e cujo conceito é intuitivo e subentendido por quem produz, vende ou compra. Na segunda a literatura faz parte da cultura “*especializada*” e se constituiu, principalmente, a partir do século 19, quando passou a fazer parte dos currículos escolares. Enquanto no circuito do mercado a literatura tem um valor que o estudioso denomina utilitário ou instrumental, ou seja, de entretenimento, no circuito acadêmico, especializado, tem o valor de ensinamento.

Assim como Moriconi (2005), creio não ser possível assumir apenas um ou outro conceito. Se por um lado assumo o conceito de que a literatura se presta ao entretenimento, isso pode trazer uma compreensão equivocada de que a leitura literária não passa de mero passatempo; por outro, trabalhar com a noção de que somente a atividade literária proporciona efetivamente um aprendizado interessante é reduzir a importância que ela pode ter na formação do ser humano.

Com efeito, se o conceito fundante e inescapável do literário no mercado prende-se ao entretenimento, e se o conceito acadêmico-crítico prende-se ao conhecimento especulativo disciplinar, ambos possuem em comum o gesto de isolar a situação comunicacional literária da vida vivida. O entretenimento é pausa no viver da vida para que se possa contemplá-la de longe em momento de lazer. O conhecimento é pura conceituação distanciada da vida. (p. 4).

Busco, então, para fundamentar essa pesquisa, uma literatura que represente para os professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II do Colégio de Aplicação João XXIII e seus alunos, ao mesmo tempo entretenimento e conhecimento; que possa não só representar o prazer da fruição proporcionado pela leitura, mas “*trazer ensinamentos e abrir a cabeça do sujeito em formação*” (MORICONI, 2005; p. 4).

Mas como este trabalho trata da formação do aluno-autor, no âmbito das aulas de Língua Portuguesa, com a utilização dos *blogs* literários, não poderia deixar de estabelecer a relação entre literatura, leitura, escrita e aprendizagem escolar. Essa é a relação que busco apresentar a seguir.

## 2.2. A literatura na escola, na internet e nos *blogs* literários

*Parecia-me que a literatura ensinada na escola – na qual se explicavam as ligações entre Cervantes e Lope de Veja com base no fato de serem do mesmo século e na qual Platero e eu, de Juan Ramón Jiménez (uma história floreada da paixão tola de um poeta por um burro), era considerada uma obra-prima – era tão arbitrária ou constituía uma escolha tão aceitável quanto a literatura que eu mesmo podia construir, baseado nas minhas descobertas ao longo da estrada sinuosa de minhas próprias leituras e no tamanho de minhas próprias estantes.*

Alberto Manguel

As palavras de Manguel, embora tenham sido publicadas em 1997, são bastante atuais. Mesmo com tantas campanhas de incentivo à leitura empreendidas pelo poder público, por que ainda é comum ouvir nas salas dos professores ou nos corredores das escolas que as crianças e os jovens não gostam de ler? Por que pesquisas como Retratos da Leitura no Brasil<sup>37</sup> informam que 50% daqueles que se declaram leitores lêem livros indicados pela escola? A mesma pesquisa traz ainda que a professora é, depois da mãe, a pessoa que mais influencia o gosto pela leitura.

Diante das indagações assinaladas, como proceder para que a escola deixe de vez a “*escolarização inadequada*” do texto literário a que se refere Soares (1999), didatizando-o excessivamente como coloca Walty (1999) e submetendo-o ao discurso pedagógico que segundo Larrosa (2006):

(...) dá a ler, estabelece o modo de leitura, tutela a leitura e a avalia. Ou, dito de outra maneira, seleciona o texto, controla essa relação e determina hierarquicamente o valor de cada uma das realizações concretas da leitura. O discurso pedagógico dogmático, aquele que se apropria do texto para a demonstração de uma tese ou para imposição de uma regra de ação, deve assegurar a univocidade do sentido e, para isso, deve “programar”, de alguma maneira, a atividade do leitor. Para conseguir isso, a pedagogia tem dois recursos: *ou* se assegura de que o texto contenha, de forma mais ou menos evidente, sua própria interpretação de maneira que se imponha por si mesma, *ou* o professor tutela a leitura, tomando para si a tarefa da imposição e o controle do sentido “correto”. A pedagogia dogmática seleciona os textos não em função de sua não-ambigüidade na mensagem que contêm e, além disso, dá os textos já interpretados, já comentados e lidos de antemão, mediante o controle forte que estabelece sobre as modalidades de sua recepção por parte do leitor. A leitura, portanto, está atravessada por constrictões orientadas para impor a leitura única. Em primeiro lugar, as do próprio texto, como, por exemplo: as redundâncias que reduzem ao máximo as falhas, que permitiriam uma leitura plural; o esquema axiológico não ambíguo e geralmente dualista, que impede o relativismo da interpretação moral; a organização teleológica da trama, que permite uma construção progressiva do sentido; a presença, no próprio texto, de um personagem que vai dando a interpretação legítima do que acontece; etc. Em segundo lugar, as

<sup>37</sup> Disponível em <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/48.pdf>

do intérprete autorizado, que superpõe ao texto seus próprios enunciados interpretativos e garante, assim, que a interpretação não transborde jamais, do que havia sido previsto de antemão, como objetivo pedagógico. (p. 130, 131).

As colocações dos autores são facilmente confirmadas quando verificamos no cotidiano escolar o que Soares (1999) denominou “*pacto*” da literatura com a escola que para Walty (1999) são características do discurso didático, enquanto Larrosa (2006) prefere denominar discurso pedagógico: fichas de leitura que acompanham os livros, obras “*programadas*” para trabalhar conteúdos como meio ambiente higiene e saúde e temas como drogas, preconceito e doenças sexualmente transmissíveis.

Ao analisarmos os textos literários presentes nos livros didáticos, encontraremos verdadeiras “*mutilações*” das obras: fragmentação dos textos, utilização de poemas como pretexto para atividades do ensino da gramática ou fixação de regras ortográficas ou até mesmo a “*adaptação*” das obras. São recorrentes também as atividades denominadas de “*compreensão*” ou “*interpretação*” de texto nas quais se trabalha, na realidade, atividades que se limitam a exigir do aluno a localização de dados como o nome dos personagens, local onde ocorre a história, nome do autor.

É relevante destacar que os autores presentes nesse diálogo não negam ser a leitura uma produção social cujo *locus* principal é a escola, por possuir um conjunto de “*saberes*” personificados em programas, disciplinas e conteúdos que são organizados por graus de ensino, séries ou ciclos, distribuídos em semestres, dias, horários. Esse conjunto de “*ordenamentos*” torna a escolarização um processo inevitável, inclusive para a literatura.

Faz-se mister nessa discussão trazer a questão da utilização do computador/internet na escola, visto que na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, já citada anteriormente, 20% dos entrevistados, que representa um total de 34,3 milhões de pessoas, declararam ler textos na internet. No âmbito escolar a implantação dos laboratórios de informática dotados de internet não deve significar apenas informatizar a educação ou colocar o livro à margem do processo educativo. É preciso considerar computador e internet como instrumentos de aprendizagem. Dessa forma, é possível pensar na utilização desses instrumentos como um recurso pedagógico que permita ao aluno experienciar leitura e produção literária como ações simultâneas.

Chartier (1994) afirma que o texto na tela é uma revolução do espaço da escrita que altera a relação do leitor com o texto, as maneiras de ler, os processos cognitivos:

[...] se abrem possibilidades novas e imensas, a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a condição: substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico; às relações de contigüidade estabelecidas no objeto impresso ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis: à captura imediata da obra, tornada visível pelo objeto que a contém, ela faz suceder a navegação de longo curso entre arquipélagos sem margem ou limites. Essas mutações comandam, inevitavelmente, imperativamente, novas formas de ler, novas relações com a escrita, novas técnicas intelectuais. (p. 100, 101).

Nas novas formas de ler, livro e tela podem conviver pacificamente. De acordo com Costa (2005), há uma mudança na concepção de leitor e autor, passando-se a pensar em uma autoria coletiva ou co-autoria.

Para Freitas (2002), a interface da informática permite adentrar, através do teclado e do mouse, páginas nas quais a leitura e a escrita não mais lineares, mas hipertextuais, velozes e efêmeras, inauguram uma nova noção de espaço e tempo. Soares (1999) considera como uma adequada escolarização da literatura “*aquela que conduz eficazmente às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal de leitor que se quer formar*”. (p.43)

A partir dessa afirmação pergunto: como devem proceder a escola e em especial os professores de Língua Portuguesa para que o trabalho escolar com a literatura aconteça de forma adequada? Como trabalhar a escrita do aluno como um texto autoral destinado a um auditório mais amplo que somente o professor?

Tanto a escola quanto os educadores que dela fazem parte precisam levar em conta que ler não é um ato biológico, natural, mas cultural, construído historicamente e que demanda esforços de ordem cognitiva, psicológica, afetiva, cultural e mediações específicas não se constituindo tarefa fácil como bem demonstram as palavras de Marisa Lajolo citadas por Oberg (2004):

(...) hoje há uma tendência a se acreditar que a aprendizagem pode ser prazerosa, o que nem sempre é verdade. As noções de trabalho, de disciplina e de estudo estão sendo paulatinamente tiradas de cena do contexto da escola e da aprendizagem. Assim, se dá ao aluno a idéia de que ele só terá de ler pela vida afora livros fáceis com letras grandes, com uma frase por página. Mas isso não basta isso é apenas um ponto de partida para depois ele ler livros maiores e mais complexos. A visão plural que o educador precisa ter a respeito das diferentes formações culturais não é, de modo algum, para que ele passe ao aluno a idéia de que é muito fácil se tornar leitor. (p. 68)

A escrita é uma tecnologia de comunicação cultural, socialmente construída e que pressupõe um aprendizado. Para escrever faz-se necessário aprender a dominar a técnica do manuscrito ou da digitação, conhecer as normas de disposição gráfica de um texto e ainda

assimilar o funcionamento do sistema lingüístico. Todavia, tal como verificado por Soares (1999), a escrita também sofre de uma “*escolarização inadequada*”, baseada na cópia e na produção de textos com modelos ou ainda, como já preconizava Faraco (1984), ao tratar das “Sete pragas do ensino de Português”:

Queremos que nossos alunos escrevam, mas não lhes criamos as condições para tal. O processo rotineiro de orientar a redação tem sido mais ou menos assim: damos um título (silencioso por excelência porque alguma coisa lhes sugere!) ou aumentamos o sofrimento deles, deixando o tema livre e esperamos tranqüilos o fim da aula para recolher o produto suado daqueles angustiados minutos. Todos sabemos o quanto nos custava atingir os limites mínimos de linhas (estes limites são indispensáveis neste processo, do contrário ninguém escreve nada!). Mas, assim mesmo, continuamos a submeter nossos alunos a essa tortura monstruosa que é escrever sem ter idéias. (p.19)

O autor aponta como consequência dessa situação o fato de os alunos deixarem a escola sem terem desenvolvida a capacidade de uma escrita real, que não se limite a apenas a “*desenhar letras no papel*”, e eu acrescentaria, sem terem a possibilidade de se sentirem autores de seus textos.

Embora as constatações de Faraco possam ser questionadas por meu leitor ao se deparar com a data de publicação do texto do autor, as pesquisas explicitadas por Freitas (2003 e 2009) atestam que elas não só se mostram atualíssimas como se tornaram ainda mais evidentes a partir da difusão do computador e da internet. A pesquisadora diz que a internet contribui para que os adolescentes escrevam mais, já que passam grande parte de seu tempo “*envolvidos em uma escrita teclada criativa, espontânea e interativa*” (Freitas, 2009; p.7). No entanto, aponta que existe um descompasso entre o que acontece no interior das escolas e as demandas que surgiram com o avanço das tecnologias digitais: as escolas e os professores parecem ainda desconhecer as possibilidades que esse avanço propicia para os alunos desenvolverem uma escrita mais autoral e independente.

É justamente a indagação de Freitas (2009) a respeito do conhecimento que a escola tem dessas práticas de leitura-escrita, desse letramento digital de seus alunos que me traz o mote para abrir a discussão que trago nas páginas seguintes: as concepções de letramento, letramento digital e letramento literário.

### 2.2.1. Concepções de letramento, letramento digital e letramento literário

Como já exposto anteriormente, a sociedade contemporânea tem assistido a mudanças intensas nas práticas de leitura e escrita. O surgimento e avanço de novas mídias, especialmente do computador e da internet, criou novos hábitos de leitura e novas possibilidades de produção e difusão da escrita e da literatura.

Hoje sabemos que promover a aprendizagem da língua deve então implicar não só em ensinar a ler e escrever como, ao contrário, deve ir além da simples decodificação da palavra escrita, mais ainda, deve abranger aquilo que Soares (1998) nos traz como letramento:

O estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita. (p. 47)

Transformar o indivíduo em sujeito que é capaz de atuar diante dos problemas e propor soluções só pode ocorrer se ele for capaz de compreender o mundo em que vive e se for, ele mesmo, um produtor de conhecimento. Por isso o indivíduo “letrado” dentro dos pressupostos teóricos preconizados por Soares (1998), é aquele capaz de exercer a autoria em discursos orais ou escritos e de distinguir os diferentes meios que dão suporte à escrita e as implicações sociais de seu uso.

Em consonância com tais hipóteses teóricas, é possível se falar em letramentos:

[...] propõe-se o uso do plural *letramentos* para enfatizar a idéia de que diferentes tecnologias de escrita geram diferentes *estados* ou *condições* naqueles que fazem uso dessas tecnologias, em suas práticas de leitura e de escrita: diferentes *espaços de escrita* e diferentes *mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita* resultam em diferentes *letramentos*. [...] A conclusão é que letramento é um fenômeno plural, historicamente e contemporaneamente: diferentes letramentos ao longo do tempo, diferentes letramentos no nosso tempo. (Soares, 2002; p.156)

Se diferentes mecanismos de difusão da escrita resultam em diferentes letramentos é pertinente trazer a discussão de letramento literário empreendida por Paulino (2001):

Usamos hoje a expressão letramento literário para designar parte do letramento como um todo, fato social caracterizado por Magda Soares como inserção do sujeito no universo da escrita, através de práticas de recepção/produção dos diversos tipos de textos escritos que circulam em sociedades letradas como a nossa. Sendo um desses tipos de textos o literário, relacionado ao trabalho estético da língua, à proposta de pacto ficcional e à recepção não-pragmática, um cidadão literariamente letrado seria aquele que cultivasse e assumisse como parte de sua vida a leitura desses textos, preservando seu caráter estético, aceitando o pacto proposto e resgatando objetivos culturais em sentido mais amplo, e não objetivos funcionais ou imediatos para seu ato de ler. (p.117-118).

Do mesmo modo ao encarar letramento como um termo expresso no plural e compreender que a internet propicia novas formas de escrita e leitura, não poderia me abster de trazer à discussão o conceito de letramento digital explicitado por Magda Soares (2002):

[...] um certo *estado* ou *condição* que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do *estado* ou *condição* – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel. (p.151)

Quando penso nas atividades de produção textual desenvolvidas em sala de aula, recordo-me imediatamente das aulas de Língua Portuguesa, quando me eram solicitados textos que invariavelmente passavam por narrar algum acontecimento (pessoal ou da atualidade), re-contar uma história lida ou ainda elaborar um conto com personagens previamente definidos pela professora. Embora gostasse de escrever, essa tarefa apresentava-se para mim sempre como um fardo, ao mesmo tempo em que me preocupava sempre em estabelecer um padrão com intuito de agradar à minha única leitora: a professora. Mas seria tarefa da escola formar autores? Em que contexto? Os alunos se tornariam autores ou copiadores de fórmulas de como se escrever determinado gênero textual? Penso que a escola como lócus principal de letramento não pode se abster dessa discussão e que pensar a autoria dos alunos principalmente nas aulas de Língua Portuguesa é uma demanda não só atual como necessária.

Impossível não pensar que, embora a escola tenha realizado movimentos no sentido de inserir o computador e a internet na prática pedagógica, esses ainda são, de certa forma, incipientes, se for levado em conta toda gama de opções a que nossos alunos adolescentes estão expostos ao simplesmente abrirem a página de um site de relacionamentos para verificar suas mais recentes visitas. Não podemos fechar os olhos para o fato de que a internet se configura na atualidade como um espaço de expressão mais usado por nossos jovens alunos. São todos “googados”, estão no Orkut, no Twitter ou MSN, senão em todos eles ao mesmo tempo. Como bem nos traz Coracini (2006), a escola não pode mais se mostrar alheia a tudo isso, insistindo em permanecer à margem desse *mundo híbrido, heterogêneo, complexo, que, por isso mesmo, espalha tensões, conflitos e contradições que precisamos administrar para não sucumbir*. (p.78)

Creio que a escola deve repensar sua relação com a escrita e a leitura, propondo-se a “letrar” ou ser instância de letramentos, no plural. Deve considerar ainda que seus alunos, como atestado pelas pesquisas de Freitas (2003), já citadas anteriormente, desenvolvem fora

das salas de aula uma escrita própria, autoral, viva e dotada de sentidos que eles constroem na interação com seus pares. E onde esses alunos poderiam encontrar espaço para, dentro da escola, no âmbito da sala de aula, desenvolver uma escrita autoral?

Num espaço como os *blogs* literários, o aluno encontra terreno fértil para sua escrita. Pode ser autor, leitor, co-autor, quebrando fronteiras tão demarcadas no terreno do livro impresso. No território da publicação virtual, a idéia de único autor, tradicional divisão entre eu e o outro, cai por terra e há uma redefinição nos modos de circulação dos textos, nas relações com os leitores, nos valores da literatura. Nessa premissa, encontro o que percebo no cotidiano da escola: embora todos os alunos sejam capazes de escrever, muitas vezes não o fazem alegando falta de talento. Os *blogs* literários mostram-se, então, como um espaço onde os alunos adolescentes podem exercer a autoria sem temerem as críticas, ou ainda numa expressão muito característica deles: sem medo de “pagar mico”.

### 3. Em busca de interlocutores para o diálogo: o percurso metodológico

#### 3.1. O diálogo com Bakhtin e Vygotsky: a pesquisa na perspectiva histórico-cultural

*A vida pode ser conscientemente compreendida apenas na concreta responsabilidade. Uma filosofia de vida só pode ser uma filosofia moral. A vida só pode ser compreendida como evento em processo, e não como um Ser enquanto dado. Uma vida que se afastou da responsabilidade não pode ter uma filosofia: ela é, por princípio, fortuita e incapaz de ser enraizada.*

Mikhail Bakhtin

Foi inevitável ler esse trecho de Bakhtin e não fazer uma analogia com meu desejo de ser pesquisadora. Ao pensar na possibilidade de cursar um mestrado sempre esteve presente para mim o desejo de realizar um trabalho que se constituísse como uma efetiva contribuição não só para o meu crescimento, mas também para o de meus pares.

Tornar-me professora foi um fato inevitável de meu percurso de vida e busco agora constituir-me como professora e pesquisadora. Como já exposto na introdução deste trabalho, esta tarefa não tem se revelado como das mais simples, principalmente pela ausência do fazer pesquisa em minha formação.

Mas como afirma Bernardete Gatti (2003), ao discorrer sobre procedimentos metodológicos nas pesquisas educacionais, “*pesquisar só se aprende fazendo*” (p.01). Abandonei então a velha crença de que pesquisa era para acadêmicos “iniciados” numa arte que eu não dominava e saí em busca de leituras, vivências, interlocuções, palavras e contrapalavras que auxiliassem a me constituir nesse campo que ora adentrava.

Mas que caminhos seguir? Como escolher ou definir uma teoria que me auxiliasse na busca de possíveis respostas para as questões que me trouxeram ao mestrado? Recorro novamente a Gatti (2003), que já no início de seu texto adverte que “*método não é algo abstrato*”, mas “*ato vivo, concreto, que se revela nas nossas ações, na nossa organização e no desenvolvimento do trabalho de pesquisa, na maneira como olhamos as coisas do mundo*” (p.01). Dessa forma, coerente com meu histórico de vida de professora militante, que enxerga a escola como um lócus de vida, histórico, cultural e socialmente localizado e constituído por sujeitos políticos, históricos e em constante movimento e ainda com os teóricos que orientam o Grupo de Pesquisas LIC, do qual sou integrante, enxerguei na pesquisa qualitativa de abordagem histórico-cultural, uma resposta à minha busca de uma fundamentação metodológica.

Freitas (2003), assim caracteriza a pesquisa na perspectiva histórico-cultural:

- A fonte de dados é o texto (contexto) no qual o acontecimento emerge, focalizando o particular enquanto instância de uma totalidade social. Procura-se, portanto, compreender os sujeitos envolvidos na investigação para através deles, compreender também o seu contexto.
- As questões formuladas para a pesquisa não são estabelecidas a partir da operacionalização de variáveis, mas se orientam para a compreensão dos fenômenos em toda sua complexidade e em seu acontecer histórico. Isto é, não se cria artificialmente uma situação para ser pesquisada, mas vai-se ao encontro da situação no seu acontecer, no seu processo de desenvolvimento.
- O processo de coleta de dados caracteriza-se pela ênfase da compreensão, valendo-se da arte da descrição que deve ser complementada, porém, pela explicação dos fenômenos em estudo, procurando as possíveis relações dos eventos investigados numa integração do individual com o social.
- A ênfase da atividade do pesquisador situa-se no processo de transformação e mudança em que se desenrolam os fenômenos humanos, procurando reconstruir a história de sua origem e de seu desenvolvimento.
- O pesquisador é um dos principais instrumentos da pesquisa porque, sendo parte integrante da investigação, sua compreensão se constrói a partir do lugar sócio-histórico no qual se situa e depende das relações intersubjetivas que estabelece com os sujeitos com quem pesquisa.
- O critério que se busca numa pesquisa não é a precisão do conhecimento, mas a profundidade da penetração e a participação ativa tanto do investigador quanto do investigado. Disso resulta que pesquisador e pesquisado têm oportunidade para refletir, aprender e ressignificar-se no processo de pesquisa. (p.27-28)

A principal contribuição da pesquisa de cunho histórico-cultural é compreender pesquisador e pesquisado como sujeitos que interagem e essa interação como um ato dialógico e responsivo (e não como um ato monológico), no qual todos têm voz e assumem uma atitude responsiva ativa. Vale destacar que esse diálogo não implica que uma ou outra voz se sobreponha como ressalta Bakhtin (2003):

Sem levantar *nossas* questões não podemos compreender nada do outro de modo criativo (é claro, desde que se trate de questões sérias, autênticas). Nesse encontro dialógico de duas culturas elas não se fundem nem se confundem; cada uma mantém a sua unidade e a sua integridade *aberta*, mas elas se enriquecem mutuamente. (p. 366)

Desse encontro dialógico de que nos fala Bakhtin, dessas interações entre pesquisador e pesquisado, nasce o enriquecimento mútuo: mudanças e ressignificações que podem ser percebidas em ambos.

Para o diálogo que fundamenta o percurso de minha pesquisa, os teóricos eleitos são Lev S. Vygotsky e Mikhail Bakhtin.

Muito embora Bakhtin e Vygotsky não tenham formulado um “modo<sup>38</sup>” de fazer pesquisas, ambos fundamentaram suas teorias no materialismo histórico dialético. A partir da crítica ao reducionismo das concepções empiristas e idealistas predominantes em seu tempo, construíram suas teorias elaborando uma síntese dialética entre objetividade e subjetividade, concebendo o sujeito em sua singularidade, mas situando-o em relação ao seu contexto histórico e social. Para os autores, é a linguagem que constitui o homem e sua consciência: um ser social, datado e marcado pela cultura de seu tempo.

Aliando à percepção bakhtiniana de que a consciência se constrói na comunicação ao conceito vygotskyano de que a consciência se reflete na palavra, sendo, portanto, a presença do Outro de fundamental importância para a constituição do sujeito, elegi para o trabalho na pesquisa a observação mediada e as entrevistas dialógicas como instrumentos metodológicos.

Dentro dessa perspectiva busquei delinear minha pesquisa no contato com o campo: o Colégio de Aplicação João XXIII, escolhido por se tratar de uma instituição de ensino pública, já que para mim esse aspecto era de fundamental importância, visto ter sido praticamente toda minha vida escolar vivida dentro de instituições com esse caráter.

A definição por professoras de Língua Portuguesa para sujeitos da pesquisa se fundamentou por ser esta disciplina a que de forma mais específica trabalha com a literatura e a produção escrita dentro da escola.

### **3. 2. Apresentando o campo de pesquisa: O Colégio de Aplicação João XXIII**

O Colégio de Aplicação João XXIII é vinculado à Universidade Federal de Juiz de Fora e tem como uma de suas funções criar ambiente para pesquisas. Está localizado no bairro Santa Helena, bairro essencialmente residencial, situado na região central de Juiz de Fora. Foi fundado em 1965, por iniciativa do professor Murílio de Avellar Hingel como uma escola de experimentação, demonstração e aplicação, que visava atender aos licenciandos nas pesquisas e nos estágios supervisionados.

À época de sua criação contava com 23 alunos da primeira série ginásial (atual sexto ano) e era ligado à Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora (FAFILE). Foi

---

<sup>38</sup> A questão da pesquisa em Ciências Humanas perpassa toda obra dos autores russos e aparece mais claramente nos textos “O problema e o método de investigação” de Vygotsky (2001) e “Metodologia das Ciências Humanas” de Bakhtin (2003).

federalizado em 1966 com a incorporação da FAFILE à Universidade Federal de Juiz de Fora e, após várias mudanças de endereço, em 1974 passou a ocupar o prédio atual.

Ao longo desses 44 anos esteve sob várias direções, tendo a atualmente como diretor o professor José Luiz Lacerda e vice-diretora a professora Andréa Vassalo Fagundes, que já exerceram essa função de 2005 a 2009, sendo reeleitos para mais um mandato (2010/2014). Ao longo desse período sofreu também mudanças administrativas: em 1989, através da Portaria 584 desvinculou-se da Faculdade de Educação, ligando-se administrativamente à Pro - Reitoria de Ensino e Pesquisa, atual Pro Reitoria de Graduação e, em 1998, tornou-se uma Unidade Acadêmica, em acordo ao novo Estatuto da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Outras mudanças ocorreram ainda: implantação das séries iniciais do Ensino Fundamental (1980), Ensino Médio (1992), Curso para Educação de Jovens e Adultos para funcionários da UFJF (1997-1999), Curso de Especialização em Prática Interdisciplinar (2000), reforma curricular do Ensino Médio (2003), mudanças para uma reforma do Ensino Fundamental (a partir de 2005), criação da primeira turma de Educação Infantil (2006), aprovação do novo regimento interno pelo CONSU (2006), abertura do curso de Educação de Jovens e Adultos para a comunidade (2007), criação da Comissão de Reforma Unificada do ensino Fundamental e Médio (2007) com mudanças pedagógicas aprovadas em Congregação do Colégio para o ano de 2008, implantação do Ensino Fundamental em 9 anos (2008) e a introdução das disciplinas de Sociologia e Filosofia no Ensino Médio (2008).

Atualmente, o Colégio conta com cerca de 1100 alunos, matriculados em 24 turmas de Ensino Fundamental e 09 turmas de Ensino Médio, além de 08 turmas atendendo a alunos do Curso de Educação de Jovens e Adultos e uma turma do Curso de Especialização em Prática Interdisciplinar.

A matrícula no Colégio de Aplicação João XXII obedece a uma política bastante peculiar: o acesso é feito através de sorteio público convocado por edital amplamente divulgado e aberto a todos os interessados. Essa política garante o acesso de alunos oriundos das mais diferentes classes socioeconômicas.

O sistema de avaliação prevê disciplinas com pontos cumulativos distribuídos em três trimestres e ainda as disciplinas com avaliação por conceitos que são o caso de Educação Física, Artes e Línguas Estrangeiras. Os alunos que obtiverem nota inferior a 60 pontos ou conceito final I (Insuficiente) no fim do terceiro trimestre são reprovados.

O quadro docente conta hoje com 58 professores efetivos em regime de dedicação exclusiva e 41 professores substitutos, 20 funcionários técnico-administrativos 04 coordenadores pedagógicos, 01 diretor e 01 vice-diretora. Os efetivos são assim distribuídos

quanto à formação: 02 são graduados, 21 especialistas, 33 mestres e 04 doutores. Já os substitutos contam com 12 graduados, 05 especialistas e 03 mestres.

Os docentes são agrupados nos seguintes departamentos:

- Departamento de Ciências Humanas
- Departamento de Ciências Naturais
- Departamento de Educação Física
- Departamento de Letras e Artes
- Departamento de Matemática.

O Departamento de Letras e Artes, onde estão filiadas as professoras que participantes dessa pesquisa abarca as disciplinas de Língua Estrangeira, e ocupa três salas: a sala do departamento, a sala de Línguas Estrangeiras e a sala de Artes que fica no andar superior.

A cada ano, os departamentos, em atendimento à parte diversificada do currículo do Ensino Médio, oferecem os Módulos de Ensino Especializado, definidos na AGENDA 2009 do Colégio como *“espaços diferenciados de aprendizagem que se caracterizam por uma abordagem do conhecimento em que predominam a utilização de metodologias e temáticas alternativas”* (p.18). Esses módulos tratam de assuntos dos mais diversos, como por exemplo, “Os Simpsons e a Filosofia”, “Reações em Química Orgânica”, “Fatos Folclóricos Brasileiros”, “Artes Aplicadas” e “Literatura e cultura africana e afro-brasileira”. Essa diversidade traduz um pouco da filosofia do Colégio que se caracteriza por valorizar o trabalho interdisciplinar, selecionar os conteúdos tendo em vista sua significação humana e social e evitar o simples acúmulo de informações de modo a proporcionar uma formação cidadã.

Quanto aos seus aspectos físicos, o Colégio ocupa desde 1974, o prédio onde antes funcionava a Faculdade de Engenharia. É um prédio de linhas retas com arquitetura própria dos prédios funcionais erguidos no final da década de 60: muitas janelas do tipo basculantes, corredores longos e com os andares ligados por escadas localizadas na parte externa da construção.

Em 2009, passou por uma reforma na fachada e o projeto arquitetônico da reforma, exposto no corredor do primeiro pavimento, traz a informação de que a nova pintura foi inspirada nos painéis de Portinari da Igreja da Pampulha e que a escolha das cores branco, azul e verde, se constituem em uma forma de “integrar” a construção à paisagem que lhe serve de pano de fundo: a mata e o Morro do Imperador.

O acesso às dependências do Colégio bem como aos outros dois prédios independentes onde funcionam o Ensino Médio e o Centro de Ciências, é feito através de um portão automático controlado por um segurança que fica na guarita e por um portão para pedestres.

Ao lado da entrada para pedestres existe uma pequena área coberta que é ocupada por duas mesas de futebol de mesa (Totó), utilizadas pelos alunos no horário do recreio.

A entrada dá acesso a dois estacionamentos, duas quadras de esporte, uma área externa à direita e um parque para uso das crianças da Educação Infantil.

No hall de entrada, há um painel que homenageia a escola, pintado pelo artista plástico Gerson Guedes, professor do Colégio.

Na lateral esquerda do primeiro pavimento fica o refeitório, composto de duas mesas grandes com banquetas acopladas. Perto do refeitório ficam as salas do Departamento de Ciências Humanas, a sala de Línguas Estrangeiras, o Departamento de Letras e Artes, o Departamento de Ciências Naturais, o Departamento de Matemática, a sala de Mecnografia, onde funciona o xérox, e a secretaria, onde uma pequena escada interna dá acesso à sala da direção. Ao fim deste corredor encontra-se uma pequena rampa que dá acesso ao Escovódromo<sup>39</sup> e aos espaços da Educação Infantil.

Na lateral direita há um grande corredor que termina nas quadras e no acesso aos prédios do Ensino Médio e Centro de Ciências. Nele se encontram a Cantina (acessível aos alunos somente no intervalo e que possui um projeto de merenda saudável não comercializando refrigerantes nem guloseimas como frituras e doces); a Sala de Telemática (NIPASE); a Sala de Jogos (com carteiras dispostas da mesma forma que as outras salas de aula “convencionais”); um depósito de materiais, banheiros; o Laboratório de Ciências/Biologia; o Anfiteatro; o Departamento de Educação Física; o Laboratório de Química, a sala dos Professores (dos primeiros anos do Ensino Fundamental); a sala do Grêmio Estudantil, onde também funciona a rádio estudantil, e um ginásio esportivo. Ao longo do corredor estão dispostos murais de madeira, onde são afixados recados, panfletos, cartazes e outros materiais de divulgação tanto de assuntos de interesse da escola quanto dos alunos.

No segundo andar ficam as salas de aula, sala dos professores, banheiros, a Biblioteca, que recebe o nome da poetisa Cecília Meireles, o INFOCentro e a sala da coordenação. A partir daí, há uma grande extensão de corredor, que termina na galeria de arte Professor Edson Pável Bastos e na Sala de Artes.

---

<sup>39</sup> Espaço dotado de várias torneiras e um grande espelho, destinado à escovação dos dentes e utilizado principalmente pelas crianças da Educação Infantil.

### 3.2.1. A Sala de Telemática e o INFOCentro

A Sala de Telemática é um espaço instalado na escola em 1995 e recentemente reestruturado. Como já conheci a sala com a atual estrutura, considero interessante destacar essas mudanças pelo olhar da co-pesquisadora<sup>40</sup> que me acompanhou:

Algumas novidades são notadas logo na chegada ao colégio. A Sala de Telemática foi reformada, trazendo em suas paredes o endereço eletrônico da UFJF ([www.ufjf.br](http://www.ufjf.br)) e do próprio C.A. João XXIII ([www.joaouxiii.ufjf.br](http://www.joaouxiii.ufjf.br)), além de símbolos que marcam o ciberespaço, como arroba (@). Outra mudança é com relação ao número de computadores, que dobrou de quinze para trinta máquinas. Essas mudanças podem ser notadas nas fotos abaixo.

Mariana Henrichs Ribeiro

Nota de Campo: 20/05/2009



Figura 6: Sala de Telemática antes de 2009



Figura 7: Sala de Telemática a partir de 2009

Atualmente, a Sala de Telemática conta com 34 computadores ligados à internet e dispostos em bancadas distribuídas em seis fileiras com cinco máquinas cada uma. À frente das bancadas, estão dispostas cadeiras que podem ser movimentadas de acordo com o número de alunos que forem utilizar as máquinas. Todos os computadores são máquinas modernas em

<sup>40</sup> Mariana Henrichs Ribeiro, bolsista de IC- CNPq atuando no Grupo de Pesquisa LIC

pleno funcionamento, a maioria com monitores de LCD. O sistema operacional dos computadores é o Linux, por se tratar de um sistema livre e de reduzido custo de manutenção. As máquinas possuem entrada USB, mas não são dotadas de drive de CD. Não existe na sala a possibilidade de impressão de qualquer material, pois ela não conta com impressora. Essa sala atende exclusivamente aos alunos e professores em atividades escolares. Os horários de utilização devem ser previamente agendados na secretaria da escola e estão sujeitos à sua disponibilidade. Conta ainda com dois bolsistas que atendem em turnos alternados.

O INFOCentro está situado no andar superior do colégio, ao lado da biblioteca. É uma sala clara com dez computadores Pentium IV, conectados em rede e dispostos em duas fileiras: uma com quatro computadores, sendo um de uso específico do bolsista, outra com seis máquinas. Numa das paredes laterais encontra-se um quadro institucional presente em todos os INFOCentros da Universidade Federal de Juiz de Fora. Eles possuem ainda um regulamento próprio, elaborado em agosto de 2005, vigorando a partir de 06 de janeiro de 2006. O regulamento está fixado junto aos horários de utilização dos alunos. Tanto os alunos do Ensino Fundamental inicial (turno da tarde), quanto os das séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio (manhã), têm seus horários de utilização no horário de recreio pré-estabelecidos por suas respectivas coordenações, mas antes e após o horário das aulas o acesso é livre.

O INFOCentro do Colégio de Aplicação João XXIII funciona de 08:30 às 12h e de 13 às 17h. A exemplo da Sala de Telemática, o sistema operacional de seus computadores é o Linux, e também não possuem drive de CD. Embora um de seus objetivos seja “*o preparo de trabalhos didático-técnico-científicos*” (AGENDA, 2009, p. 25) não possui uma impressora que possa viabilizar a impressão desses trabalhos.

Conforme observado pelos integrantes<sup>41</sup> do grupo LIC durante 15 dias do primeiro semestre de 2007, pude constatar em visitas este semestre (primeiro 2009) e ainda em conversas informais com os alunos, que o INFOCentro funciona como uma lan house. Os alunos, diferentemente dos outros INFOCentros da Universidade Federal de Juiz de Fora, têm acesso livre a sites de entretenimento e relacionamento como o *Orkut* e *MSN* e passam todo o seu tempo acessando esse tipo de sites ou tentando burlar as regras que, contraditoriamente não lhes permite acessar sites de jogos.

---

<sup>41</sup> Equipe formada pelas mestrandas Andréia Novelino Vianna e Janaína Ovídio de Carvalho e pelos bolsistas de Iniciação Científica Laura Campos e Souza (BIC/UFJF), Lélia Dias de Souza (PIBIC/CNPq/UFJF) e Pedro Henrique Nobre Rittmeyer (FAPEMIG).

A equipe do LIC notou um fato que considero muito interessante: o bolsista que deveria “monitorar” o acesso dos alunos, muitas vezes se torna apenas mais um deles, pois se limita a também acessar sites de relacionamentos ou ler e-mails.

### 3.3. Os sujeitos da pesquisa

Para o desenvolvimento da pesquisa procurei três professoras do sétimo ano do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação João XIII que trabalhavam com a disciplina Língua Portuguesa nos sétimos anos do Ensino Fundamental. Porém durante o desenvolvimento da pesquisa essa configuração mudou<sup>42</sup> e uma professora que trabalhava com o oitavo ano foi convidada a ser sujeito da pesquisa

No processo de negociação da autorização para a pesquisa ficou estipulado que duas professoras serão aqui identificadas pelo seu primeiro nome (Cristina e Joseli) e a terceira, por não fazer mais parte do quadro funcional do Colégio, recebeu o nome fictício de Carla.

Cristina é a mais experiente do grupo, pois é professora efetiva e está no Colégio há dezoito anos. Tem 46 anos. Sua formação inicial foi em Pedagogia e trabalhou como coordenadora pedagógica na rede municipal de Juiz de Fora. Ao se graduar em Letras pela Universidade federal de Juiz de Fora prestou concurso para o Colégio da Aplicação João XXIII. Possui mestrado em Linguística pela mesma Universidade onde cursa atualmente o doutorado em Estudos Literários. Trabalhou preferencialmente com ensino Médio, mas no final de 2008, por ter sido aprovada para cursar o doutorado, buscou uma adequação de seu horário de trabalho com os estudos exigidos pelo curso e pediu autorização à direção da escola para trabalhar com o sétimo ano, além de ministrar o módulo “Literatura e cultura africana e afro-brasileira” e atender os alunos das três turmas de sexto ano no Laboratório de Aprendizagem<sup>43</sup>. Em 2009 era professora da turma do sétimo ano C.

Carla tem 24 anos é professora substituta e está em seu primeiro ano como docente no colégio. É graduada em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora e completou o Curso de Especialização pela mesma instituição em Língua Portuguesa. Durante a graduação fez três anos de estágio no Colégio João XXIII e conhece bem seus espaços e funcionários.

---

<sup>42</sup> Melhor explicitado em “No meio do caminho havia uma Semana do Livro”

<sup>43</sup> Espaços diferenciados de aprendizagem, de caráter obrigatório, realizados em horários próprios, com o objetivo de atender às demandas específicas dos alunos para os quais os trabalhos desenvolvidos dentro do tempo estipulado na matriz curricular em cada disciplina, não foi suficiente para garantir a aprendizagem. (AGENDA, 2009, p.17)

Trabalhou com a turma do sétimo ano A e mais três turmas de sexto ano do Ensino Fundamental.

Joseli é uma jovem professora substituta. Tem 27 anos e graduou-se em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora onde também se especializou em Língua Portuguesa. Iniciou seu trabalho no Colégio de Aplicação João XXIII em 2008. Em 2009 trabalhou com a turma do oitavo ano B e duas turmas de Ensino Médio.

### **3.4. O Projeto – Piloto**

O Projeto-Piloto iniciou-se em fevereiro de 2009, com a entrada no campo e a busca pelos professores que aceitassem participar da pesquisa. No período de fevereiro a final de abril, pude estar no Colégio três vezes por semana para não só conhecer a escola e participar do seu dia-a-dia, mas também para constituir o início do processo de pesquisa.

Antes de iniciar o trabalho de campo participei de uma reunião entre os membros do LIC e o diretor e a vice-diretora do Colégio de Aplicação João XXIII. Nessa reunião nossa coordenadora expôs o trabalho do grupo e solicitou permissão para que eu e mais duas mestrandas pudéssemos realizar nossas pesquisas.

Como outros membros do grupo já realizavam trabalhos no Colégio, busquei conhecer os dados que já haviam construído e na terceira semana de fevereiro de 2009 iniciei o trabalho de campo. Meu primeiro contato, por indicação de minha orientadora, foi com a professora Cristina, que, além de professora de Língua Portuguesa, no momento exercia a função de coordenadora do Departamento de Letras e Artes.

A professora não só se prontificou a participar da pesquisa, como ainda intermediar meu encontro com as outras professoras. A partir disso me apresentou para todos do Departamento, sugerindo ainda dias e horários que seriam possíveis não só para o encontro com as professoras como também para o trabalho com os alunos em sala de aula e na sala de Telemática. Num primeiro momento aceitaram fazer parte da pesquisa as professoras Cristina, Carla e A.<sup>44</sup>.

---

<sup>44</sup> Professora que no decorrer do Projeto Piloto desistiu de participar da pesquisa.

Passei então a freqüentar o Colégio três manhãs por semana: as segundas, quartas e sextas-feiras. Num primeiro momento procurei conhecer a escola em detalhes, bem como participar do dia-a-dia das professoras convidadas a participarem da pesquisa.

A partir do aceite das três professoras em participar da pesquisa, procurei conhecer suas turmas que se constituíam de alunos dos sétimos anos do Ensino Fundamental II. As turmas tinham entre 34 e 36 alunos, com a faixa etária entre 11 e 13 anos.

Minha entrada nas salas de aula foi intermediada pelas professoras que, a partir do momento em que aceitaram fazer parte da pesquisa, elaboraram horários para que pudéssemos trabalhar com os alunos e os momentos das entrevistas, quando discutiríamos o trabalho e analisaríamos o contexto em que ele se deu, a reação dos alunos e a perspectiva das professoras e da pesquisadora frente aos fatos ocorridos na Sala de Telemática. O trabalho com os alunos se dava nas segundas e quartas-feiras e os encontros com as professoras às sextas.

Nesse momento, precisei contar com a ajuda do bolsista da Sala de Telemática, que se propôs a trocar seus horários de trabalho em função da disponibilidade das professoras. Essa troca foi solicitada e autorizada pelo coordenador dos bolsistas.

Tendo acertado todos os detalhes de agenda: professoras, bolsista da Sala de Telemática e ainda a marcação para o uso da sala, iniciei a apresentação para os alunos e as professoras de alguns *blogs* literários<sup>45</sup> presentes na rede. É interessante narrar que os alunos dos sétimos anos ao serem informados que nosso trabalho se realizaria nesta sala demonstraram não conhecê-la por sua denominação oficial, Sala de Telemática, mas por sala do NIPASE ou “*aquela dos módulos de Matemática*”, o que a meu ver se configurava como uma demonstração de que a seus olhos, aquele espaço se destinava ainda para os módulos ministrados pelos professores de Matemática.

Os alunos eram levados para a Sala de Telemática por mim e pelas professoras de Língua Portuguesa, onde o bolsista já nos aguardava com os computadores ligados e conectados à internet. Embora todo o trabalho fosse previamente combinado em sala de aula, uma pergunta recorrente dos adolescentes era: *Se sobrar um tempinho podemos usar o MSN ou entrar no Orkut?* Durante o trabalho, várias vezes foram necessárias intervenções das professoras, da pesquisadora ou dos bolsistas para que eles não o fizessem. Vários utilizavam artifícios como deixar a página aberta e “escondida” na barra de ferramentas. Baseada muito na minha experiência como professora e na conversa com as professoras participantes da pesquisa,

---

<sup>45</sup> A lista dos *blogs* utilizados para o trabalho encontra-se no Apêndice A

defini que, sempre que utilizássemos os computadores, 10 minutos seriam destinados ao uso livre, o que sempre se traduzia em acesso ao Orkut e a jogos on-line. Julgo, porém que no decorrer dos encontros esse fato sofreu algumas modificações: várias meninas utilizaram esse momento para criar *blogs* pessoais para discutir poesia, moda, namoros ou ídolos da TV e alguns meninos fizeram o mesmo, porém com interesses mais voltados para esportes e personagens de HQ.

Vale destacar que o processo de marcação para uso da Sala de Telemática era confuso, pois só é aberto às segundas-feiras pela manhã na secretaria da escola, e era muito disputado. Embora demonstre avanço, durante os primeiros 15 dias do primeiro semestre de 2007, a equipe do grupo LIC<sup>46</sup> constatou ser esse espaço quase exclusivamente de uso dos professores do Departamento de Matemática. Entretanto, no que tange à minha pesquisa, o esquema se revelou falho e muitas vezes representou um entrave na realização dos trabalhos: por duas vezes ao chegar ao Colégio nas primeiras horas de atendimento da segunda-feira a bolsista que me auxiliava<sup>47</sup> já encontrava a grade de horários completa e por duas vezes ainda, mesmo tendo marcado na grade de horários, fui surpreendida no meio do trabalho pela presença de alunos do Ensino Médio, uma vez acompanhados da professora de Matemática e de outra pela professora de Inglês. Ao questionar o bolsista sobre os fatos recebi a resposta de que essas professoras já tinham um “horário cativo” e não necessariamente ele constava da grade de marcação.

Essas ocorrências me alertaram para o fato de que a escola ainda não possuía uma articulação entre seus departamentos para que todos os professores pudessem de fato utilizar a Sala de Telemática em suas aulas e contribuiu para uma baixa em minha pesquisa. A professora Alessandra, cuja turma vivenciou três das ocorrências acima descritas, preferiu solicitar que não fizesse mais parte da pesquisa por entender que não disporia de mais tempo em sua grade de horários, mas ao mesmo tempo me pediu que terminasse pelo menos a confecção do *blog* com os alunos.

Nesse cenário encerrei meu Projeto-Piloto e me submeti à banca de Qualificação no dia 05 de maio de 2009.

### 3.5. O início do trabalho com os *blogs* literários

---

<sup>46</sup> Formada pelas mestrandas Janaina Ovídio de Carvalho e Andréia Novelino Vianna e pelos bolsistas de Iniciação Científica Laura Campos e Souza (BIC/UFJF), Lélia Dias de Souza (PIBIC/CNPq/UFJF) e Pedro Henrique Nobre Rittmeyer (FAPEMIG).

<sup>47</sup> Mariana Henrichs Ribeiro.

No início de maio de 2009, após a apresentação do Projeto de Qualificação, deparei-me com a possibilidade de trabalhar somente com duas professoras e alguns fatos já me instigavam: notava nas professoras certo “cansaço” no que se refere ao trabalho com os *blogs* e muitas vezes elas se referiam a isso como “*o seu trabalho*”, isto é, da pesquisadora. Esse fato me gerou um grande desânimo e desestruturou minha participação na pesquisa, pois de certa forma eu trazia uma idéia preconcebida de que “tinha que dar tudo certo”. Embora na qualificação a banca me alertasse para o fato de que minhas expectativas pareciam demonstrar que eu elaboraria um modelo de como se trabalhar com os *blogs* literários nas aulas de Língua Portuguesa, e esse não fosse o meu desejo, eu ainda estava muito impregnada pela minha visão prática de coordenadora que desejava “oferecer” aos professores uma alternativa para o trabalho com a escrita autoral dos alunos.

Voltei então a campo em busca de respostas.

Com a desistência da professora A., continuei o processo de pesquisa com as professoras Carla e Cristina.

A partir da observação de alguns *blogs* literários presentes na rede e da compreensão por parte das professoras e dos alunos das características que os diferenciam dos demais *blogs*, iniciamos o processo de construção dos *blogs* das turmas. O site escolhido para tal foi o **Blogger**<sup>48</sup> por apresentar grandes facilidades não só na criação como na manutenção.

---

<sup>48</sup> <https://www.blogger.com/start?hl=pt-BR>



Figura 8: Página inicial do Blogger

Em conversa com as professoras, ficou decidido que proporíamos aos alunos que a escolha do nome do *blog* por votação: eles indicariam nomes e, a partir disso, a turma elegeria aquele de sua preferência.

Com a turma da professora Cristina o processo se deu de forma tranqüila, quando cheguei à sala de aula ela já havia definido com os alunos algumas sugestões de nomes, de forma que apenas fizemos a votação. Ficou definido que o nome seria “***Blog Corujinha 7C***<sup>49</sup>”, em referência ao símbolo do Colégio (coruja) e à denominação da turma (7C).

<sup>49</sup> <http://blogcorujinha7c.blogspot.com/>



Figura 9: *Blog Corujinha 7C*

A mesma facilidade não encontrei com os alunos da professora Carla. No dia marcado para a escolha do nome e criação do *blog*, ao chegar à sala de aula fui informada pela professora de que ela não havia até aquele momento conversado com os alunos sobre a escolha. Necessitei então explicar o processo e passei a anotar as sugestões que surgiam, entretanto eles se limitavam a expressões em inglês ou nomes de filmes ou personagens preferidos, como o musical norte americano *High School Music*. Alertei-os para as características do *blog* literário, bem como sobre aspectos como a questão de que essas sugestões não poderiam ser usadas por se tratarem de marcas registradas. Após alguns momentos de discussão, dois nomes se sobressaíram: **“Palavra por Palavra”** e **“Gente Inteligente”**. Procedi então a uma votação simples onde cada aluno indicava o nome que considerava mais interessante. Pude nesse momento perceber que havia um certo “movimento” quase silencioso, de “campanha” por um nome ou outro, mas não dei muita importância. Qual foi minha surpresa e da professora, quando, ao final da votação, com a maioria tendo escolhido o nome **“Palavra por Palavra”**, um aluno se levanta e questiona o processo. Com argumentos muito firmes, discute o que ele chamou de “ditadura da maioria” e

pergunta se a turma não poderia ter dois *blogs*, já que a diferença na votação de um nome para o outro foi de apenas dois votos. Os ânimos se acirraram e como esse processo já havia consumido boa parte da aula e os argumentos faziam sentido para mim, acatei a sugestão do aluno e propus a criação de dois *blogs*.

Vale destacar que, naquele momento a professora Carla não expressou qualquer opinião a respeito disso nem fez outra sugestão, mas bem mais tarde, durante nossa entrevista deixou escapar que o fato a incomodara:

**Professora Carla:** *E inclusive você falou o negócio do nome, uma coisa que eu não achei muito legal foi a reação da turma na escolha dos nomes, que eu fiquei de comentar só que... né, depois a gente não teve oportunidade. Eu achei que a turma se dividiu e até que você vendo aquela confusão, até sugeriu dois blogs. E eu acho que tinha que ter um blog da turma... não tipo pra deletar esses dois, mas tinha que ter um blog da turma, uma coisa sabe... assim... que seja um outro nome, um terceiro nome, porque né, isso mostra uma divisão da turma...*

Somente quando li a transcrição da entrevista foi me dei conta que, já naquele momento (a escolha dos nomes), a professora me dava indícios de que considerava o trabalho com os *blogs* um trabalho **da pesquisadora** e não seu, dando inclusive a entender que conduziria de maneira diferente o processo:

**Professora Carla:** *Discutir isso com eles... É... Talvez de repente até deixe os dois, não sei como vai ficar, mas tinha que ter um blog da turma. Nem que for pra gente impor um nome então. Né, blog do 7<sup>a</sup>.*” (Grifo meu).

Como esse incômodo só foi externado posteriormente, naquele momento prossegui com o trabalho e decidi com a turma a confecção de dois *blogs*: “**Palavra por Palavra**<sup>50</sup>” e “**Gente Inteligente**<sup>51</sup>”.

Como a discussão dos nomes foi demorada, o processo de criação dos *blogs* ficou para a semana seguinte, quando finalmente foram postados.

<sup>50</sup> <http://palavraporpalavrajoaouxiii.blogspot.com/>

<sup>51</sup> <http://genteinteligentejoaouxiii.blogspot.com/>

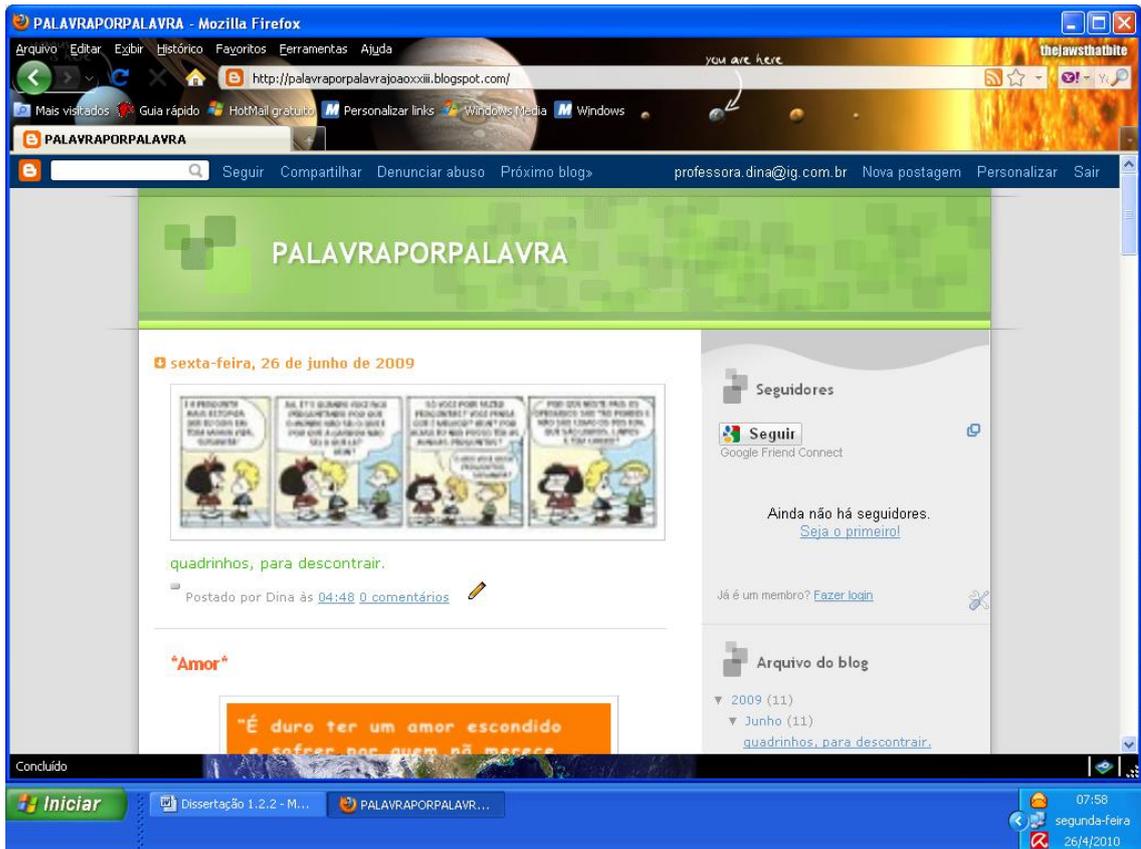


Figura 10: *Blog* Palavra por Palavra



Figura 11: *Blog Gente Inteligente*

Mas, o campo me trouxe outras questões, outros desafios e outro sujeito, pois a Semana do Livro, que acontece, anualmente, no Colégio representou uma oportunidade de redimensionar meu olhar, minhas percepções e principalmente para me fazer afinal “*compreender*” o que é ser pesquisadora, tomar bakhtinianamente, consciência de mim pelos outros e ainda perceber a mediação de que trata Vygotsky, que aconteceu no vivido por mim em relação ao campo e à professora Joséli. Esse processo narro a seguir.

### 3.6. No meio do caminho havia uma Semana do Livro

*Não entendo. Isto é tão vasto que ultrapassa qualquer entender. Entender é sempre limitado. Mas não entender pode não ter fronteiras. Sinto que sou muito mais completa quando não entendo. Não entender, do modo que falo é um dom. Não entender, mas não como um simples de espírito. O bom é ser inteligente e não entender. É uma benção estranha, como ter loucura sem ser doida. É um desinteresse manso, é uma doçura de burrice. Só que de vez em quando vem a inquietação: quero entender um pouco. Não demais: mas pelo menos entender que não entendo.*

Clarice Lispector

Nos dias que sucederam à minha banca de qualificação, eu me encontrava nesse estado de “desinteresse manso” ou “doçura de burrice” de que julgo dizer Clarice Lispector. Embora seguisse os conselhos da banca e ainda estivesse de certa forma, procurando “assentar” o que o processo havia colocado em ebulição, não conseguia me afastar do campo e ao mesmo tempo ficava extremamente incomodada com o que estava, a meu ver, “dando errado”. Não desejava um “receituário didático” de como trabalhar com *blogs* literários nas aulas de Língua Portuguesa, mas ao mesmo tempo queria entender as possibilidades de autoria que esse instrumento poderia proporcionar aos alunos, mas do ponto de vista **das professoras. Queria entender com elas.** Nesse contexto surge um acontecimento que a princípio seria apenas mais uma constatação de que o computador/internet precisam ser encarados como instrumentos culturais de aprendizagem e podem conviver perfeitamente no ensino da Língua Portuguesa com um outro suporte de textos: os livros.

Nos dias 26, 27 e 28 de maio de 2009, aconteceu a “**II Feira do Livro 2009 – Do texto ao hipertexto**” cujo objetivo central, desde a sua primeira edição em 2008 é “despertar o gosto pela leitura e formar leitores”<sup>52</sup>. O tema do texto ao hipertexto foi uma sugestão da professora Cristina e quando a interroguei sobre o porquê da escolha ela me respondeu:

**Cristina:** *As novas tecnologias estão invadindo a sociedade, inclusive as escolas. A escola tem que entrar nesse meio. Não dá mais pra ficar no quadro e giz. Precisamos estimular alunos e professores a olhar de outra maneira para isso*<sup>53</sup>.

Havia, portanto, por parte da professora, uma preocupação em utilizar o computador/internet na escola. Mas por que durante a construção dos *blogs* eu às vezes a

<sup>52</sup> Nas palavras da vice-diretora Andréa Vassalo Fagundes.

<sup>53</sup> **Nota de campo:** 13/05/2009

sentia distante, o que era ainda percebido inclusive pela co-pesquisadora que me acompanhava?

Dina chega à Telemática já com os alunos da 7C. A professora Cristina não participou desse momento. O objetivo do encontro era criar um *blog* e os três grupos formados iriam realizar a postagem de um pequeno texto elaborado em sala juntamente com a professora.

Mariana Henrichs Ribeiro

**Nota de campo:** 29/05/2009

Eu queria entender... e continuei meu processo de observação.

Durante o trabalho com os alunos na Sala de Telemática, a turma da professora Carla, ao visitar o *blog* Orelha do Livro<sup>54</sup>, encontrou um *link* para um *blog* de literatura de Cordel, assunto que estavam preparando para a Feira do Livro. A professora aproveitou-se da “descoberta” e todos os alunos não só acessaram o *blog*, como ainda navegaram por ele. Algumas das equipes utilizaram esse material para o trabalho que estavam construindo. Esse momento mostrou não só a mim, como ainda à professora outras possibilidades de trabalho com os *blogs*.

Concomitante com o trabalho eu realizava os encontros com as professoras e esses encontros aconteciam na sala do Departamento de Letras e Artes. Esta sala é freqüentada por todos os professores de Língua Portuguesa do Colégio e lá encontram seus pares, realizam reuniões de trabalho, atendem pais e alunos e ainda podem preparar suas aulas, pois dispõem de dois computadores ligados à internet e com impressoras. Era ali ainda que, durante o recreio ou nas “janelas”, aqueles espaços livres que os professores têm às vezes entre as aulas, eu podia encontrar com todos. Como já freqüentava a sala desde fevereiro, todos os professores me conheciam e sabiam do objeto de minha pesquisa.

Nesse contexto a professora Joseli<sup>55</sup> se aproximou de mim a procura de material sobre *blogs*, já que ela e outras professoras do Ensino Médio haviam definido como atividade para a Feira do Livro a construção de *blogs* para os segundos anos do ensino médio. Apresentei-lhe alguns textos que eu vinha pesquisando, discutimos quais os melhores suportes para os *blogs*, aqueles que ofereciam mais facilidade na criação e na manutenção. Enquanto ela trabalhou com os alunos estávamos sempre em contato, trocando impressões, dúvidas e relatos.

---

<sup>54</sup> <http://www.orelhadolivro.com.br/>

<sup>55</sup> Que não era sujeito da pesquisa.

Os alunos construíram três *blogs*<sup>56</sup> que foram *linkados* à página do Colégio<sup>57</sup>. O que seriam apenas *blogs* tornaram-se, então, *blogs* literários e a descrição que os acompanha é a seguinte:

### *Blog Literário*

*A construção do blog dos alunos do 2º ano do Ensino Médio do C. A. João XXIII foi uma atividade proposta para a Feira do Livro e orientada pelas professoras de Língua Portuguesa. Esta atividade tem como objetivo, através de um ambiente virtual, promover o interesse pelo texto literário, divulgar textos, imagens, vídeos, informações e opiniões.*

*Visitem os blogs e encontre um espaço de diálogo, discussão de idéias, convivência e exercício da linguagem. (<http://www.ufff.br/joaouxiii/projetos/blog-literario/>)*

Os temas dos três *blogs* construídos pelos alunos se vinculavam aos estudos sobre Camões e Clarice Lispector.

The screenshot shows a Mozilla Firefox browser window with the address bar displaying <http://blog-ze.blogspot.com/2009/05/programacao-da-semana-do-livro-ca-joao.html>. The main content area is titled "Programação da semana do livro C. A. João XXIII" and includes a calendar for the week of May 26-28, 2009. The calendar lists various activities such as "Visitação", "Lectura Interpretada", and "Dissertação e resposta do curso-estágio". The right sidebar contains sections for "ramificações do blog", "sites que valem a pena", and "arquivo do blog".

Figura 12: *Blog* do Zé

<sup>56</sup> **Blog 2A :** [blog-ze.blogspot.com](http://blog-ze.blogspot.com)  
**Blog 2B :** [blogliterario2b.blogspot.com](http://blogliterario2b.blogspot.com)  
**Blog 2C:** [bondedocamoes.blogspot.com](http://bondedocamoes.blogspot.com)  
<sup>57</sup> <http://www.ufff.br/joaouxiii/>

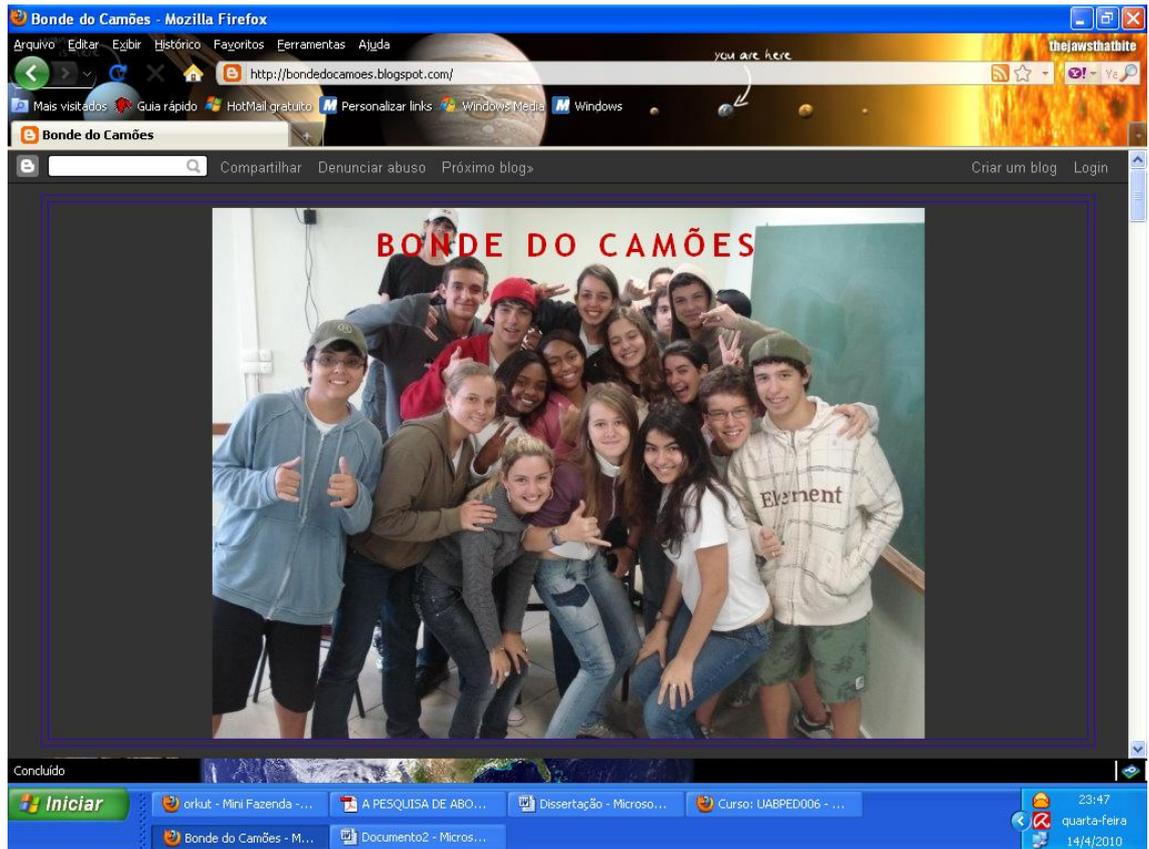


Figura 13: Bonde do Camões

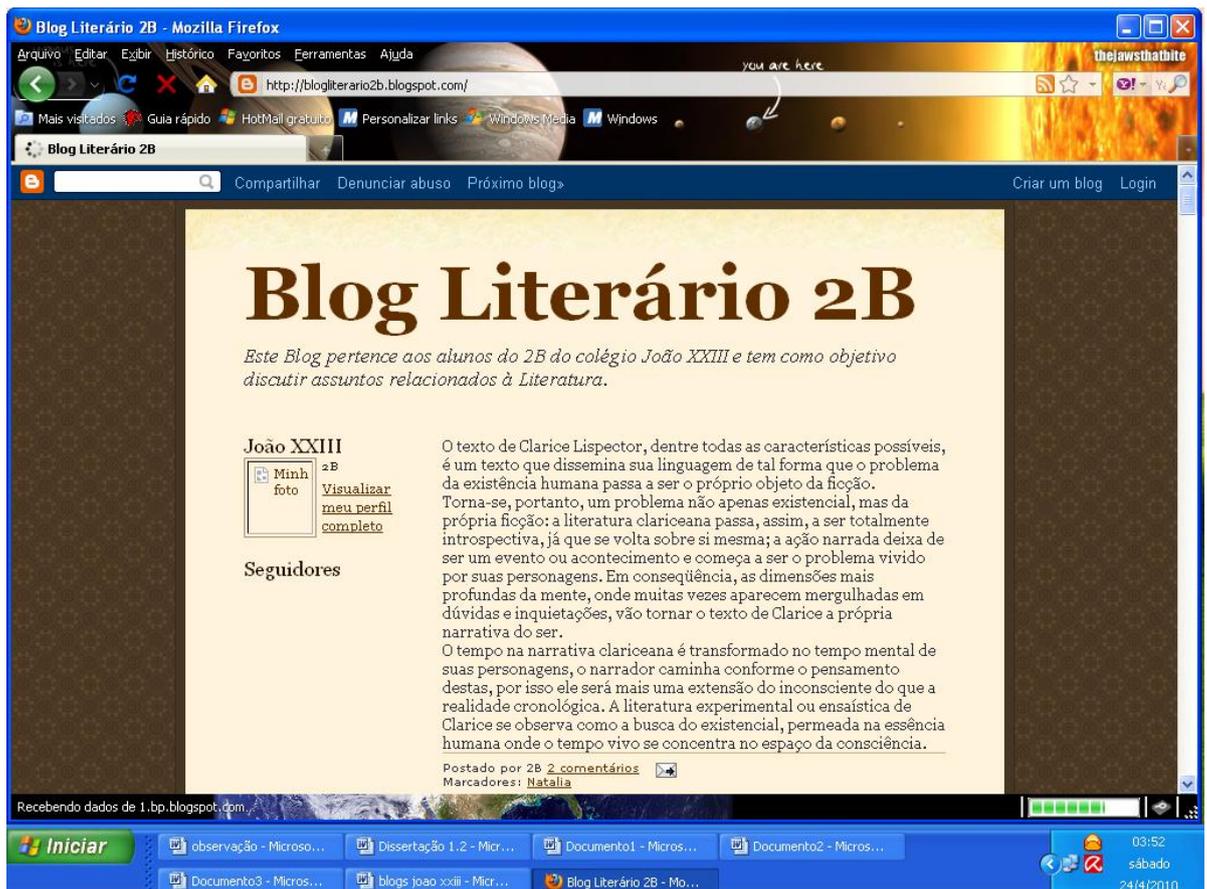


Figura 14: Blog Literário 2B

Os *blogs*, apresentados durante a Feira do Livro, geraram na professora Joseli o desejo de estender o trabalho a outras turmas. Nesse momento, percebi que o campo me oferecia a oportunidade de dialogar com outra professora. Convidei-a, então, a participar da pesquisa. Seu aceite representou não só certo alívio em minhas preocupações com os rumos de meu trabalho, mas, principalmente, a oportunidade de encontrar uma importante parceira de pesquisa. Esse encontro aconteceu na sala do Departamento de Letras e Artes. Minha presença naquele espaço, nossa interação quase diária, trouxe outros rumos para minha pesquisa de campo. Percebi como de fato a pesquisa de orientação histórico-cultural não cria artificialmente uma situação para ser pesquisada, mas que vai ao encontro de uma situação no seu acontecer, no seu processo de desenvolvimento como diz Freitas (2003).

### 3.7. A observação na pesquisa de perspectiva histórico-cultural

*A posição do experimentador e do observador na teoria quântica. A presença dessa posição ativa muda a sua situação e, por conseguinte, os resultados do experimento. Já é de todo diferente o acontecimento que tem um observador, por mais distante, oculto e passivo que seja.*

Mikhail Bakhtin

Observar se tomado no seu sentido dicionarizado pode ser visto como “*notar, examinar, analisar, verificar, cumprir, respeitar, obedecer, censurar, repreender, advertir, admoestar, ponderar, replicar, acatar, seguir*<sup>58</sup>”, mas Bakhtin nos alerta que, por mais passivo que seja o observador, sua presença muda o acontecimento. Como então definir a observação na pesquisa de perspectiva histórico-cultural? É em Freitas (2003) que encontro a resposta:

Mais do que participante esta observação é caracterizada pela dimensão alteritária: o pesquisador ao participar do evento observado constitui-se parte dele, mas ao mesmo tempo mantém uma posição exotópica que lhe possibilita o encontro com o outro. E é esse encontro que ele procura descrever no seu texto, no qual revela outros textos e contextos. Dessa forma, vejo a situação de campo como uma esfera social de circulação de discursos e os textos que dela emergem como um lugar específico de produção do conhecimento que se estrutura em torno do eixo da alteridade. (p.32)

Se a observação é percebida como além do simples anotar e verificar, e implica, além da participação do pesquisador, uma relação em que este dialogue com os sujeitos e constitua-

<sup>58</sup> Dicionário de Sinônimos e Antônimos da Língua Portuguesa. (p.334)

se na relação com eles, procurei me inserir no campo e conhecê-lo em todas as minúcias possíveis.

A partir do Projeto-Piloto e da banca de Qualificação, aconteceram mudanças na minha situação de observadora. Os resultados que eu a princípio julgava quase “prever” para minha pesquisa foram completamente alterados. Os caminhos, os sujeitos, minha constituição como “sujeito-pesquisador”, mudaram. Bakhtin afirma que “*a princípio eu tomo consciência de mim através dos outros*” (p.373), foi através dessa observação mediada<sup>59</sup> que percebi as professoras como sujeitos em mudança e fui tomando consciência de mim não somente como professora, mas agora com uma nova e crescente constituição: professora-pesquisadora.

Essas mudanças começaram a acontecer principalmente na minha quase “imersão” no campo: andei pelos corredores, conheci professores de outras áreas, “misturei-me” com os alunos durante o recreio. Procurei ainda conhecer os espaços do Colégio: visitei por várias vezes a biblioteca, o INFOCentro, a galeria de arte. Por alguns meses me senti parte da escola: já no ônibus encontrava os alunos e ao chegar já era cumprimentada com certa intimidade pelo responsável pelo portão de entrada que já inclusive me liberava do uso do crachá. Nos corredores me encontrava com alunos, professores e funcionários e na sala do Departamento de Letras sentava-me para um café e uma conversa com as professoras. Troquei impressões, experiências, vivências. De textos acadêmicos a receitas culinárias.

Esse processo foi deflagrado a partir de novembro de 2008, quando foi estabelecido um encontro com a direção da escola para a solicitação da pesquisa e o primeiro contato com a professora Cristina.

A partir da leitura dos dados que o grupo de pesquisa já possuía, foi-me possível chegar ao campo com algum conhecimento prévio, mas quando em fevereiro de 2009, efetivamente, comecei o meu processo de observação, percebi que só estando efetivamente na escola eu poderia compreender de fato como se constituía o campo em que se desenvolveria minha pesquisa.

Essa possibilidade se configurou a partir das conversas iniciais com as professoras e a percepção de que o Colégio, ao contrário da maioria das escolas públicas que eu conheço, oferece aos professores uma possibilidade de trabalho com o computador/internet. A Sala de Telemática passava por um processo de reestruturação e contava com dois bolsistas para cuidar de toda parte técnica das máquinas. Os professores manifestavam o desejo de trabalhar com esses instrumentos em suas aulas. Notei, entretanto, que a escola não possuía um Projeto

---

<sup>59</sup> Na perspectiva histórico-cultural a observação pode ser compreendida como uma observação mediada no sentido de que o observador é ativo e interage com o campo e seus sujeitos. (FREITAS, 2003)

Político Pedagógico que buscasse integrar o desejo dos professores, o currículo e o equipamento que dispunham.

Outro fator observado foi a constatação de que os professores não possuíam uma idéia de “corpo” da escola, já que cada departamento realizava o seu trabalho quase independente do outro. Quando procurei conhecer o trabalho desenvolvido na Sala de Artes e que tipo de exposição se realizava na Galeria de Arte, perguntando sobre isso aos meus sujeitos, obtive a resposta de que só os professores de Artes utilizavam esse espaço e que, portanto, eles não sabiam me responder.

Ao programar os dias de minha presença no Colégio, levei em conta não só a presença das professoras em sala de aula como também fora delas: as segundas tinha oportunidade de me encontrar com Carla, em um horário vago antes do recreio (08h40min/09h30min), e, nesses momentos, eu a sentia mais “solta”, pois embora parecesse sempre disposta a dialogar, na presença da professora Cristina ela se calava ou se limitava a concordar com o que ela propunha, talvez por que a enxergasse não como companheira de disciplina, mas como coordenadora do Departamento.

As quartas me proporcionavam um encontro com as professoras, pois, nesse dia, no horário após o recreio (9h45min/ 10h35min), estavam todas no Departamento. Era, principalmente, nesses horários que discutíamos as ações que envolviam o trabalho da pesquisa e que elas discutiam o trabalho cotidiano com as turmas. Nesse momento, não me limitava a ser apenas uma observadora passiva, mas procurava conhecer o que estavam realizando, participava das discussões sobre a rotina da escola e das salas de aula. Ao mesmo tempo percebia que a minha presença modificava o acontecimento, produzia outras impressões. Diversas vezes era convidada a opinar sobre as questões discutidas e muitas delas apropriei-me do resultado dessas interações e levei para meu trabalho de coordenadora pedagógica.

Entretanto, como sair dessa intimidade e retomar o meu papel ali? Como aproveitar de fato essa observação vivida no meu texto? De novo Bakhtin auxilia com sua perspectiva discursiva, dialógica e polifônica: tudo que se passava era situação da pesquisa, não me limitei a apenas “olhar” o campo e os sujeitos, inseri-me no Colégio e fiz parte integral dos acontecimentos diários que ali se realizam, consciente de que minha presença desencadeava algo novo nos acontecimentos.

Após esse tempo de observação, voltei ao meu lugar de pesquisadora e com tudo que apreendi no campo entrelaçado aos meus estudos e experiências constituí meu excedente de visão em relação às professoras. Para aprofundar minha compreensão ativa e completar o meu

horizonte apreciativo, senti a necessidade de empreender um processo interlocutivo com as professoras. O instrumento propício para tal foram as entrevistas dialógicas.

### 3.8. As entrevistas dialógicas

*Devo identificar-me com o outro e ver o mundo através de seu sistema de valores, tal como ele vê; devo colocar-me em seu lugar, e depois, de volta ao meu lugar, contemplar seu horizonte com tudo que se descobre do lugar que ocupo fora dele; devo emoldurá-lo, criar-lhe um ambiente que o acabe, mediante o excedente de minha visão, de meu saber, de meu desejo e de meu sentimento.*

Mikhail Bakhtin

Coerente com a perspectiva teórica que assumi, indiquei a entrevista coletiva como um dos instrumentos metodológicos da pesquisa. Essa escolha se justificava pelo meu desejo de estabelecer uma relação dialógica com as professoras. Para Kramer (2003), “*nas entrevistas coletivas, a situação dialógica é enriquecedora, as análises são mais profundas e substanciais*”. (p.65). Mas com o decorrer de minha presença no campo ficou evidente que esses encontros coletivos não seriam produtivos.

Cheguei a realizar um desses encontros, mas o diálogo esperado de fato não ocorreu. As professoras mais jovens retraíam-se na presença da professora Cristina. A meu ver esse fato poderia acontecer como já explicitado anteriormente por ser ela a mais experiente do grupo e por exercer a coordenação do Departamento. O que então estabelecer como outro instrumento metodológico? Como estabelecer a relação dialógica pretendida? Minha escolha recaiu então sobre as entrevistas dialógicas individuais, assim compreendidas nas palavras de Freitas (2003)

A entrevista acontece entre duas ou mais pessoas: entrevistador e entrevistado(s) numa situação de interação verbal e tem como objetivo a mútua compreensão. Não uma compreensão passiva baseada no reconhecimento de um sinal, mas de uma compreensão ativa que, no dizer de Bakhtin (1988), é responsiva, pois já contém em si mesma o gérmen de uma resposta. O ouvinte concorda ou discorda completa, adapta, repensa e essa sua atitude está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso. (p. 35-36)

A partir dessa definição fica claro porque podem ser nomeadas de dialógicas, já que pressupõem duas consciências, dois sujeitos: no diálogo entre pesquisado e o pesquisador, surgem palavras e contrapalavras, e nessa corrente de comunicação, são construídos sentidos pelos interlocutores.

Embora a cada entrevista meus objetivos fossem muito claros, era a partir das respostas das professoras que eu re-elaborava minhas perguntas e buscava, nessa interlocução não só compreender os sentidos que construíam a partir do trabalho com os *blogs* como ainda ressignificar a minha própria percepção da pesquisa.

Realizei ao todo cinco entrevistas dialógicas: duas com a professora Cristina, duas com a professora Joseli e uma com a professora Carla. Constava do cronograma inicial da pesquisa que eu realizaria as primeiras entrevistas a partir da segunda quinzena do mês de agosto de 2009. Em um segundo momento, ao final do trabalho com os *blogs*, novas entrevistas seriam realizadas, o que calculávamos pudesse ocorrer até a primeira quinzena de outubro do mesmo ano. Três fatos concorreram para o cronograma não se efetivar: na última semana do mês de maio, com a realização da Feira do Livro na escola, não foi possível trabalhar com os alunos na Sala de Telemática, pois todos estavam envolvidos na apresentação de trabalhos. A partir da segunda semana de junho as professoras realizaram o período de avaliações e mais uma vez não pudemos postar os *blogs*. No retorno às aulas em agosto, fomos surpreendidas pela decisão da Universidade Federal de Juiz de Fora de não retornar às atividades do segundo semestre em decorrência da gripe suína.

Efetivamente só reiniciamos o trabalho no início do mês de setembro.

Na retomada dos trabalhos ficou claro que a professora Carla encontrava dificuldades para prosseguir com os *blogs*. Alegando o tempo curto e o cumprimento do programa estabelecido para aquele ano ser prejudicado, informou-me que só a partir da segunda semana de outubro poderia retomar as postagens. Também a professora Cristina tinha problemas com o tempo. Juntamente com minha orientadora, decidi iniciar as entrevistas e acompanhar mais de perto o trabalho da professora Joseli.

Realizei, então, uma entrevista com cada uma das professoras e passei a observar o processo de criação e postagem do “**Blog de Língua Portuguesa**”<sup>60</sup>, construído pela professora Joseli.

---

<sup>60</sup> [http://blogdojoaoxxiii.blogspot.com/2009\\_09\\_27\\_archive.html](http://blogdojoaoxxiii.blogspot.com/2009_09_27_archive.html)



Figura 15: *Blog da Língua Portuguesa*

Embora participasse da discussão e planejamento do *blog*, esse processo se deu de maneira muito diferente daquela que havia empreendido com as outras professoras que participaram da pesquisa: esse era um projeto proposto **pela professora Joseli**. Esse fato fez toda diferença no processo. Não fui à Sala de Telemática acompanhar os alunos. Todas as minhas impressões vieram da observação do *blog* na rede, das conversas e entrevistas com a professora.

A essa altura, o mês de outubro chegou e, mesmo assim, não foi possível retomar os *blogs* das professoras Carla e Cristina. Decidi, então, não mais insistir, já que isso poderia criar uma situação artificial de pesquisa. Continuei indo ao Colégio, mas agora apenas nas quartas-feiras para encontrar a professora Joseli.

Como no mês de novembro minha licença remunerada terminou e precisei retornar ao trabalho no turno da manhã, combinei com a professora Joseli que realizaríamos mais uma entrevista em novembro, no final do ano letivo, para avaliarmos como foi o trabalho com o *blog*.

Em comum acordo com minha orientadora decidi não realizar nova entrevista com a professora Carla, já que para ela o trabalho estava concluído e não se mostrava disponível para continuar a pesquisa. Marquei, então, um encontro com a professora Cristina, que expressou o desejo de realizar ainda algumas postagens no *blog*. Infelizmente, com aproximação do final do ano letivo, isso não foi possível, já que, segundo a professora, o período de avaliação traz muitas tarefas e, tanto ela quanto os alunos estavam muito cansados.

Novamente senti aquela sensação incômoda do fim da qualificação: as professoras encaravam esse trabalho como **da pesquisadora**, como uma **tarefa de pesquisa**. Embora desejassem incluir o computador/internet em sua prática pedagógica e tivessem clara a sua importância, efetivamente isso não fazia parte de seus planejamentos.

Voltei ao Colégio no fim do mês de novembro para mais uma entrevista com a professora Cristina e com a professora Joseli, encerrando meu trabalho de campo. Os corredores quase vazios demonstravam claramente que o ano letivo, assim como aquele momento da pesquisa, chegava ao fim. Hora de recolher todos os dados, transcrever as últimas entrevistas e me dedicar à análise de dados.

#### 4. Da solidão da escrita: a construção e análise dos dados da pesquisa

*Como quem lava roupa no tanque dando porrada nas palavras. A espuma que restou no ralo vai ser boa para o começo. Depois é ir imitando os camaleões sendo pedra sendo lata sendo lesma. As palavras de nascer adubam-se de nós. Então no meio da coisa pode saltar uma clave ou um rato. Daí a gente tem que trabalhar. O horizonte fica longe que nem se vê. Um horizonte pardo como os curdos. Também faz parte desse processo desarrumar a cartilha. Seduz-me reaprender a errar a língua. Eis um ledó obcídio meu.*

Manoel de Barros

Tomei as palavras de Manoel de Barros como uma indicação tal qual um roteiro poético de como descrever meu processo de construção e análise dos dados da pesquisa. Como quem lava a roupa tomei todo material recolhido durante a pesquisa. Levei para o tanque, materializado pela minha mesa de trabalho e pus-me a ensaboá-lo com todos os questionamentos que despertaram meu interesse em pesquisar a possibilidade de uma escrita autoral dos alunos nas aulas de Língua Portuguesa utilizando como instrumento os *blogs* literários. A “*espuma*” que restou era o começo: possíveis respostas para as questões que me levaram a esta pesquisa.

A partir daí fui “*imitando os camaleões*”. Mergulhei no processo de ir “*sendo pedra*”, “*sendo lata*”, “*sendo lesma*”: a solidão da escrita.

Ao sair do campo, senti enorme vazio. Deixar a convivência com as professoras, os encontros, os cafés na sala do Departamento, o barulho da rotina do Colégio. Tudo isso fazia falta.

Após a transcrição das últimas entrevistas e com a proximidade das festividades de encerramento do ano de 2009, combinei com minha orientadora que dedicaria o mês de janeiro/2010 para a análise e construção dos dados da pesquisa. Ela ainda me alertou que estaria de férias, fora da cidade e que eu ficaria muito sozinha. Influenciada, talvez, pela algazarra que meus companheiros de grupo de pesquisa faziam na confraternização que marcava o fim dos trabalhos do grupo não dei muita atenção às suas palavras. Somente em início de janeiro foi que realmente me senti sozinha.

Mas era uma solidão fértil. Embora meus interlocutores usuais durante o processo de pesquisa (minha orientadora, meus companheiros do grupo de pesquisa LIC, as professoras que participaram da pesquisa) estivessem ausentes, restaram-me os teóricos que elegi para esse trabalho e os textos que havia produzido durante o trabalho de campo: notas de campo, anotações, os *blogs*, as transcrições das entrevistas com as professoras. Procurei, então, tomar

distância da cena enunciativa da pesquisa e aprofundar minha compreensão do acontecido no sentido de responder às questões que a orientara. Nessa outra cena enunciativa, a solidão da escrita tinha que “adubar” as palavras ao dialogar com os discursos dos pesquisados e os meus próprios discursos. A partir disso, trazer à cena Bakhtin e Vygotsky, outros autores que trabalham com a perspectiva histórico-cultural e também aqueles que se dedicam ao objeto de estudo dessa pesquisa, ou no dizer de Bakhtin (2003),

Historicidade. Imanência. Fechamento da análise (do conhecimento e da interpretação) em um dado texto. A questão dos limites do texto e do contexto cada palavra (cada signo) do texto leva para além dos seus limites. Toda interpretação é o correlacionamento de dado texto com outros textos. A índole dialógica desse correlacionamento. (p. 400).

Para fazer esse correlacionamento de que nos fala Bakhtin, minha primeira tarefa consistiu em reler as questões orientadoras. Fiz, a partir daí, uma leitura atenta das transcrições das entrevistas, marcando com cores diferentes as falas recorrentes, as mais enfáticas, as que se apresentavam como possibilidades de respostas para minhas questões e ainda aquelas que representavam a posição das entrevistadas frente às contra palavras da pesquisadora. Organizei uma lista, por entrevista, com cada enunciado destacado. Reli as notas de campo e as anotações feitas durante as observações tendo em mente que buscava uma

“compreensão como visão do sentido, não uma visão fenomênica e sim uma visão do sentido vivo da vivência na expressão, uma visão do fenômeno internamente compreendido, por assim dizer, autocompreendido.” (BAKHITIN, 2003, p. 396).

Já que o campo era agora um “horizonte longe que nem se vê”, rememorei cada momento nele passado: os pormenores de cada nota de campo, as anotações que fiz durante minha permanência no Colégio de Aplicação João XXIII, as características das professoras participantes da pesquisa, suas respostas a cada situação vivida. Tentei, nesse exercício, captar o olhar **das professoras**. A seguir, voltei ao meu lugar de pesquisadora e, com esse excedente de visão, busquei compreender o que vi, de acordo com meus valores, minha perspectiva, minha problemática. (AMORIM, 2006, p.96). Nesse processo ficou muito claro para mim que:

[...] A produção de conhecimento e o texto em que se dá esse conhecimento são uma arena onde se confrontam múltiplos discursos. Por exemplo, entre o discurso do sujeito analisado e conhecido e o discurso do próprio pesquisador que pretende analisar e conhecer, uma vasta gama de significados conflituais e mesmo paradoxais

vai emergir. Assumir esse caráter conflitual e problemático das Ciências Humanas implica renunciar a toda ilusão de transparência: tanto do discurso do outro quanto do seu próprio discurso. E é, portanto trabalhando a opacidade dos discursos e dos textos, que a pesquisa contemporânea pode fazer da diversidade um elemento constituinte do pensamento e não um aspecto secundário. (AMORIM, 2003, p.12)

Mas Marília Amorim adverte no texto acima citado que essa renúncia à transparência não deve ser confundida com renúncia à teoria e ao trabalho de objetivação. Para a autora, “*a polifonia*<sup>61</sup> em Ciências Humanas não exige o pesquisador do trabalho de análise” (p.15).

Buscando, assim, perceber se no meio dessa coisa saltava uma clave ou um rato, revisei os *blogs* construídos pelas professoras e seus alunos. Li atentamente todas as postagens, analisei o conteúdo delas, os nomes que os alunos escolheram para seus *blogs*, as ilustrações, o modo de apresentação, a incidência de comentários.

Como organizar tudo isso? Iniciei então o segundo momento da análise, quando, seguindo as proposições de Bogdan e Biklen (1994), procurei desenvolver um sistema de categorização que me permitisse organizar os dados.

Na busca de construir **categorias** de análise, retomei minha questão. Como de posse de todos esses dados compreender com as três professoras de Língua Portuguesa a maneira como os *blogs* literários podem se constituir numa possibilidade de formação do aluno-autor no processo de produção escrita no interior de suas aulas?

Bogdan e Bilken (1994) advertem que propõem a categorização dos dados “apenas como alternativas acerca do que procurar”, não implicando este fato que “a análise surja exclusivamente dos dados e não das perspectivas que o investigador possui”. (p. 229). Afinal, para os autores,

(...) são os valores sociais e as maneiras de dar sentido ao mundo que podem influenciar quais os processos, actividades, acontecimentos e perspectivas que os investigadores consideram suficientemente importante para codificar. (p. 229)

Desenvolvi, então, um código muito próprio de analisar os dados. Aglutinei os enunciados que havia separado das transcrições das entrevistas em três temas: os *blogs* literários como gênero do discurso à luz da teoria enunciativa de Bakhtin e seu Círculo; as possibilidades de uma escrita autoral dos alunos percebida nos *blogs* por mim e pelas professoras; o processo de produção escrita dos alunos nas aulas de Língua Portuguesa e nos *blogs* e o papel desempenhado pelas professoras nesse processo. A partir dessa identificação de temas cheguei às seguintes categorias de análise:

---

<sup>61</sup> Marília Amorim ao falar em polifonia está se referindo à plurivocalidade, às diferentes vozes presentes no texto.

- a) **Os *blogs* literários como gênero do discurso**
- b) ***Blogs* literários: um caminho para autoria?**
- c) **O papel mediador do professor**

Cabe esclarecer que esse não foi um processo linear. Como explicitado por Manoel de Barros, fui “*dando porrada*” nas palavras, lavando e ensaboando, recolhendo a “*escuma*” que restava no ralo. Durante todo o tempo que mandei para a construção das categorias não pude deixar de levar em consideração as transformações que ocorreram durante a pesquisa: as perspectivas com que cheguei ao campo, a forma como a princípio as professoras se constituíram como sujeitos da pesquisa, os percalços e sobressaltos, as surpresas, as mudanças de olhar e de rota. O que afinal se configurou como análise final foi fruto de trocas dialógicas em que as interlocuções aconteceram não só no entrecruzamento das vozes, mas ainda no diálogo mediado pelo computador/internet, materializado nos *blogs* e nos silêncios de alguns momentos.

A divisão de todo esse material em três categorias não significa, entretanto, que uma exclua a outra, mas há entre elas elos muito fortes de ligação: o campo, os sujeitos, a pesquisadora.

#### **4.1. Os *blogs* literários como gêneros do discurso**

Embora Bakhtin tenha vivido e elaborado seus constructos teóricos num contexto em que não se poderia supor a existência do computador/internet com todas as formas de leitura e escrita advindas de seus usos, seus conceitos representam um suporte para a compreensão do letramento digital e do surgimento de novos gêneros no meio digital.

O computador/internet tem possibilitado novas relações entre as pessoas, ou bakhtinianamente, novas esferas de uso da linguagem que demandam no surgimento de novos gêneros discursivos, pois,

[...] cada época e cada grupo social têm seu próprio repertório de formas de discurso na comunicação sócio ideológica. A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo gênero, isto é, a cada forma de discurso social, corresponde um grupo de temas. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 44)

A interação nos *blogs* se dá via palavra, e a linguagem para Bakhtin, é um fenômeno compreendido dentro da situação em que acontece. Dessa maneira, os *blogs* literários construídos pelos alunos do Colégio de Aplicação João XXIII serão aqui abordados como um gênero discursivo na perspectiva bakhtiniana.

Contestando as duas tendências presentes na lingüística de seu tempo em que o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato reduziam a língua a uma enunciação monológica isolada ou a um sistema de normas, Bakhtin e seu Círculo afirmam ser impossível um sistema de língua sincrônico, pois “*toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal*”. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p.101).

O que pude compreender a partir do trabalho realizado é que os *blogs* literários, construídos com os alunos desta pesquisa, partem de uma situação concreta: o desejo de escrever e ser lido. São dirigidos a um auditório concreto, os leitores, e de acordo com o desejo de atingir ou não um interlocutor específico, apresentam tipos relativamente estáveis de enunciados: os gêneros discursivos.

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua constituição composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos *relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2003: 261, 262)

As esferas de atividade humana são inúmeras e inesgotáveis, e à medida que se desenvolvem e complexificam trazem um novo repertório de gêneros do discurso. Esse movimento dialético/dialógico permite que os gêneros coexistam, perpetuem-se, ressuscitem, transformem-se e traz a compreensão da riqueza e variedade infinitas que apresentam. A partir da conceituação de gênero de discurso elaborada por Bakhtin, considero o *blog* literário como um gênero de discurso. Tenho clara a premissa de que esse gênero pode comportar em seu interior outros gêneros. Dessa forma, dentro do gênero *blog* literário podemos encontrar outros gêneros como poesia, crônica, charge.

Para Bakhtin, os gêneros discursivos denotam as possibilidades de combinação entre a oralidade e escrita, já que, na perspectiva do autor, abarcam o uso da língua nas mais

variadas esferas da comunicação. Divide-os em gêneros primários (simples) e gêneros secundários (complexos).

Os gêneros primários estão ligados aos aspectos mais simples da vida cotidiana e são, predominantemente, embora não exclusivamente, orais. São formados no contexto mais imediato da comunicação (bate-papo conversa telefônica, bilhete, *e-mail*, *MSN*, *Chat*). Já os gêneros secundários advêm das situações de convívio cultural mais complexo e pertencem às esferas de comunicação mais elaboradas – a jurídica, a religiosa, a científica, a pedagógica, a filosófica. São predominantemente, mas não exclusivamente, escritos (romances, dramas, pesquisas científicas, sermões, discurso parlamentar).

Os *blogs* literários de que trata essa pesquisa constituem-se essencialmente da linguagem escrita, materializada através de postagens. Nelas os alunos se expressam através dos mais variados gêneros<sup>62</sup> discursivos: crônicas, poemas, resenhas, textos de opinião, biografias, contos de mil e uma noites.

Como para Bakhtin falamos e escrevemos por gêneros discursivos, procurei compreender os *blogs* literários do Colégio de Aplicação João XXIII a partir daquilo que, segundo o autor, constitui um gênero do discurso: seu conteúdo temático, sua construção composicional e seu estilo.

Fiorin (2006), a partir de Bakhtin, diz que o conteúdo temático não é especificamente o assunto de um texto, mas é “um domínio de sentido de que se ocupa o gênero” (p.62). Assim o conteúdo temático do *blog* “Corujinha 7C” tratou exclusivamente das releituras que os alunos fizeram dos contos do livro “Mil e uma noites”.

Já no *blog* “Palavra por Palavra”, os alunos escolheram formas várias de expressão. Postaram quadrinhos, poemas próprios, biografias de autores estudados.

“Gente Inteligente” foi um *blog* que não deu continuidade a suas postagens. Apesar de toda insistência dos alunos em criá-lo, como já descrito anteriormente, após o retorno das férias e da interrupção causada pela gripe suína não houve continuidade das postagens. Mas pela primeira postagem e pelo modo de apresentação do *blog* posso deduzir que seu conteúdo temático se focaria mais na relação literatura e esporte, visto seus autores demonstrarem claramente esse desejo.

---

<sup>62</sup> Embora o trabalho de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação João XXIII seja pautado em gêneros textuais a partir dos PCNs e dos trabalhos de Bernard Scheneuwly, Joaquim Dolz e outros autores, aqui, em conformidade com a compreensão bakhtiniana de gêneros discursivos, eles serão assim denominados.

Assim, o “*Blog de Língua Portuguesa*” se caracterizou por um conteúdo temático que buscava trazer a diversidade de gêneros tratados na aula de Língua Portuguesa: crônicas, resenhas, textos informativos e de opinião, charges.

Pensando a construção composicional dos *blogs*, que é o modo de organizar e estruturar o texto, eles obedecem a uma ordem cronológica ascendente em que a página de abertura está sempre com a data da última postagem. Mesmo com títulos e disposições diferentes na tela, trazem o título do *blog* no alto da página, os assuntos em destaque no centro. Nos espaços laterais encontram-se a cronologia dos textos já publicados e a contagem de visitantes.

**BLOG DE LÍNGUA PORTUGUESA**  
BEM-VINDOS AO BLOG DA LÍNGUA PORTUGUESA, ESCRITO PELOS ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL E DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO DO C.A. JOÃO XXII. AQUI VOCÊ ENCONTRARÁ DICAS E CURIOSIDADES SOBRE A NOSSA LÍNGUA E LITERATURA. FIQUE A VONTADE PARA LER, ENVIAR DICAS E SUGESTÕES ATRAVÉS DOS COMENTÁRIOS.

SEXTA-FEIRA, 6 DE NOVEMBRO DE 2009

**The Umbrella Academy, Suíte do Apocalipse - Gerard Way e Gabriel Bá.**

Eu estava esperando por esse livro desde o meio do ano! É uma história em quadrinhos escrita por Gerard Way (Vocalista do My Chemical Romance) e arte de Gabriel Bá, que por sinal fez um belo trabalho!

A História em Quadrinhos conta a história de Hargreeves e seus sete filhos, os quais, após uma catástrofe nuclear numa luta nasceram em diferentes do mundo em mulheres sem nenhum sinal aparente de gravidez. As crianças escolhidas por Hargreeves foram Space Boy, Rumor, Kraken, Séance, "Número Cinco", Ben e Vanya, todas com poderes especiais, menos a última, e enumeradas por sequência. Essas crianças formam o *The Umbrella Academy*, que combatem o crime num tipo de história de super-heróis, que se junta a um clima surreal. Após a morte de Hargreeves, o *The Umbrella Academy*, que havia se separado,

CONTADOR DE VISITANTES  
**3382**  
visitantes

ARQUIVO DO BLOG

- ▼ 2009 (17)
  - ▼ 01/11/09 - 08/11/09 (1)
    - The Umbrella Academy, Suíte do Apocalipse - Gerard...
  - ▶ 18/10/09 - 25/10/09 (4)
  - ▶ 04/10/09 - 11/10/09 (5)
  - ▶ 27/09/09 - 04/10/09 (7)

Figura 16: *Blog de Língua Portuguesa*

Quanto ao estilo, que para Fiorin (2006) consiste na “*seleção de meios lexicais, fraseológicos e gramaticais em função do interlocutor*” (p.62), o blog “Corujinha 7C” tem como característica os textos que os alunos produziram a partir do livro “As mil e uma noites” e a fotografia da capa do livro. Como forma de chamar a atenção do leitor, os alunos postaram ainda uma ilustração que remete à obra: a lâmpada de Aladim.



Figura 17: A lâmpada de Aladim que ilustra o *Blog Corujinha 7C*

No “Palavra por Palavra”, os alunos se preocuparam em mostrar ao possível leitor os gêneros que estavam estudando e também aqueles que constavam de suas preferências pessoais: os quadrinhos “para descontrair”, o pequeno excerto poético sobre o amor, a ilustração sobre poesia e o poema sobre ser adolescente, as biografias dos autores que estudaram. É interessante notar que o auditório era basicamente formado por seus pares: colegas da própria turma e de outras, amigos, mas sempre da mesma idade. Nesse momento “esqueciam-se” do fato de ser um *blog* construído na aula de Língua Portuguesa. Aparentemente não se lembravam da visibilidade que a internet proporciona e que poderiam

ser lidos por mais pessoas. Desejavam apenas atingir aqueles que com eles comungavam os mesmos interesses.

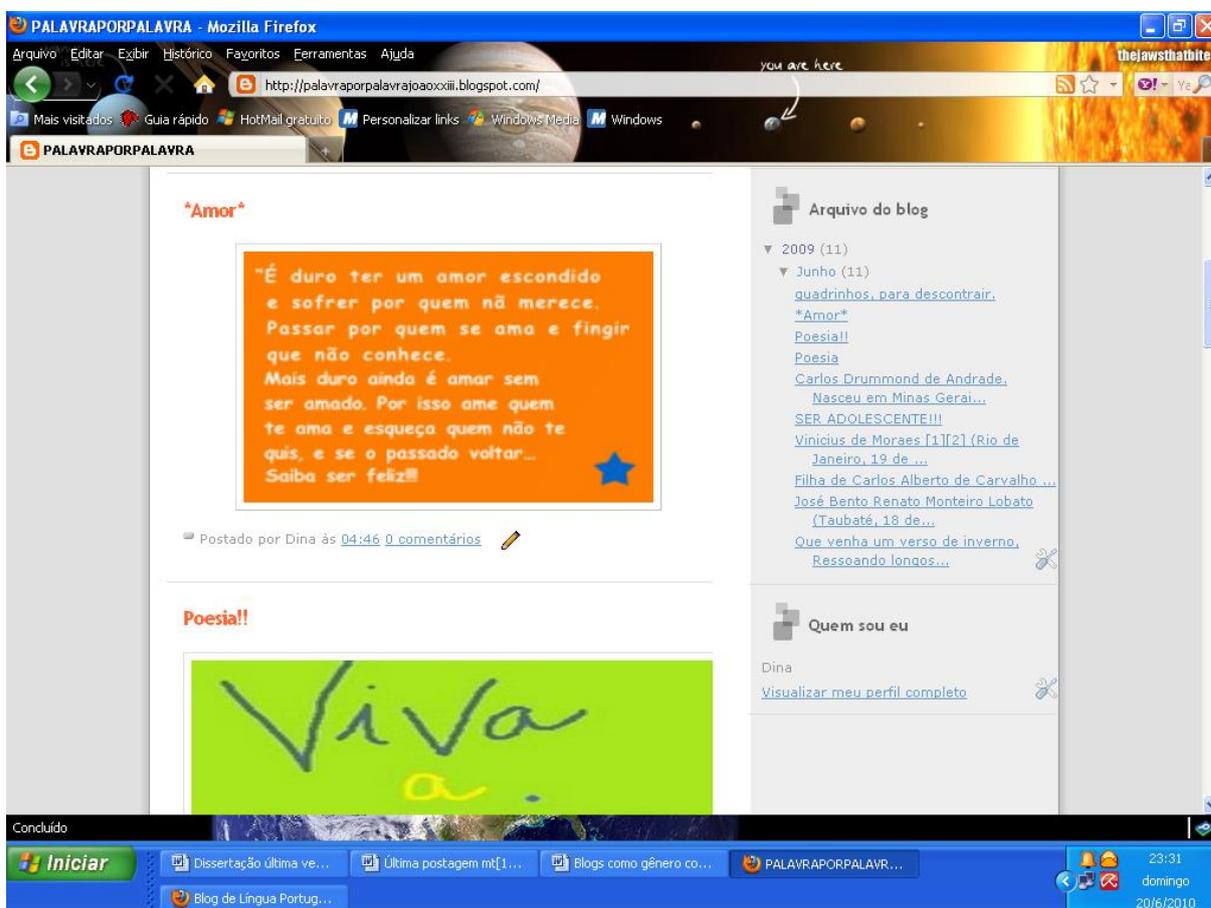


Figura 18: *blog* Palavra por Palavra

No “Gente Inteligente” ficou claro esse desejo de “falar com iguais”. Os alunos escolheram o preto como cor de fundo, para, no entender deles, marcar o *blog* como masculino, e deixaram muito claro no seu texto de apresentação que falariam de literatura, mas também de “coisas interessantes” como esportes e jogos. Sua primeira e única postagem trata de um *link* comentado sobre o jogo “Cartola F. C.”<sup>63</sup>.

<sup>63</sup> [www.cartolafc.com.br](http://www.cartolafc.com.br)

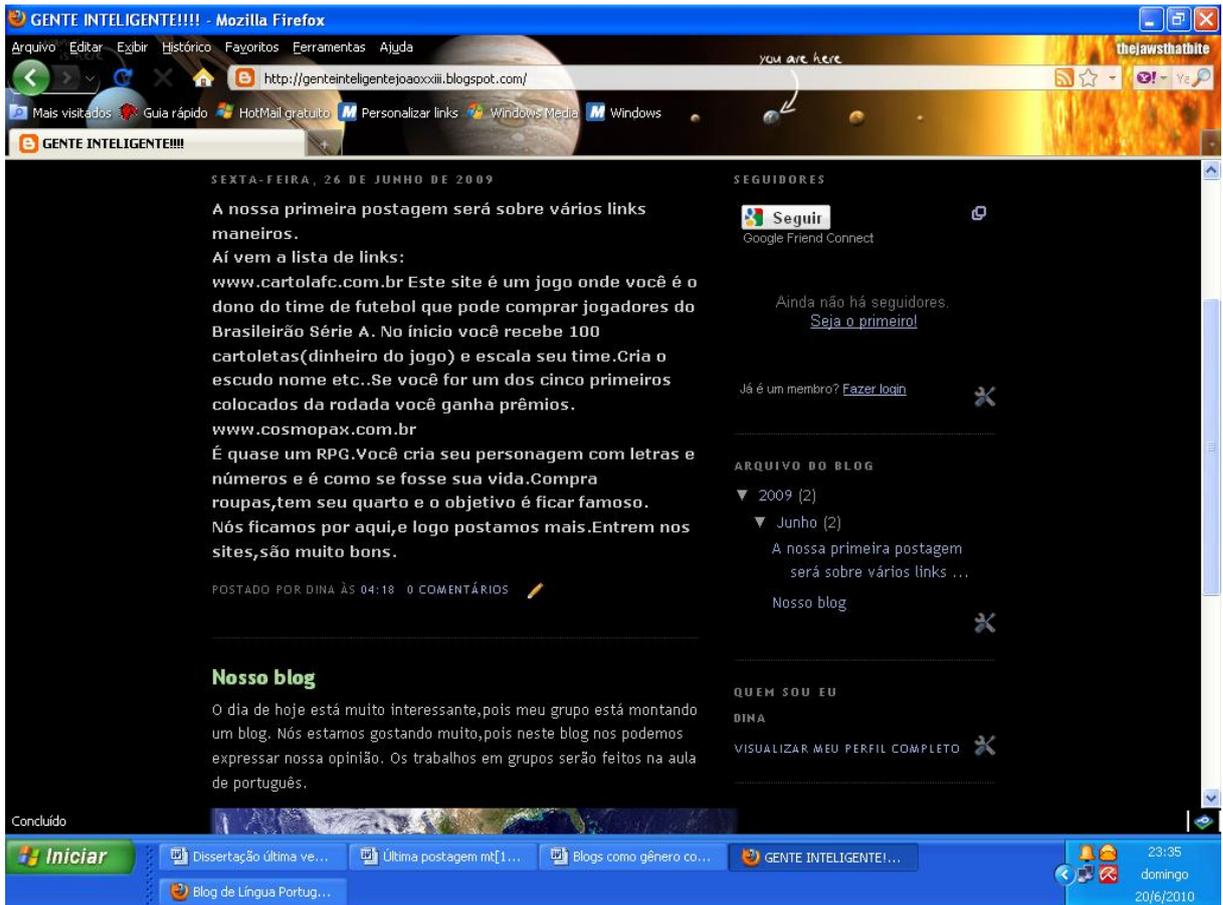


Figura 19: blog Gente Inteligente

O “*Blog de Língua Portuguesa*” traz a marca da sobriedade. É um *blog* da aula de Língua Portuguesa e esse fato torna-se claro no estilo escolhido para sua visualização: cores claras, poucas ilustrações, textos formatados dentro das regras acadêmicas e os gêneros nomeados e demarcados. Antes do título da crônica, da charge ou da resenha, os *blogueiros* colocavam o tipo de gênero de que se tratava.

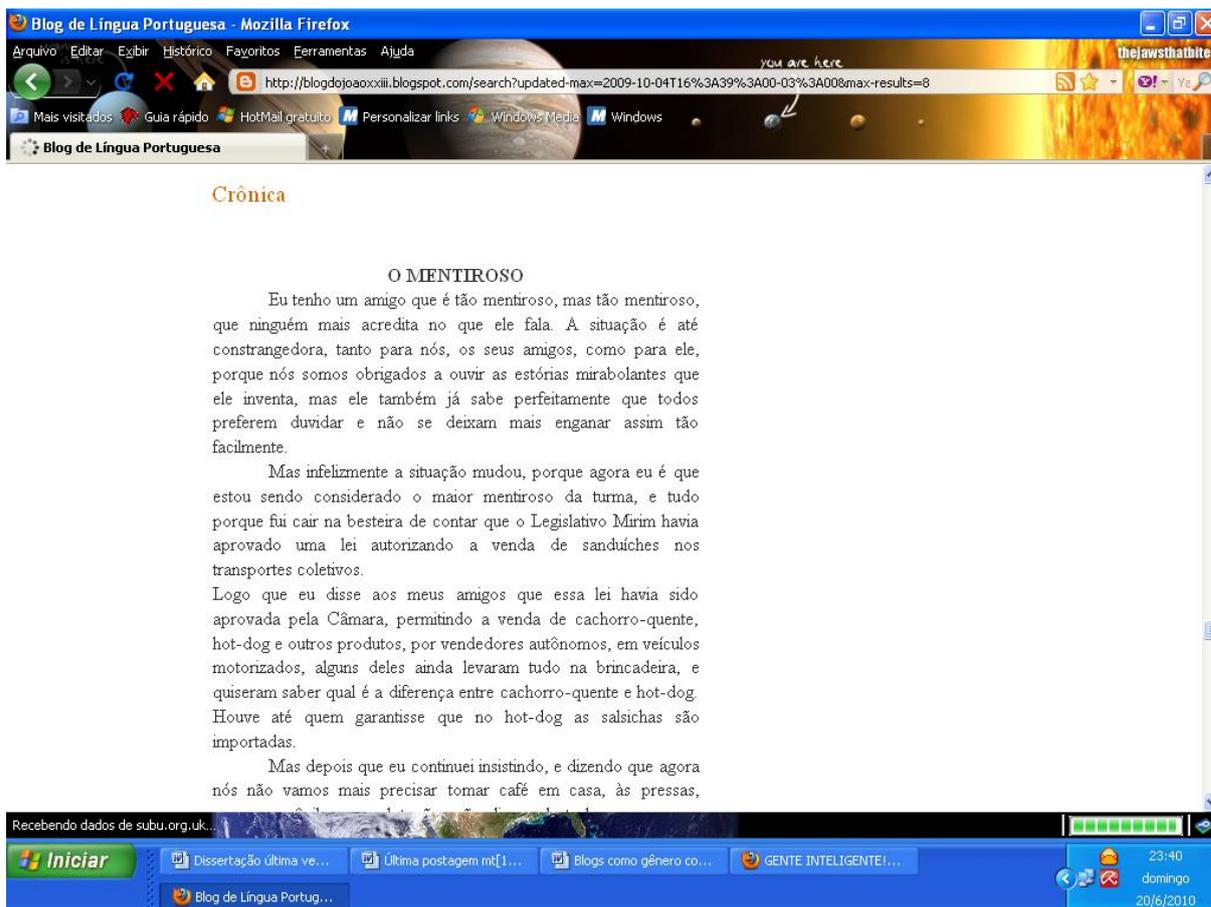


Figura 20: Exemplo de página do *Blog de Língua Portuguesa*

Continuando minha reflexão sobre essa categoria vejo que Bakhtin/Volochínov valorizam a enunciação, na sua “*natureza social, não individual e indissolúvelmente ligada às condições de comunicação, que por sua vez estão sempre ligadas às estruturas sociais*”. (2003, p.14)

Dessa maneira, a fala representa o “*motor das transformações lingüísticas*” e a palavra representa a “*arena*” onde se dão os confrontos de valores sociais dissonantes: “*os conflitos da língua refletem os conflitos de classe*”. (2003, p.114) Assim, a linguagem é um fenômeno dialógico que pressupõe a existência de um falante e de um ouvinte. Nos *blogs* essa relação se materializa nos comentários que os visitantes podem postar.

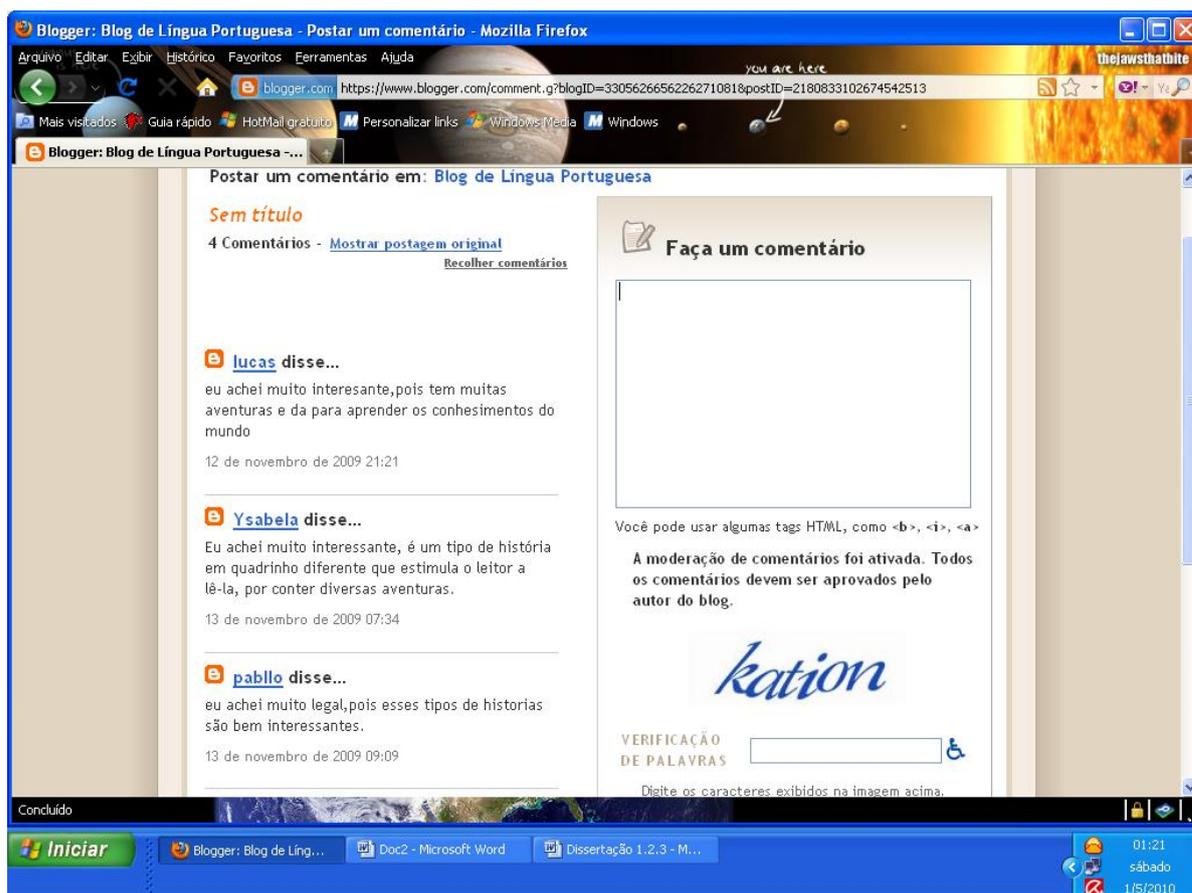


Figura 21: Página de comentários do *Blog de Língua Portuguesa*

É através do espaço de comentários que os leitores dos *blogs* podem se colocar, discutir as postagens, dialogar com os *blogueiros*. No caso do *Blog de Língua Portuguesa*, a professora solicitava que os alunos postassem comentários após cada texto postado.

Na percepção da professora Joseli, os alunos, inicialmente, estranharam esse espaço e seus comentários eram pouco espontâneos, mas à medida que foram se acostumando conseguiram perceber a interação com os colegas também ali naquele espaço. Na opinião da professora, esse é um trabalho inicial e que ainda carece de aprimoramento, uma vez que os alunos, embora se utilizem muito da *web*, no que tange à escrita esse uso ainda se restringe à rede social *Orkut* e ao *MSN*.

**Joseli:** [...] *Então assim, criou um espaço em que eles puderam perceber que não só as atividades que tinham sido organizadas para serem feitas no blog, mas que eles podiam também usar aquele espaço de interação. Acho que foi o início. Acho que pode-se melhorar, mesmo porque eles não estão muito acostumados com esse espaço da internet, sempre aliada a uma atividade ou à escola, parece que o blog... eu senti em certos momentos, que quando*

*eles queriam uma coisa mais espontânea, eles falavam no Orkut. Então assim, eu não consegui tirar isso totalmente deles.*

**Pesquisadora:** *Então eu poderia dizer que você pretende incorporar o blog no seu repertório de sala de aula?*

**Joseli:** *Com certeza! É uma atividade que tende a crescer. Acho que esse foi o primeiro passo para se familiarizarem. Ainda às vezes tem alguns muito tímidos na hora mesmo de fazer o comentário. Outros na hora de postar os trabalhos. Poucas habilidades. Alguns não tinham muita habilidade com as ferramentas ali, não conseguiam se localizar dentro do próprio blog. Embora eles tenham antes das primeiras postagens, visitado outros blogs, conhecido o formato, eu senti que muitos tiveram dificuldades mesmo de localizar, de achar um trabalho do colega, de como fazer um comentário. Então assim, eu acho que é um trabalho que ainda está em desenvolvimento, e eu pretendo sim aliar esse instrumento ao trabalho da sala de aula, principalmente com o foco na escrita, nesse trabalho de leitura e escrita dos meninos.*

Cabe ainda destacar que o espaço de comentários estava sujeito à moderação da professora, ou seja, os comentários postados pelos alunos só eram efetivamente publicados com a sua devida aprovação. A professora Joseli fez desse momento uma oportunidade para discutir com os alunos a ética e a civilidade no momento de comentar os textos dos colegas:

**Joseli:** *Porque eu queria que fosse uma coisa mais espontânea, da escrita deles mesmo mais espontânea, à medida que também eu pedia que houvesse um bom senso na crítica dos trabalhos, certo. Porque algumas vezes que eu fui ao laboratório, eles leram os trabalhos dos colegas, alguns queriam escrever críticas um pouco pesadas, então eu fiz a fala sobre isso com eles. Não que eles não pudessem opinar sobre o trabalho do colega, mas a forma como eles iam apresentar aquele comentário. Então, acho assim, acho que até isso, a polidez na hora de mostrar um comentário sobre uma charge, sobre um trabalho do colega, eu acho que foi, serviu para eles perceberem que você pode não gostar, tem o direito de não gostar, mas precisa saber expressar isso melhor. Como fazer isso de maneira mais gentil, mais polida. Às vezes não conseguem, mas eles são muito espontâneos. Às vezes querem fazer comentários muito críticos, até por rivalidade de grupo mesmo ou porque não gostou do trabalho. Mas eu acho que a atividade foi muito positiva, mas eu vejo que ela tem muito a crescer e desenvolver.*

Embora com outro enfoque, a ética na *web* também foi motivo de discussão nas aulas da professora Carla.

**Carla:** [...] *Agora eu trabalhei bullying com ele, cyberbullying, não sei se cyber ou ciber que se fala, é um termo novo. Eles adoraram assim... Porque, quer dizer que eles praticam o tempo inteiro. Bullying... Ofendendo um aluno... Então assim, gerou discussão sobre as ofensas na internet, nos blogs, no MSN. E eles, muitos falaram que já foram vítimas, de ameaças até de morte. Mais de um aluno inclusive. A pessoa ficou com medo, apareceu lá no Orkut, a pessoa tava sendo seguida, ameaçada, se não abrisse o olho ia aparecer morta. Então assim, foi muito interessante... Não é só conteúdo, não é só gramática, você tem que ir além. Refletir sobre minha atitude, meu comportamento, minha ética..*

**Pesquisadora:** *E você acha que as questões da ética, elas estão permeadas em suas aulas também com essa questão da internet?*

**Carla:** *Então... Esse trabalho quando deu a pesquisa, eu comentei sobre isso, mas não é também toda hora, depende do contexto, que a gente está assim... da internet mesmo estar nesse contexto específico.*

Enquanto as unidades da língua são neutras, sem autoria e não admitem resposta, os enunciados são autorais, têm um destinatário e são carregados de juízos de valor, emoção, paixão e estão sempre orientados ao outro, inclusive quando o outro não se apresenta face a face:

Toda palavra comporta duas faces: precede de alguém e se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro. [...] A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e outros. [...] A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BACKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p.117)

Em dois *blogs* construídos pelos alunos do Colégio de Aplicação João XXIII, esse aspecto ficou muito claro. Ao apresentarem seus *blogs* os alunos já definem de que assuntos irão tratar e esclarecem ao possível leitor que conteúdo ele ali encontrará.

Os alunos do 7 A que construíram o *blog* “Gente Inteligente” eram todos meninos cujos interesses estavam centrados no futebol e nos esportes em geral. Ao criarem seu *blog*, mesmo diante da proposta de que ele seria um *blog* literário e já conhecendo as características que marcam esse gênero, “subvertem” a tarefa e dirigem seus textos aos interlocutores que

julgam mais interessantes. Constroem, assim, o seu “auditório imaginário” de meninos que tenham os mesmos interesses que eles. A partir disso, postam a seguinte apresentação:

## **GENTE INTELIGENTE!!!!**

*O Blog Gente Inteligente foi criado por alunos do 7º ano A do Colégio de Aplicação João XXIII em Juiz de Fora, Minas Gerais. Ele é um blog literário, mas irá falar de várias coisas novas e em uma linguagem bem jovem. Não irá falar só de literatura, mas de esportes, notícias etc. Será bem interessante.*



Figura 22: Página inicial do *blog* Gente Inteligente

Já os alunos do oitavo ano construíram seu *blog* como uma forma de interagir mais proximamente com os alunos dos primeiros anos do Ensino Médio e também como forma de divulgar as produções escritas realizadas nas aulas de Língua Portuguesa. Esses objetivos e a presença dos alunos do Ensino Médio demandaram outro público, outro auditório imaginado, o que determinou suas escolhas. Esse fato evidencia-se na fala da professora Joseli e na postagem de apresentação do *blog*.

**Joseli:** [...] e quando eu disse que ia dividir com alunos do 1 ano, que a gente ia fazer um blog que seria do 8 ano e do 1 ano, aí eles já ficaram um pouco preocupados. “Mas os meninos do 1 ano vão ler?” Porque tem toda aquela história de paquera, os namoricos entre eles, os meninos do Ensino Médio são afins...

**Pesquisadora:** São mais velhos.

**Joseli:** Então, tem “eles vão ler os nossos textos”? Aí eles ficam preocupados, mas mesmo assim eu senti um empenho e todos querem ver o seu texto publicado.

## Blog de Língua Portuguesa

Bem-vindos ao Blog da Língua Portuguesa, escrito pelos alunos do 8o ano do Ensino Fundamental e do 1o ano do Ensino Médio do C.A João XXII. Aqui você encontrará dicas e curiosidades sobre a nossa Língua e Literatura. Fique a vontade para ler, enviar dicas e sugestões através dos comentários.

The screenshot shows a Mozilla Firefox browser window displaying the homepage of the 'Blog de Língua Portuguesa'. The browser's address bar shows the URL 'http://www.blogdojaoxxii.blogspot.com/'. The page has a blue header with the blog title and a search bar. Below the header, there is a white box containing the blog's title and a brief description. The main content area features a post dated 'SEXTA-FEIRA, 6 DE NOVEMBRO DE 2009' with the title 'The Umbrella Academy, Suíte do Apocalipse - Gerard Way e Gabriel Bá.' The post text begins with 'Eu estava esperando por esse livro desde o meio do ano! É uma história em quadrinhos escrita por Gerard Way (Vocalista do My Chemical Romance) e arte de Gabriel Bá, que por sinal fez um belo trabalho!'. To the right of the post, there is a visitor counter showing '3050 visitantes' and an 'ARQUIVO DO BLOG' section with a list of dates and post counts.

Figura 23: Página inicial do *Blog de Língua Portuguesa*

Bakhtin compreende a língua enquanto elemento vivo que evolui historicamente na comunicação verbal e que se dá nas diversas esferas de atividade humana como escolas, igrejas, partidos políticos, trabalho, etc. Essas esferas implicam na utilização da linguagem na forma de enunciados. Como enunciados não são produzidos fora dessas esferas de ação, são as condições específicas e as finalidades de cada esfera que os determinam. Assim, cada situação de comunicação pressupõe um auditório próprio e, portanto, um repertório próprio de discurso.

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas de uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. (BAKHTIN, 2003, p.261)

As postagens nos *blogs* evidenciam esse fato. Os alunos, ao construírem seus *blogs*, não só escolheram “formas” de escrita de acordo com os leitores que imaginavam ter, como a partir dos comentários dos leitores que foram postados, passaram a se preocupar mais com a escrita, como fica evidente nas falas das professoras:

**Cristina:** *Eles resolveram que iam abrir um blog e que iam colocar algumas coisas que eles gostassem. Mas isso pode ser colocado em um blog literário, música, poesia, as coisas que eles gostam. Podem colocar lá.*

**Joseli:** *[...] e quando um colega ou outro comentava, era fantástico. Aí eles se sentiam muito valorizados, quando eles viam que o texto tinha outros comentários. Os textos deles tinham comentários de outros colegas da turma e, até de outras turmas. [...] queriam mostrar e se preocupavam se o deles ia ser publicado. [...] eles têm problemas de escrita ainda, e essa é uma estratégia para melhorar, para aprimorar, porque eu acho que um dos pontos altos do blog é esse trabalho com a escrita. Por quê? Eles se entusiasmam ao reescrever, porque em outra situação é reescrever um texto que ninguém vai ler. Agora no blog, não! Eu vou reescrever um texto que depois vai ser publicado e “eu quero que meu texto esteja bacana”, “todo mundo vai ler, vai entender”, “eu não vou ter nenhuma crítica”, entendeu? Então isso é uma preocupação deles.*

Podemos então compreender que diferentes situações determinam diferentes sentidos da enunciação. Nossa fala se constitui de gêneros determinados por cada esfera de atividade, assim, o gênero estabelece a ligação da vida social com a linguagem. Ou como afirma o Círculo Bakhtiniano,

A vida [...] não afeta um enunciado de fora; ela penetra e exerce influência num enunciado de dentro, enquanto unidade e comunhão da existência que circunda os falantes e unidade e comunhão de julgamentos de valor essencialmente sociais, nascendo deste todo sem o qual nenhum enunciado inteligível é possível. A enunciação está na fronteira entre a vida e o aspecto verbal do enunciado; ela, por assim dizer, bombeia energia de uma situação da vida para o discurso verbal, ela dá a qualquer coisa lingüisticamente estável o seu momento histórico vivo, o seu caráter único. Finalmente, o enunciado reflete a interação social do falante, do ouvinte e do herói como o produto e a fixação, no material verbal, de um ato de comunicação viva entre eles. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 117).

Sabendo que nós utilizamos dos gêneros do discurso para nos expressarmos, e que eles, por sua vez, representam meios de apreensão da realidade e são, portanto, *relativamente estáveis*, novas maneiras de ver e entender a realidade demandam não só o aparecimento de novos gêneros como também a alteração dos que já existem. Embora os *blogs* em seus primórdios tenham sido encarados como diários *on line*, com sua expansão na rede essa característica mudou. Hoje existe no usuário do *blog* o desejo de ser lido por outro. Com os alunos/*blogueiros* do Colégio de Aplicação João XXIII isso não foi diferente:

**Pesquisadora:** *O fato de se preocuparem com a publicação demonstra que houve uma ampliação do auditório deles, que até então era muito restrita a você, professora.*

**Joseli:** *Exatamente. Exato. Até quando a gente fazia trabalho exposto no Colégio, mural e apresentação pra outras turmas, mas eu acho que quando é a internet é status... Aquilo é um longo status.*

**Pesquisadora:** *Porque é um status de publicação.*

**Joseli:** *Exatamente, é um ambiente permanente.*

A professora Joseli percebeu esse interesse também nos *blogs* que havia construído para a Feira do Livro. Embora destaque que não houve um interesse de todos os alunos, notou que a possibilidade de publicação estimulou a maior parte da turma a inclusive escrever e postar os trabalhos sobre Luís de Camões, autor cuja linguagem é muito distante da realidade dos alunos.

**Joseli:** *Então eu acho que uma parte da turma se envolveu muito com o trabalho, foi muito bacana. Eles realmente pesquisaram, postaram, a enquete que eles fizeram deu muito certo. Até os meninos que não gostaram de Camões, por exemplo, que é muito natural que eles não gostem de ler Camões. E eu entendo isso muito bem, acho que é super natural. É uma*

*linguagem muito difícil. E eles começaram a participar da enquete, nós fomos várias vezes ao laboratório e eles fizeram comentários.*

Apresentando características próprias de estrutura como atualização freqüente, linha cronológica ascendente e espaço de interação que permite a outros internautas comentar ou dar sugestões, os *blogs* literários constituem um espaço dialógico de interação perfeitamente compreensível dentro da arquitetônica de Bakhtin. Nele estão presentes as relações dialógicas do *Eu-para-mim*, do *outro-para-mim*, do *eu-para-o-outro*. Os alunos podem retornar ao blog e analisar sua própria escrita, podendo ter uma visão crítica do que foi escrito. A partir dos comentários dos leitores podem trabalhar seus textos e podem ainda inclusive modificar estes textos a partir dessa visão do outro (leitores, professora).

Embora não tenha trabalhado formalmente com os alunos a divisão que Bakhtin estabeleceu para os gêneros do discurso, percebi na fala da professora Joseli que seu trabalho era orientado no sentido de estabelecer as instâncias de uso da linguagem e, portanto, dos gêneros discursivos.

**Pesquisadora:** *Você percebe que, apesar de serem “nativos digitais” e se conectarem basicamente todos os dias, o blog, pelo menos o blog literário não é um gênero que eles conheçam?*

**Joseli:** *Isto.*

**Pesquisadora:** *No Orkut a escrita é espontânea, muito focalizada no “internetês”. Já no blog literário que é construído na aula de Língua Portuguesa é diferente. Como você trabalhou com eles essa diferença?*

**Joseli:** *Essa diferença, eu acho que, como modalidade, essa variação, eu acho que não foi trabalhada especificamente para o blog. Mas ela é trabalhada o tempo todo em sala de aula. [...] Tento conversar, explicar muito sobre a instância, vestuário, partindo daí para a linguagem. Você não vai à escola com a mesma roupa que você vai à praia. Então tento mostrar para eles que precisa ter uma diferença. Porque quando a gente pergunta para os meninos: “O que vocês escrevem fora da escola?” Eles afirmam que não lêem e não escrevem nada! Só que eles estão o tempo todo conectados à internet, como não lêem e não escrevem? Eles estão o tempo todo conversando. As mães relatam nas reuniões que eles ficam a madrugada inteira no MSN, com linguagem, com “internetês” e quando a gente pergunta para eles “vocês escrevem?”. Quando utilizam a língua escrita? Eles dizem que não. Que não utilizam. E aí quando você fala: “Ah, mas não conversam no MSN? E aí eles*

*se esquecem que ali estão utilizando a escrita. [...] Eu sempre tento conversar sobre a instância. Sobre o comportamento, acho que isso é uma coisa bem das aulas de Língua Portuguesa. Como falar? Como chegar ao diretor? É da mesma forma que se chega no seu colega? Então no blog literário a gente precisa ter um cuidado com a linguagem. Porque ali nós temos de pensar que não são todas as pessoas que entendem o “internetês”.*

Ao estabelecer essa diferenciação de instâncias de produção de enunciados, a professora trabalha com os alunos, conforme aponta Fiorin (2006)

Não se produzem enunciados fora das esferas de ação, o que significa que eles são determinados pelas condições específicas e pelas finalidades de cada esfera. Essas esferas de ação ocasionam o aparecimento de certos tipos de enunciados, que se estabilizam precariamente e que mudam em função de alterações nessas esferas de atividades. Só se age na interação, só se diz no agir e o agir motiva certos tipos de enunciados, o que quer dizer que cada esfera de utilização da língua elabora tipos relativamente estáveis de enunciados. (p. 61)

As palavras de Fiorin nos remetem a um fato notório: o surgimento da internet e, portanto, de uma esfera de atividade humana digital, demandou no aparecimento de um estilo próprio de enunciado, muito usado pelos jovens: o internetês. Mas como conviver com essa linguagem na aula de Língua Portuguesa, onde a exigência maior é pela escrita da norma culta? Penso que o caminho empírico já delineado pela professora Joseli pode representar uma alternativa. Ao compreender a variedade infinita de gêneros e cada instância demandando no aparecimento de outros gêneros sem que isso signifique a exclusão ou a morte dos outros, os alunos poderão perceber a importância de se observar, durante o processo da escrita, a que outro ela se dirige. A compreensão dos conceitos de gêneros primários e secundários pode auxiliar neste trabalho.

Gênero remete a gens, gênese, origem. Os primeiros gêneros foram os primários, formados “*nas condições da comunicação discursiva imediata*” (BAKHTIN; 2003 p. 263): o diálogo face a face. Numa visão histórica, os gêneros do discurso são criados a partir da necessidade humana da comunicação. Os gêneros secundários vieram da necessidade de comunicação com o outro ausente, o que só se fez possível através da escrita. Em sua formação os gêneros transmutam-se (primários geram secundários que podem se tornar primários). É o movimento dialético, que acompanha o próprio momento de complexificação da sociedade, determinante nessa interdependência entre os gêneros. Os secundários valem-se dos primários, mas em alguns casos estes são influenciados pelos secundários: como por exemplo, quando uma conversa com amigos adquire a forma de uma dissertação filosófica.

Os gêneros podem também cruzar-se, um gênero secundário pode valer-se de outro secundário, como quando num romance encontram-se textos científicos.

Faz-se mister destacar que o surgimento de um gênero não elimina o outro, pois gêneros não morrem, coexistem, cruzam-se, entrecruzam-se, transformam-se de acordo com a esfera em que são constituídos. Na medida em que a sociedade se modifica e se complexifica, as esferas de ação exigem um novo repertório de gêneros discursivos.

Nos *blogs* do Colégio de Aplicação João XXIII os alunos utilizaram-se dos mais diferentes gêneros discursivos: charges, crônicas, poesia, artigos de opinião.

Embora o os *blogs* se destinassem a trabalhar os gêneros textuais estabelecidos no quadro que orienta o trabalho de Língua Portuguesa para cada turma, pois isso representaria uma integração de fato do computador/internet ao conteúdo curricular de Língua Portuguesa, no decorrer das postagens, a partir da intervenção dos alunos, outros gêneros foram incorporados aos *blogs*, como os diários de leitura<sup>64</sup>, as resenhas de filmes, os textos informativos sobre o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa e ainda textos de outros autores que julgaram interessante divulgar.

---

<sup>64</sup> Textos de opinião escritos pelos alunos a partir de leituras de obras literárias escolhidas na biblioteca do Colégio uma vez por semana.

## Diário de Leitura

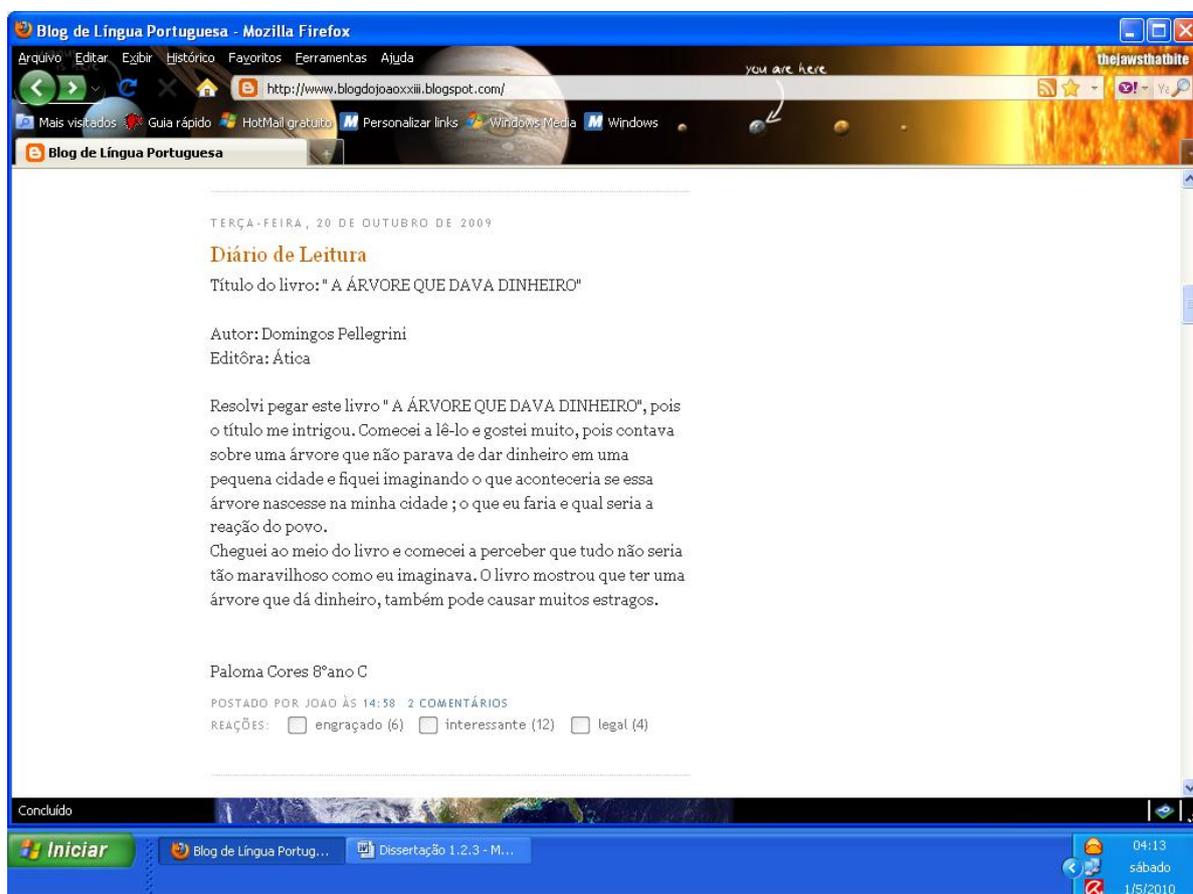


Figura 24: Diário de Leitura – postagem do *Blog de Língua Portuguesa*

## Resenhas de Filmes

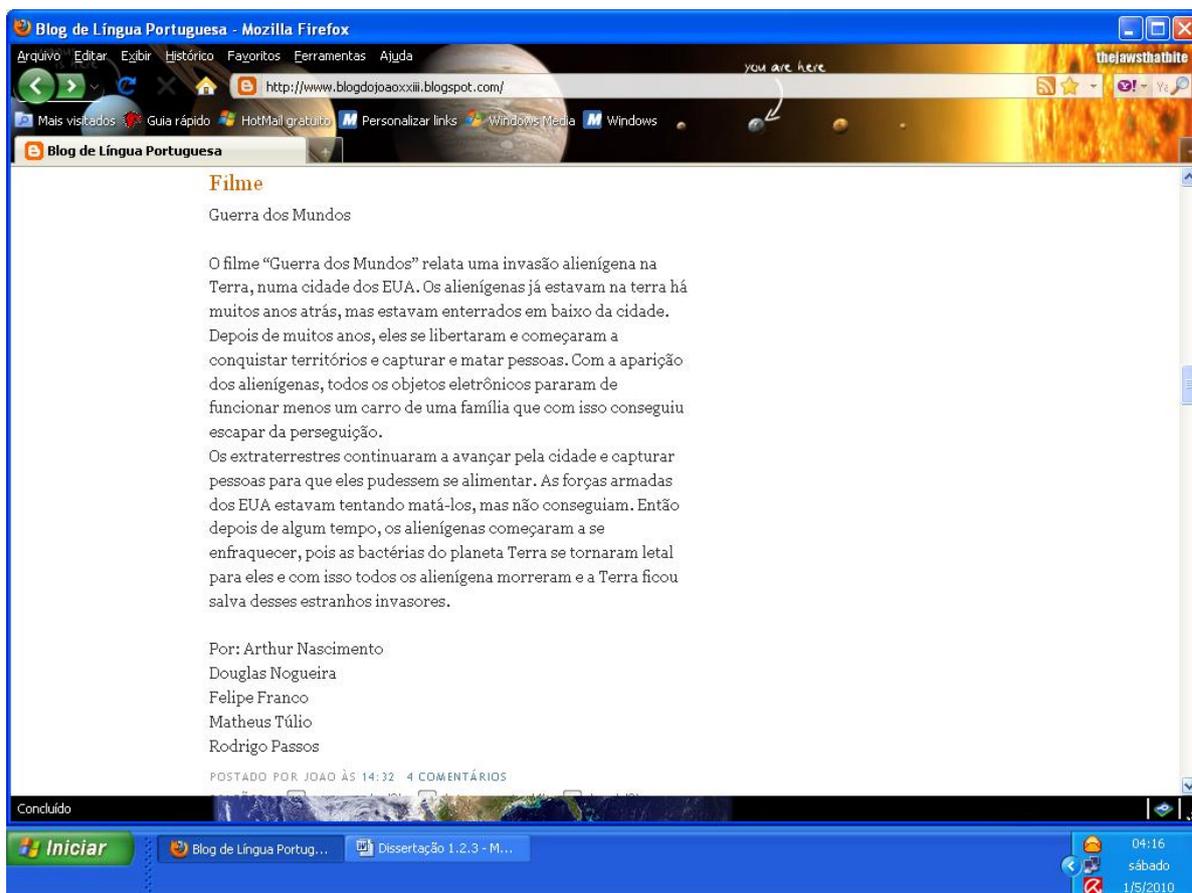


Figura 25: Resenha do filme “Guerra dos Mundos”, publicada no *Blog de Língua Portuguesa*

## Textos informativos

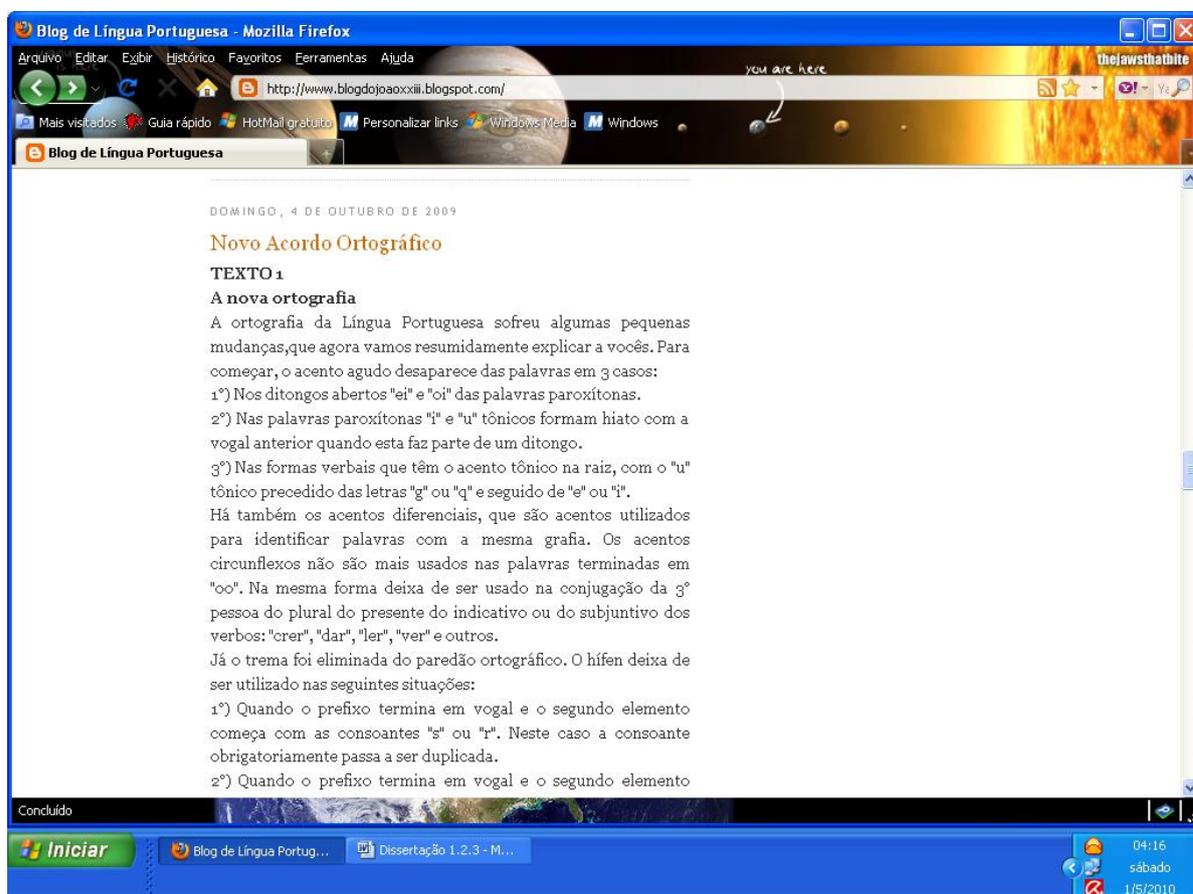


Figura 26: Texto informativo sobre o Novo Acordo Ortográfico, publicado no *Blog de Língua Portuguesa*

Essas postagens foram feitas a partir de sugestões dos alunos, como atesta a fala da professora Joseli:

**Pesquisadora:** *E uma coisa que eu achei muito interessante, você vê que vários deles se ofereceram para escrever textos sobre outras coisas que não estavam, vamos dizer assim, programadas.*

**Joseli:** *Exatamente. E até minhas sugestões, no primeiro dia que eu apresentei a idéia para eles, que era realmente uma idéia inicial, que eu perguntei se eles queriam fazer o que eles achavam. Eu não impus, se alguma turma falasse “nós não vamos fazer”, nós não iríamos fazer. E eu propus a idéia, falei assim, eu me lembro que dei três sugestões de temáticas<sup>65</sup>, que a gente podia pesquisar e escrever dentro delas. E durante a aula cada turma foi*

<sup>65</sup> O que a professora chama aqui de temáticas são os gêneros trabalhados na turma de acordo com o quadro de gêneros textuais que se encontra no Anexo

*surgindo com temas<sup>66</sup> para os textos, então de acordo com o interesse deles. Levei assim crônicas humorísticas e daí partiu “ah, então posso fazer sobre cinema?” ou outro gosta muito de jogos, “eu posso falar de jogos?”, “ah, o fulano é bom nisso, o fulano gosta muito de cartoons, charges”, “a gente pode fazer uma pesquisa sobre isso?”. Então assim, dali até foi interessante que eu achei assim, eu fiquei muito preocupada de ficarem trabalhos iguais. Mas cada turma sugeriu temas diferentes, então teve assuntos em comum, mas com temáticas diferentes, de acordo com o interesse da turma. E até interesse de algum aluno, teve aluno que preferiu fazer o trabalho individual, porque ele queria postar os diários de leitura, que eram realmente diários excelentes ao longo do ano.*

Mesmo estabelecendo com os alunos que poderiam escolher sobre o que desejaríamos trabalhar, a professora não deixou de reafirmar que o *Blog* de Língua Portuguesa estava sendo construído dentro de uma esfera de atividade muito específica: as aulas de Língua Portuguesa.

**Joseli:** *Eu fui perguntando ao grupo os temas e eles foram dizendo “ah, quero ficar com isso”, “ah, a gente quer fazer sobre filme”. A outra queria fazer sobre vídeos engraçados, mas aí eu tentava, dentro desses temas, recortar aquilo que tivesse um crescimento, um desenvolvimento pra eles, dentro da pesquisa de uma curiosidade ou cultural, ou literária, porque se não achava, por exemplo, uma idéia de enquete<sup>67</sup>, “mas nós vamos fazer enquete sobre o que?”, eu não queria também que ficasse uma coisa muito aleatória, “vamos escrever qualquer coisa”. Queria que fosse realmente um blog de Língua Portuguesa. Poderia ter coisas extras, mas que não perdesse esse foco, do aprendizado, do conteúdo, de crescimento mesmo acadêmico, de um trabalho de sala de aula.*

Fica muito claro a meu ver, que a professora respeitava o interesse dos alunos, mas não perdia de vista que esse interesse deve se coadunar com o fato de que a escola e o professor são responsáveis por ampliar o repertório de conhecimentos dos alunos e ao mesmo tempo colocá-lo em contato com a cultura científica. A professora ressalta um aspecto muito importante do trabalho docente que é “*ensinar bem, responsabilizar-se sobre os resultados e garantir a aprendizagem de todos os seus alunos*”. (ALTENFELDER; 2010, p.33)

---

<sup>66</sup> Quando a professora se refere a temas, trata especificamente do assunto sobre o qual cada grupo deveria escrever.

<sup>67</sup> Durante todo o trabalho a professora previu a postagem de enquetes a respeito dos trabalhos realizados em sala de aula.

O interesse dos alunos pela literatura contemporânea e outras formas de expressão literária como a poesia também foi percebido pela professora Cristina durante a Feira do Livro e no trabalho com o *blog*:

**Cristina:** [...] *Então eu vi na Feira do Livro, porque era uma turma que eu não conhecia. Não conhecia aqueles meninos. Alguns pais estimulavam os meninos a comprar livros, então eles perguntavam alguma coisa: “Cristina me dá uma sugestão”, então a gente foi lá embaixo<sup>68</sup>, olhamos alguns livros, ou às vezes eu passava, porque a feira estava bem em frente ao meu Departamento, então eles me chamavam: “Você conhece esse livro?”, “Esse livro é bom?”.*

**Pesquisadora:** *E nesse grupo de interesse deles, que tipo de autores você percebe que interessa a eles?*

**Cristina:** *Ah, eles gostam de autores mais atuais, gostam de literatura contemporânea. Isso eu percebi. Alguns poucos lêem livros de autores mais clássicos. Mas a maioria, nessa faixa etária está voltada mais para a literatura contemporânea.*

**Pesquisadora:** *E outros gêneros literários? De que outros você percebe que eles gostam?*

**Cristina:** *As meninas gostam de poesia. Os meninos não acham que poesia não é coisa de homem. Há um preconceito em relação à poesia. Apesar de que o A.<sup>69</sup> ser um menino aparentemente muito desligado, ele escreve alguma coisa de poesia, mas não mostra porque tem vergonha. Um dia ele levou lá na sala e pediu que eu olhasse, mas sem mostrar para ninguém. Tem vergonha.*

Havia ainda uma preocupação das professoras com a literatura presente no *blog*. Embora já tivéssemos assumido para a pesquisa uma literatura não canônica, já que o principal objetivo dos *blogs* literários nas aulas de Língua Portuguesa é possibilitar uma escrita autoral dos alunos, havia principalmente por parte de Joseli, uma postura em relação a que tipo de literatura estavam expostos os alunos.

Durante a Feira do Livro, observei e comentei com as professoras sobre livros mais vendidos. Eram o que Joseli definiu como “nova literatura”: livros da série “Crepúsculo”, muito em voga entre os leitores adolescentes. Na sociedade, esses livros não só foram sucesso

---

<sup>68</sup> A Feira do Livro foi realizada no primeiro andar do Colégio, enquanto que as salas de aula ficam no segundo andar.

<sup>69</sup> Usei somente a inicial para proteger a identidade do aluno.

de vendas, como originaram filmes e ainda possibilitaram o surgimento de séries televisivas que tratam do mesmo assunto.<sup>70</sup>

A professora preocupava-se em proporcionar aos alunos condições de contato com autores clássicos e tinha ressalvas quanto a essa “nova literatura”. Entretanto, percebendo o interesse dos alunos, permitiu trabalhos que incluíssem autores e textos que surgiram com essa “nova literatura”.

**Pesquisadora:** *E você nisso, tinha alguma preocupação com a questão da literatura?*

**Joseli:** *Ah, sim! Porque a literatura, com o nosso diário de leitura e, por exemplo, com “Menino de Engenho”, que a gente trabalhou já no quarto bimestre... não sei se comentei com você sobre esse trabalho. Eles fizeram algumas pesquisas sobre a biografia, conseguiram alguns vídeos no You Tube, que alguns outros alunos tinham postado sobre teatro e aí até reuniram algum material para fazer a postagem, a gente não conseguiu postar tudo. Eu coloquei atividades e o texto literário foi uma preocupação, o tempo todo. [...] Agora eu tentei, não assim, delimitar isso, porque com essa “nova literatura” que está chegando, assim esses meninos estão lendo isso, então precisa saber o que tem aí.*

**Pesquisadora:** *Interessante essa sua visão.*

**Joseli:** *É, precisam descobrir isso.*

**Pesquisadora:** *Que é um tipo de literatura?*

**Joseli:** *Então, eeh, e aí eu tentei deixá-los à vontade. Teve uma aluna que pediu pra falar que, anda tateando em revistas sobre o “Crepúsculo”, se ela podia escrever alguma coisa sobre isso. Eu falei que podia, até ela não chegou a postar, porque estava de castigo com relação à internet, mas me mandou um trabalho muito legal, que ela fez mesmo, você vê que escreveu a partir de todo o conhecimento dela sobre a série “Crepúsculo”. Muitas revistas, muitas informações que ela conseguiu com a leitura dela sistematizar aquilo. Eu achei fantástico o trabalho dela.*

Considero que a compreensão da professora foi oportuna, pois possibilitou à aluna escrever a partir daquilo que é o seu desejo. Conforme já explicitado no Capítulo 2, para fundamentar essa pesquisa, tratei de uma literatura que representasse ao mesmo tempo entretenimento e reconhecimento. A professora Joseli conseguiu exatamente isso nesse

---

<sup>70</sup> Os filmes Crepúsculo e Lua Nova, cujos roteiros partiram das obras de Stephenie Meyer e os seriados Sobrenatural e Vampire Diaries exibidos em canais de TV por assinatura e na TV aberta.

momento: aliou o desejo da aluna de escrever sobre a série Crepúsculo ao aprendizado da escrita.

Ao analisar os *blogs* constato que, mesmo obedecendo a uma mesma construção e, portanto determinados pela situação em que ocorrem, os *blogs* literários dos alunos do Colégio de Aplicação João XXIII apresentam estilos muito próprios de cada turma ou grupo de alunos. Embora construídos no interior das aulas de Língua Portuguesa, o que por si só denotaria certa neutralidade e objetividade, podemos notar que os alunos burlam essa “regra”, fundindo estilo pessoal e acadêmico e dando aos *blogs* aquilo que esse estudo pretende mostrar e que se constituiu como a segunda categoria de análise: a autoria.

#### **4.2. Blogs literários : um caminho para a autoria**

Embora conhecendo muitos estudiosos da área da linguagem que têm discutido a questão da autoria, e reconhecendo a importância de tais estudos, busco aqui compreender a formação do aluno produtor/autor de textos nos *blogs* literários à luz dos pressupostos teóricos de Mikhail Bakhtin.

Como já explicitado anteriormente, a linguagem é um fenômeno dialógico que pressupõe a existência de um falante e de um ouvinte. Se então compreendemos a linguagem como um fenômeno dialógico, pressupomos que a idéia de autoria individual é relativa e traz em si um caráter coletivo e social de produção de textos.

Em “O autor e a personagem”, Mikhail Bakhtin, tratando especificamente da literatura, diz que o “*autor: é o agente da unidade tensamente ativa do todo acabado, do todo da personagem e do todo da obra, e este é transgrediente a cada elemento particular desta.*” (2003, p.10). O autor é aquele que participa da obra e que dela conhece para além daquilo que qualquer personagem conheça ou enxergue. Isso só é possível graças à sua posição exotópica, ao seu excedente de visão e conhecimento. Assume assim, na concepção do estudioso russo, não um papel passivo, mas *uma posição ativa com respeito ao conteúdo*. Ao escrever o autor esboça um planejamento sobre seu texto: as características de seus personagens, as relações que serão estabelecidas, os acontecimentos que farão parte da narrativa. Embora no decorrer da escrita a trama possa tomar caminhos diferentes, pois está sempre em movimento, é no autor que “*se encontram todos os elementos do acabamento do todo, quer das personagens, quer do acontecimento conjunto de suas vidas, isto é, do todo da obra.*” (BAKHTIN, 2003; p.11).

Faraco (2005) assinala que Bakhtin distingue em sua obra o autor-pessoa (escritor) do autor-criador (função estético-formal engendrada da obra):

O ato criativo envolve desse modo, um complexo processo de transposições refratadas da vida para a arte: primeiro, porque é um autor-criador e não o autor-pessoa que compõe o objeto estético (há aqui, portanto, já um deslocamento refratado à medida que o autor-criador é uma posição axiológica conforme recortada pelo autor-pessoa); e, segundo, porque a transposição de planos da vida para a arte se dá não por meio de uma isenta estenografia (o que seria impossível na concepção bakhtiniana), mas a partir de um certo viés valorativo (aquele consubstanciado no autor-criador).

O autor-criador é assim, uma posição refratada e refratante. Refratada porque se trata de uma posição axiológica conforme recortada pelo viés valorativo do autor-pessoa; e refratante porque é a partir dela que se recorta e se reordena esteticamente os eventos da vida. (p. 39)

Ainda segundo Faraco (2005), “*a posição axiológica do autor-criador é um modo de ver o mundo, um princípio ativo de ver que guia a construção do objeto estético e direciona o olhar do leitor*” (p.42).

Todas essas considerações tratam da literatura, já que dela tratavam os estudos de Bakhtin, porém a escolha desse autor para ancoragem teórica da análise do trabalho com os *blogs* literários nas aulas de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação João XXIII justifica-se na medida em que, ao analisar o papel do autor na construção do discurso literário, estimula a pesquisa e a reflexão nesse campo. Outra importante contribuição do estudioso russo para a investigação a respeito de autor e autoria encontra-se na sua crítica ao estruturalismo, quando, no dizer de Fortunato (2009)

[...] sem negar a necessidade de indagar a obra em busca de sentido, ele atribui ao autor a função importante de conectar o que produz à realidade, uma vez que, no ato de criação, refrata o mundo em que vive, suas referências e seus valores, em busca de atingir seus propósitos comunicativos. Por isso, ao dar unidade à obra, o autor cria um elo entre a obra e o contexto e durante a criação deixa na obra suas marcas, como rastros que apontam para si e para o mundo real. (p. 49)

É a partir desse olhar bakhtiniano que passo a analisar as possibilidades de autoria que se mostraram no trabalho com os *blogs* literários no interior das aulas de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação João XXIII, consciente, porém de que ao tratar do autor nos *blogs* não falo especificamente do autor literário, mas do aluno que ao atender à solicitação de diálogo desencadeada pela sugestão do professor de produzir um texto,

[...] negocia com o conhecimento que tem armazenado em sua memória e tece representações da demanda inicial, do conteúdo, do texto, do autor e do leitor. É nesse processo que pode ter início o diálogo com outros textos, que será

retomado durante todo processo à medida que o leitor renova suas representações. (FORTUNATO, 2009; p. 206)

Contudo as atividades de produção textual desenvolvidas em sala de aula como já discutido no capítulo que trata da literatura na escola, são marcadas principalmente pela definição de um tema prévio e destinadas a um auditório único: o professor. Diante desse fato pergunto: seria tarefa da escola formar autores? Em que contexto? Os alunos se tornariam autores ou copiadores de fórmulas de como se escrever determinado gênero textual?

Bakhtin se refere ao autor literário enquanto na escola os alunos são aprendizes da literatura: o professor procura “aproximá-los” da literatura para desenvolver o gosto literário e ao mesmo tempo trabalhar a escrita. Não se trata de fazer de cada aluno um literato, mas a partir da convivência com a literatura torná-los mais próximos da arte e de uma escrita própria, portanto autoral.

O autor russo salienta que

[..] Só é possível a reprodução mecânica das impressões digitais ( em qualquer número de exemplares); é possível, evidentemente, a mesma reprodução mecânica do texto pelo sujeito ( a cópia), mas a reprodução do texto pelo sujeito ( a retomada dele, a repetição da leitura, uma nova execução, uma citação) é um acontecimento novo e singular na vida do texto, o novo elo na cadeia histórica da comunicação discursiva. (BAKHTIN, 2003, p. 310-311)

Dessa forma, o professor, ao oferecer aos alunos a experiência de um texto literário e com eles analisar os seus aspectos possibilita que possam discuti-lo, reelaborá-lo, oferecer as suas contrapalavras e a partir disso encontrar suas próprias palavras, seus próprios conceitos, pois para Bakhtin (2003).

As influências extratextuais têm um significado particularmente importante nas etapas primárias de evolução do homem. Tais influências estão plasmadas nas palavras (ou em outros signos), e essas palavras são palavras de outras pessoas, antes de tudo palavras da mãe. Depois, essas “palavras alheias” são reelaboradas dialogicamente em “minhas-alheias palavras” com o auxílio de outras “palavras alheias” (não ouvidas anteriormente) e em seguida [nas] minhas palavras (por assim dizer, com a perda das aspas), já de índole criadora. (p. 402)

Esse pensamento coaduna-se com os estudos de Vygotsky (2009), que ao tratar da atividade criadora do homem<sup>71</sup>, que ele também denomina de combinatória, ressalta que

Toda atividade do homem que tem como resultado a criação de novas imagens ou ações, e não a reprodução de impressões ou ações anteriores da sua experiência, pertence a esse segundo gênero de comportamento criador ou combinatório. O cérebro não é apenas o órgão que conserva e reproduz nossa experiência anterior, mas também o que combina e reelabora, de forma criadora,

<sup>71</sup> Para o autor atividade criadora é toda aquela em que se cria algo novo. (VYGOTSKY, 2009, p.11)

elementos da experiência anterior, erigindo novas situações e novo comportamento. Se a atividade do homem se restringisse à mera reprodução do velho, ele seria um ser voltado somente para o passado, adaptando-se ao futuro apenas na medida em que este reproduzisse aquele. É exatamente a atividade criadora que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando seu presente. (p. 13-14)

Um dos principais objetivos da escola é formar esse homem do futuro, que será capaz de, com tudo aquilo que experienciou constituir-se como cidadão. Nesse sentido as aulas de Língua Portuguesa se mostram como o espaço no qual se espera que aconteçam vivências que possibilitem ao aluno ser um sujeito-autor. Acredito, portanto, serem os *blogs* literários um interessante instrumento para essa vivência. Para Fortunato (2009), “*ao ensinar um estudante a escrever, não estamos ensinando a ele uma técnica, mas estamos lhe ensinando a projetar-se como autor, a construir sua identidade de autor e usar seu discurso de forma a fazer valer sua posição no mundo empírico.*” (p. 205). E como o professor de Língua Portuguesa pode oferecer essa possibilidade aos alunos no trabalho com os *blogs* literários?

Ao trazer para a sala de aula um instrumento com o qual os alunos já interagem em sua vida cotidiana e permitir que possam experimentar a escrita a partir daquilo que conhecem, o professor rompe com a idéia do que Vygotsky (2009) denomina “velha escola”, quando a criação literária dos alunos partia de um tema apresentado pelo docente e ainda possibilita aquilo que o autor ressalta ao discorrer sobre a criação literária infantil:

Para educar um escritor na criança deve-se desenvolver nela um forte interesse pela vida à sua volta. A criança escreve melhor sobre o que lhe interessa principalmente se compreendeu bem o assunto. Deve-se ensiná-la a escrever sobre o que lhe interessa fortemente e sobre algo em que pensou muito e profundamente, sobre o que conhece bem e compreendeu. (p. 66)

Embora Vygotsky (2009) na citação acima trate da escrita na criança, na mesma obra (*Imaginação e criação na infância*), afirma que o crescimento maturacional da imaginação ocorre em consonância com o amadurecimento humano, portanto, a imaginação do adulto, ao contrário do muito difundido pelo senso comum é mais rica que a da criança. Como esta pesquisa, por mim realizada, se desenvolveu no trabalho com adolescentes, faz-se mister trazer as contribuições do autor a respeito dessa fase da vida humana.

Para Vygotsky (2009), a adolescência representa uma idade em que o desenho, tão característico na infância é substituído pela criação escrita, já que a seu ver “*a palavra permite transmitir relações complexas, principalmente as de caráter interno*” (p. 77). Observou ainda que os interesses de meninos e meninas diferem: enquanto elas se interessam mais pela poesia, eles preferem temas mais ligados à natureza. Este foi um fato que observei durante a construção dos *blogs* com os alunos na Sala de Telemática: enquanto as meninas

estavam muito preocupadas em buscar poemas em sites conhecidos ou até mesmo em escrever seus próprios poemas, os meninos se interessavam por temas como esportes ou notícias. Penso que esta diversidade de interesses permite ao professor explorar os diferentes gêneros discursivos, de modo a enriquecer a experiência dos alunos. Estes interesses demonstram ainda uma busca de identidade, de palavras próprias, de autoria.

Nos *blogs* literários construídos no Colégio de Aplicação João XXIII, foi possível observar alguns aspectos destacados pelos autores que embasam essa dissertação.

A professora Cristina trabalhava com os alunos o livro “As mil e uma noites”, de Julieta de Godoy Ladeira, da série Reencontro, editora Scipione. A escolha por esta adaptação se deveu ao fato ela ser mais viável economicamente, o que possibilitou que todos os alunos pudessem adquirir um exemplar do livro. Inicialmente a professora trouxe para os alunos a história do livro, as muitas adaptações que a obra tem e esclareceu os motivos pelos quais que trabalhariam especificamente com aquela. Levou ainda para que conhecessem um exemplar da tradução feita pelo poeta Ferreira Gullar (Editora Revan).<sup>72</sup>

Solicitou aos alunos que lessem todos os contos e estes foram discutidos em sala de aula. A proposta seguinte da professora foi que se dividissem em grupos para escreverem um comentário crítico sobre a obra. Esses textos foram entregues manuscritos à professora para correção ortográfica. Vale ressaltar que a professora discutia com cada grupo os problemas apresentados no texto e sugeria as correções. Com os textos corrigidos, os alunos foram à Sala de Telemática para digitarem e postarem no *blog*. As postagens iniciais do *blog* trazem a capa da versão escolhida para o trabalho com os alunos e os comentários que fizeram a respeito da obra:

---

<sup>72</sup> A obra de Ferreira Gullar é uma tradução dos contos originais, enquanto que a obra escolhida para estudo com os alunos é uma adaptação.

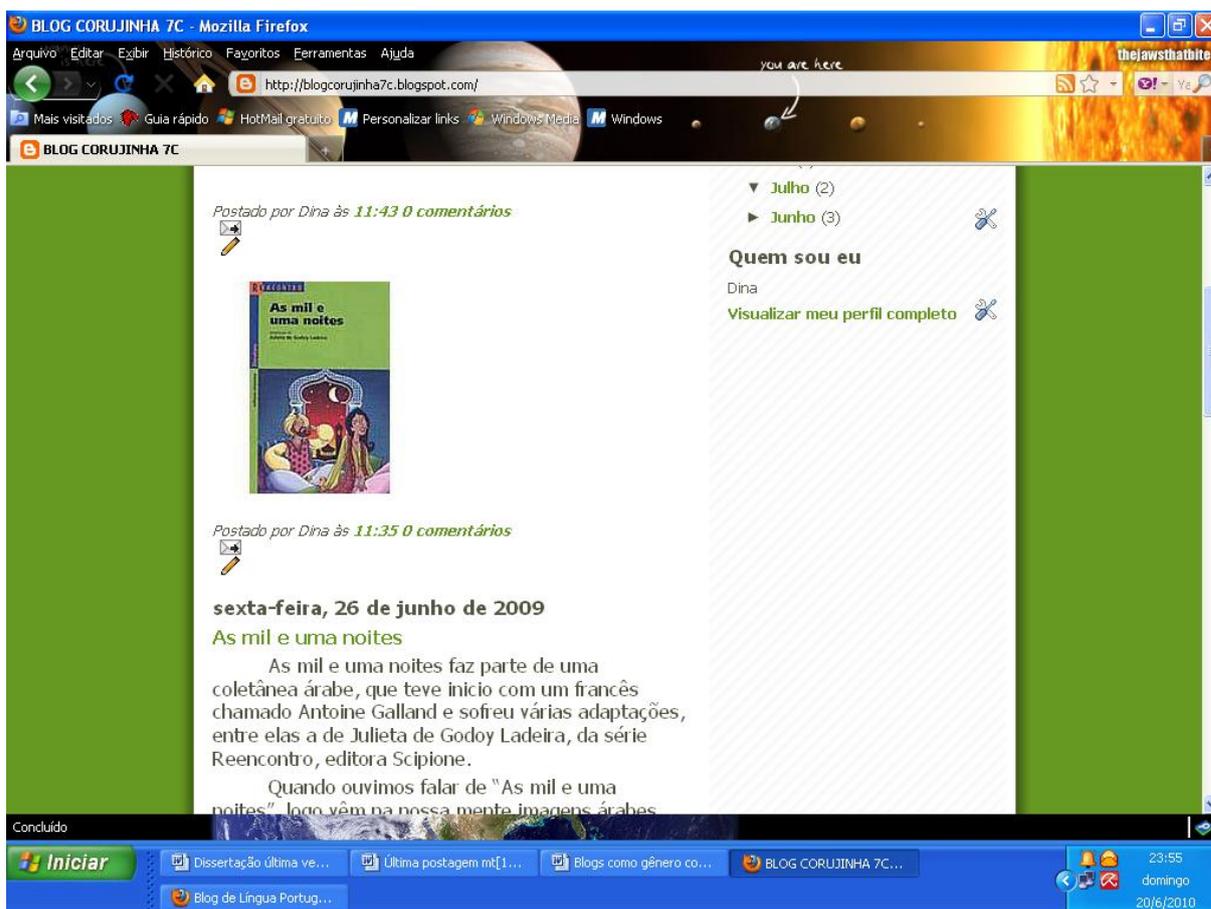


Figura 27: Capa do livro “As mil e uma noites”

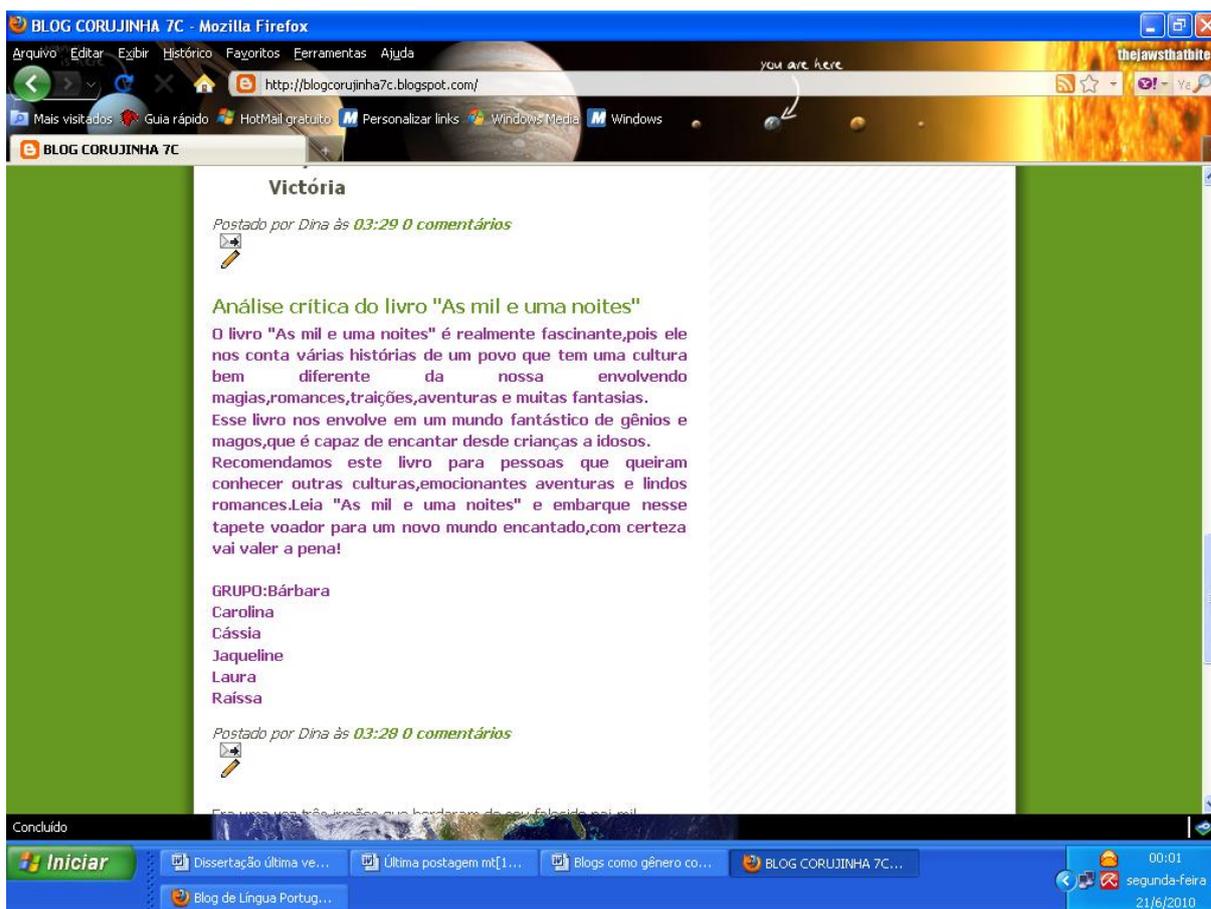


Figura 28: Comentário crítico sobre o livro “As mil e uma noites

A etapa seguinte desenvolvida pela professora foi o reconto das histórias do livro. Novamente foi um trabalho coletivo. A turma dividiu-se em grupos, que não foram os mesmos do texto anterior. Cabe destacar que os alunos insistiam para que os grupos fossem mantidos, mas a professora argumentou que caso isso acontecesse a relação de troca que possibilita um trabalho mais rico não aconteceria. Percebi então que nesse momento a professora privilegiava a interação entre os alunos. Ao promover o “rodízio” entre eles possibilitava a troca de experiências e uma riqueza maior de diálogos.

Embora todos os grupos tenham realizado a tarefa e a correção, com a proximidade das férias e a necessidade de realizar as avaliações previstas no calendário do colégio, somente um grupo postou esta tarefa no *blog*:

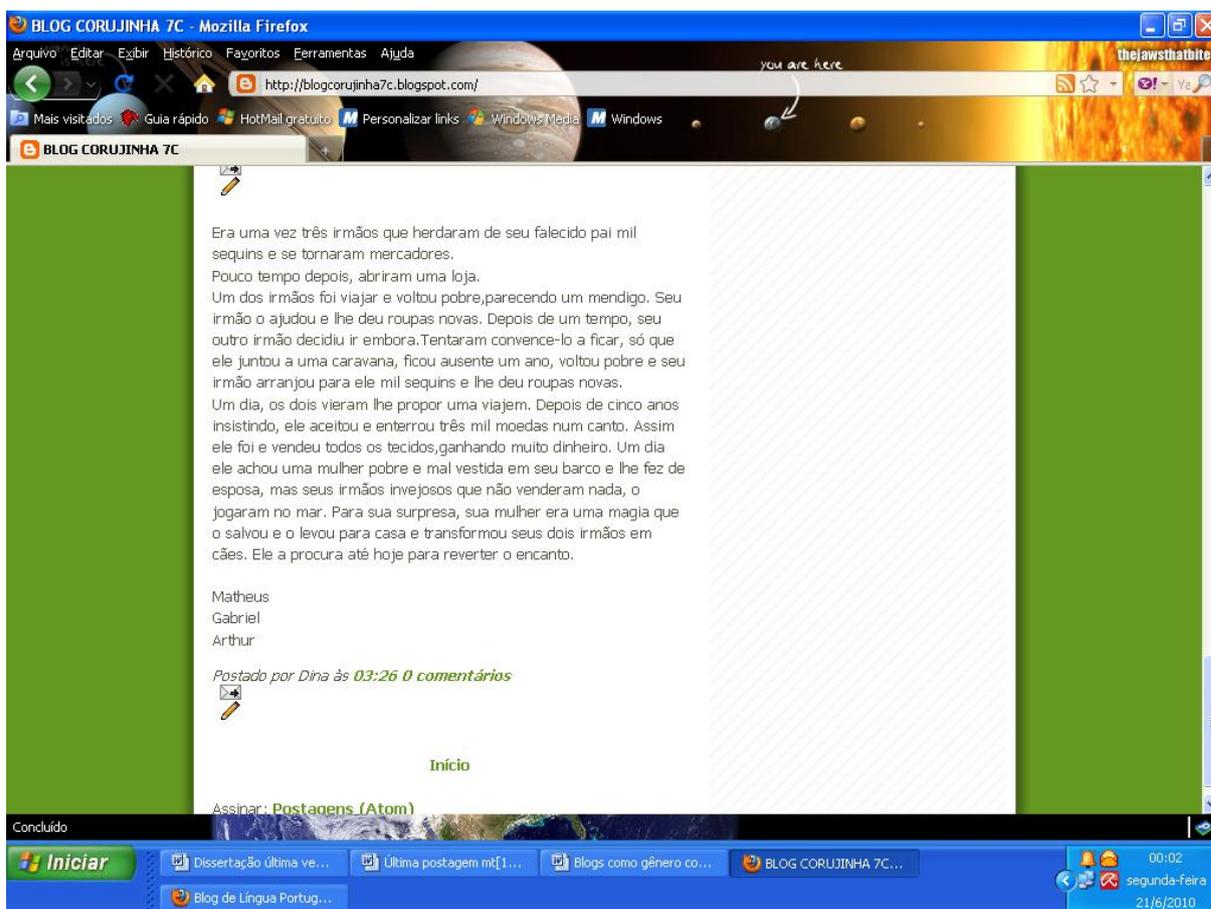


Figura 29: Reconto

No *blog* “Palavra por Palavra”, os alunos, em comum acordo com a professora Carla, decidiram postar não só produções que já haviam feito em sala de aula, como ainda biografia de autores já lidos (Carlos Drummond de Andrade, Monteiro Lobato, Cecília Meireles e Vinícius de Moraes), poemas encontrados em sites de poesia, ilustrações e quadrinhos.

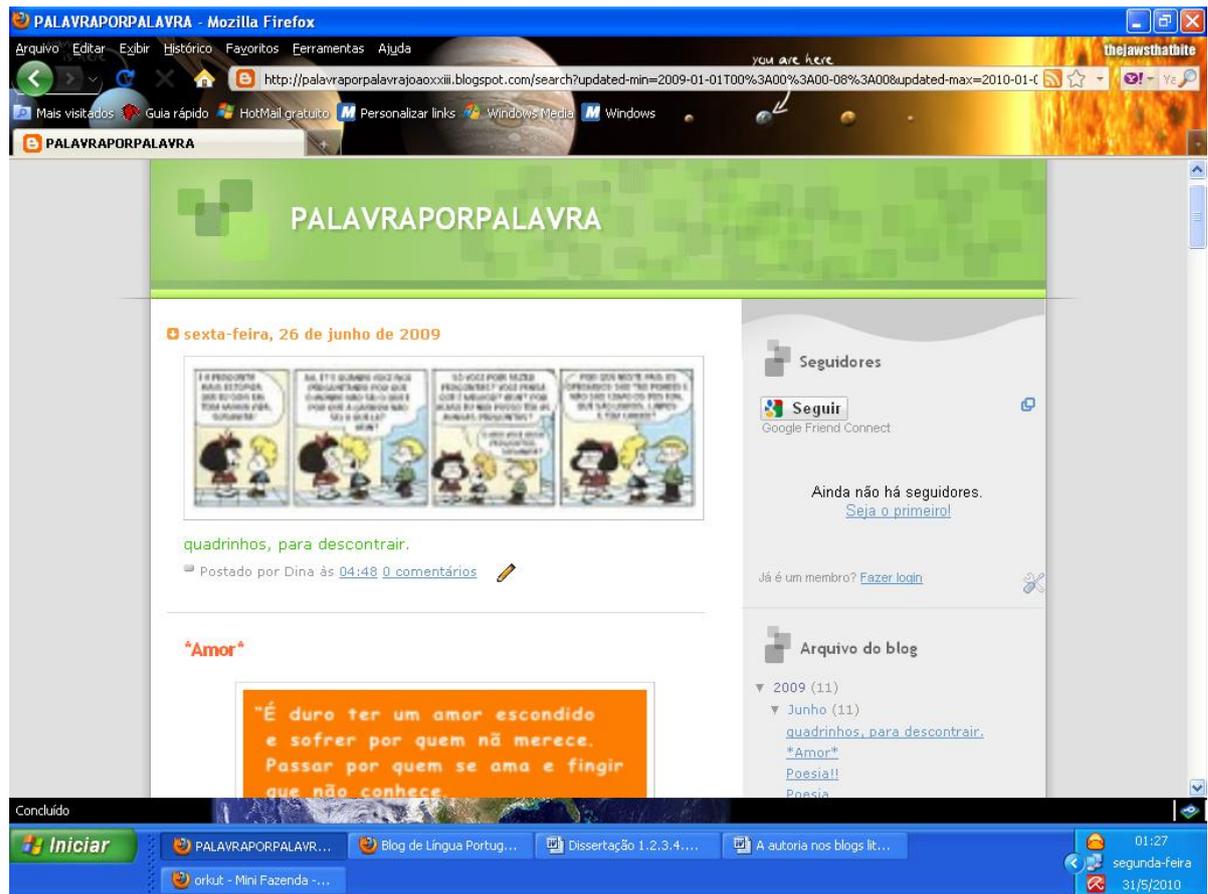


Figura 30: Quadrinhos

**PALAVRAPORPALAVRA - Mozilla Firefox**

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

http://palavraporpalavrajoaoxxiii.blogspot.com/search?updated-min=2009-01-01T00%3A00%3A00-08%3A008&updated-max=2010-01-01T00%3A00%3A00-08%3A008

**PALAVRAPORPALAVRA**

**Marcial Salaverry**

Postado por Dina às 04:39 0 comentários

**Carlos Drummond de Andrade.**

Nasceu em [Minas Gerais](#), em uma cidade cuja memória vinha a permear parte de sua obra, Itabira. Posteriormente, foi estudar em [Belo Horizonte](#) e [Nova Friburgo](#) com os Jesuitas no colégio Anchieta. Formado em [farmácia](#), com [Emílio Moura](#) e outros companheiros, fundou "A Revista", para divulgar o [modernismo](#) no Brasil. Durante a maior parte da vida foi funcionário público, embora tenha começado a escrever cedo e prosseguido até seu falecimento, que se deu em [1987](#) no [Rio de Janeiro](#), doze dias após a morte de sua única filha, a escritora [Maria Julieta Drummond de Andrade](#). <sup>[1]</sup>Além de [poesia](#), produziu [livros infantis](#), [contos](#) e [crônicas](#).

Postado por Dina às 04:39 0 comentários

**SER ADOLESCENTE!!!**

Adolescência é uma coisa  
bem difícil de entender

Concluído

**Iniciar**

PALAVRAPORPALAVR... Blog de Língua Portug... Dissertação 1.2.3.4... A autoria nos blogs lit... orkut - Mini Fazenda -...

01:28  
segunda-feira  
31/5/2010

Figura 31: Biografia de Carlos Drummond de Andrade

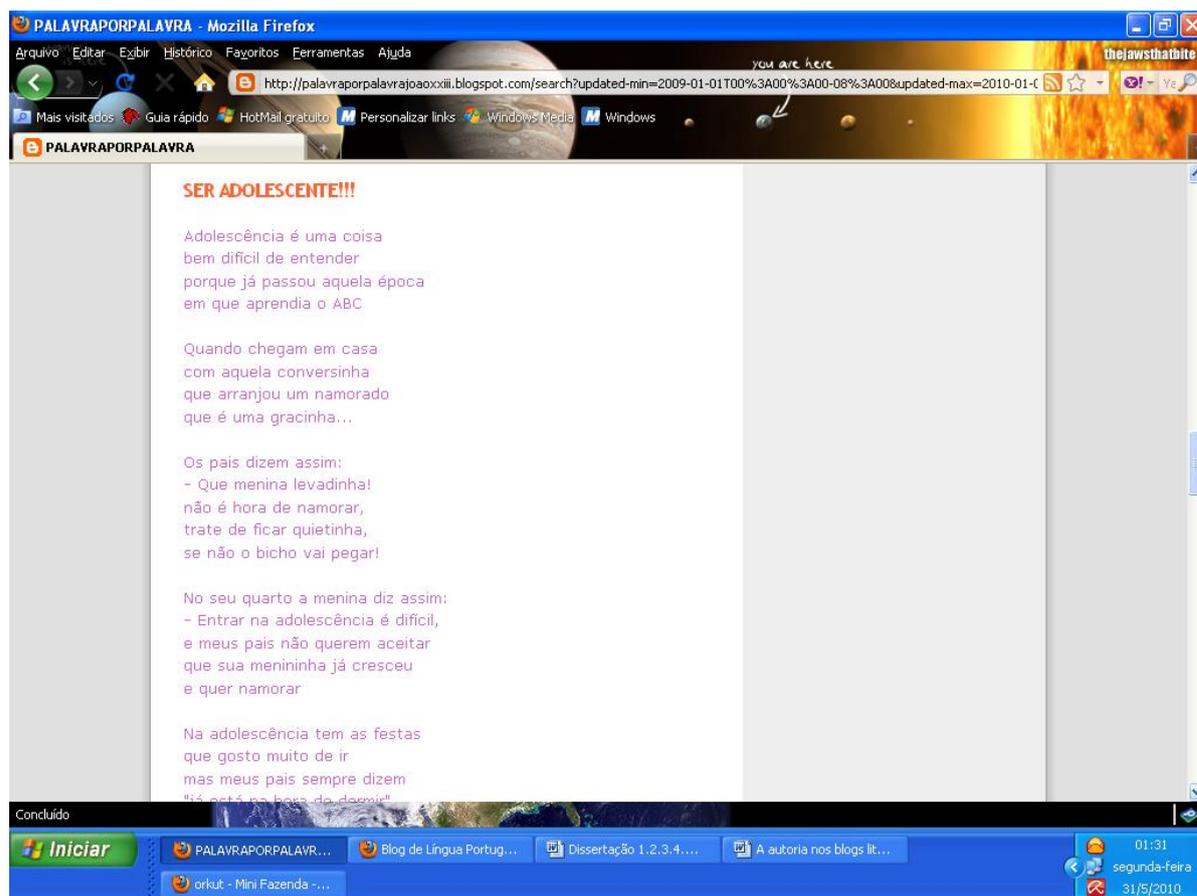


Figura 32: Poema de três alunas sobre a adolescência

O outro *blog* da turma “Gente Inteligente”, só teve duas postagens. Como já haviam anunciado na apresentação do *blog*, o interesse dos alunos que ficaram responsáveis por este *blog* centrava-se em esportes e jogos. Suas postagens tratam disso. A primeira descreve um jogo onde o jogador se torna o proprietário de um time de futebol e pode através de uma moeda própria escalar seu time com jogadores do Campeonato Brasileiro da série A. Pode ainda escolher os uniformes, o escudo do time, etc e o principal objetivo do jogo é alcançar o sucesso e a fama.



Figura 33: Primeira postagem do Gente Inteligente

A segunda postagem trata do trabalho com o *blog*. Embora classifiquem-no de interessante e afirmem que nele podem expressar sua opinião, não deram continuidade ao trabalho.

A meu ver o maior entrave para que o trabalho com os *blogs* da turma da professora Carla não evoluísse foi o fato de a professora encará-los como um trabalho **da pesquisadora**. A professora não incorporou o trabalho como seu e isso se refletiu na turma.

No “*Blog de Língua Portuguesa*” construído pela professora Joseli com os alunos do oitavo ano as postagens ocorreram de forma mais contínua e me permitiram observar várias formas de se trabalhar a autoria literária dos alunos nas aulas de Língua Portuguesa utilizando o instrumento *blog* literário.

A proposta inicial era trabalhar com alguns gêneros textuais que constam da lista de referência estabelecida pelos professores para cada ano escolar<sup>73</sup>, sendo então escolhida a resenha, a charge, a crônica e o texto de opinião e ainda o livro “Menino de Engenho” de José

<sup>73</sup> Esta lista consta em anexo.

Lins do Rego. Para o trabalho com o livro a professora pediu que os alunos lessem a obra e a partir daí várias atividades foram postadas no *blog* para discuti-la.

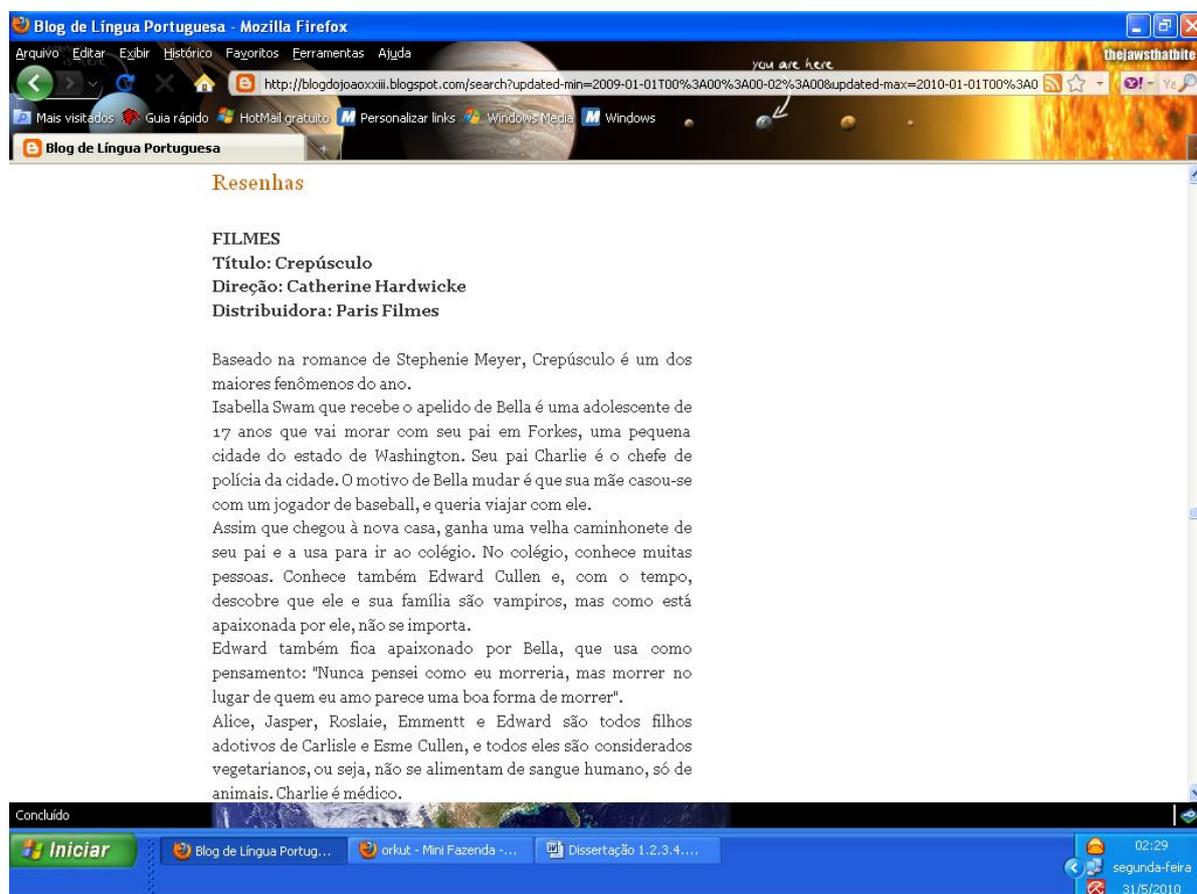


Figura 34: Resenha postada no *Blog* da Língua Portuguesa

Blog de Língua Portuguesa - Mozilla Firefox

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

you are here thejawssthatite

http://blogdojoaoxxiii.blogspot.com/search?updated-min=2009-01-01T00%3A00%3A00&updated-max=2010-01-01T00%3A00%3A00&updated-max=2010-01-01T00%3A00%3A00&updated-max=2010-01-01T00%3A00%3A00

Mais visitados Guia rápido HotMail gratuito Personalizar links Windows Media Windows

Blog de Língua Portuguesa

QUINTA-FEIRA, 1 DE OUTUBRO DE 2009

### Charge



O que é Charge?

Charge é um estilo de ilustração que tem por finalidade ironizar, por meio de uma caricatura, algum acontecimento atual com uma ou mais personagens envolvidas.

Nos meios de comunicação, o uso das charges esteve sempre vinculado à realização de algum tipo de reflexão sobre os acontecimentos do cotidiano.

Concluído

Iniciar

Blog de Língua Portug... orkut - Mini Fazenda - ... Dissertação 1.2.3.4. ....

02:31  
segunda-feira  
31/5/2010

Figura 35: Charge publicada no *Blog de Língua Portuguesa*

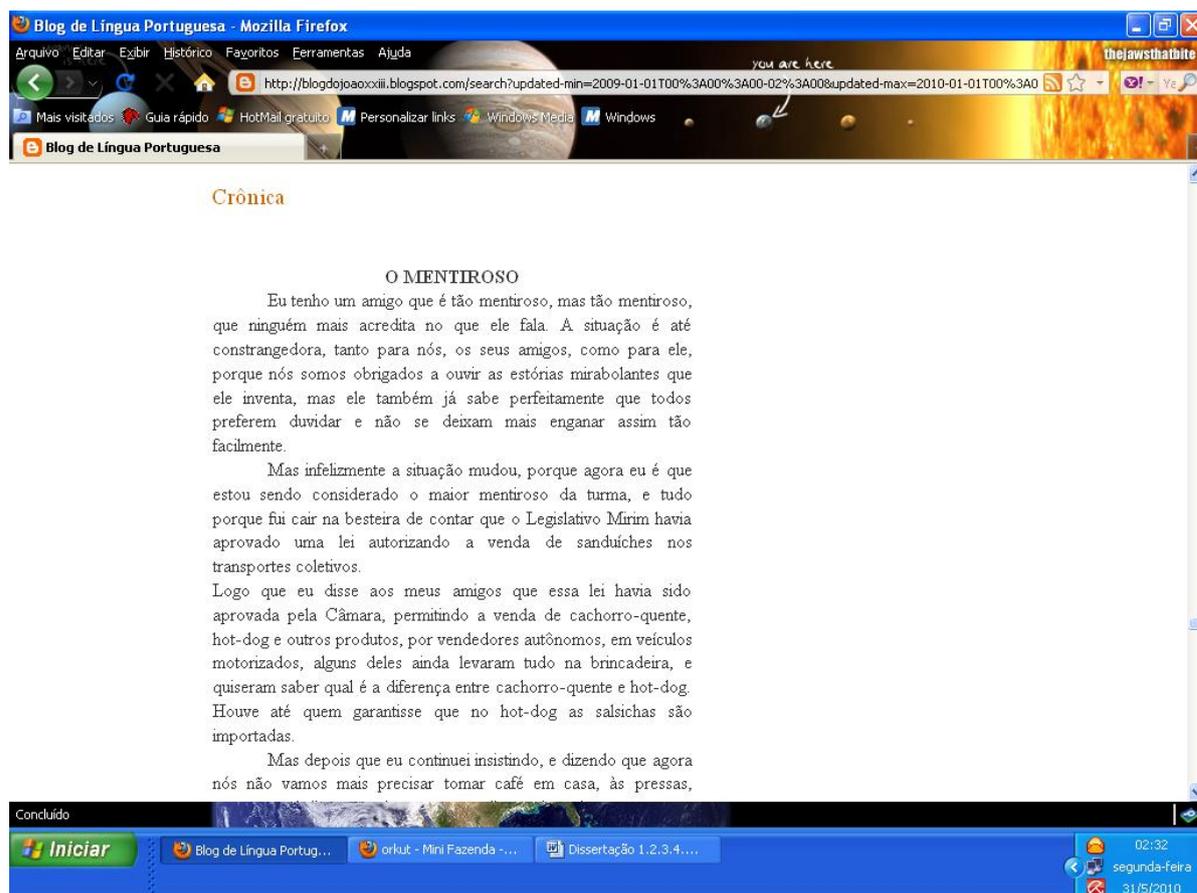


Figura 36: Crônica postada no *Blog de Língua Portuguesa*

**Blog de Língua Portuguesa - Mozilla Firefox**

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

you are here thejawssthatite

http://blogdojoaoxxiii.blogspot.com/search?updated-min=2009-01-01T00%3A00%3A00&updated-max=2010-01-01T00%3A00%3A00&as-is=1

Mais visitados Guia rápido HotMail gratuito Personalizar links Windows Media Windows

**Blog de Língua Portuguesa**

### Temas polêmicos

#### DEVEMOS BANIR A INTERNET?

Nos tempos atuais, a internet se populariza cada vez mais: são centenas de milhares de crianças e adolescentes conectados com toda a rede mundial de computadores. Os crimes contidos nesse meio de comunicação são inúmeros, e o envolvimento de jovens nestas situações é cada vez maior. Para diminuir estes índices, a intervenção dos pais é fundamental.

Temos uma grande polêmica quando tratamos de sites de relacionamento. Neste ambiente, os pais devem estar mais atentos ao uso de seus filhos. Mas como agir? Proibindo os filhos de terem acesso a estes sites ou vigiando-os neste espaço? Nenhuma destas soluções. A solução provém do diálogo dos pais com seus filhos: os jovens devem ser conscientizados dos riscos que correm, para não postarem fotos extremamente íntimas, não abrirem links suspeitos, não divulgarem seus telefones, endereços, etc (no máximo um email pode ser mostrado) e diversas outras ações preventivas.

Portanto, a proibição do uso da internet pelos pais não é o melhor caminho para a diminuição dos crimes na internet envolvendo os adolescentes e crianças. A compreensão pelos jovens dos riscos que a internet apresenta é de fundamental importância.

Mateus Netto Coelho, aluno do 8º ano B

Concluído

**Iniciar**

Blog de Língua Portug... orkut - Mini Fazenda - ... Dissertação 1.2.3.4. ....

02:33  
segunda-feira  
31/5/2010

Figura 37: Texto de opinião

The screenshot shows a Mozilla Firefox browser window with the address bar containing a search query for 'Menino de Engenho'. The page content includes a title 'Atividade 8ºano C', a reading instruction, a quote from the book, a question about the relationship between the grandfather and the residents, and a section for comments and reactions. The system tray at the bottom shows the date as 31/5/2010.

**Blog de Língua Portuguesa - Mozilla Firefox**

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

http://blogdojoaoxxiii.blogspot.com/search?updated-min=2009-01-01T00%3A00%3A00-02%3A00&updated-max=2010-01-01T00%3A00%3A00&as=desc

Mais visitados Guia rápido HotMail gratuito Personalizar links Windows Media Windows

**Blog de Língua Portuguesa**

### Atividade 8ºano C

Leia o trecho do livro “Menino de Engenho” e responda à questão:

*“Meu avô me levava sempre em suas visitas de corregedor às terras de seu engenho. Lá ver de perto os seus moradores, dar uma visita de senhor nos seus campos. O velho José Paulino gostava de percorrer a sua propriedade, de anda-la canto por canto, entrar pelas suas matas, olhar as suas nascentes, dar os seus gritos de chefe, ouvir queixas e implantar a ordem.”  
(Capítulo 16)*

Qual a relação que se estabelece entre o avô de Carlinhos e os moradores do engenho?

Atividade proposta pela estagiária Danila de Cássia Luz

POSTADO POR JOAO ÀS 14:21 23 COMENTÁRIOS

REAÇÕES:  engraçado (0)  interessante (4)  legal (4)

DOMINGO, 4 DE OUTUBRO DE 2009

Concluído

Iniciar

Blog de Língua Portug... orkut - Mini Fazenda - ... Dissertação 1.2.3.4....

02:42  
segunda-feira  
31/5/2010

Figura 38: Atividade sobre o livro “Menino de Engenho”

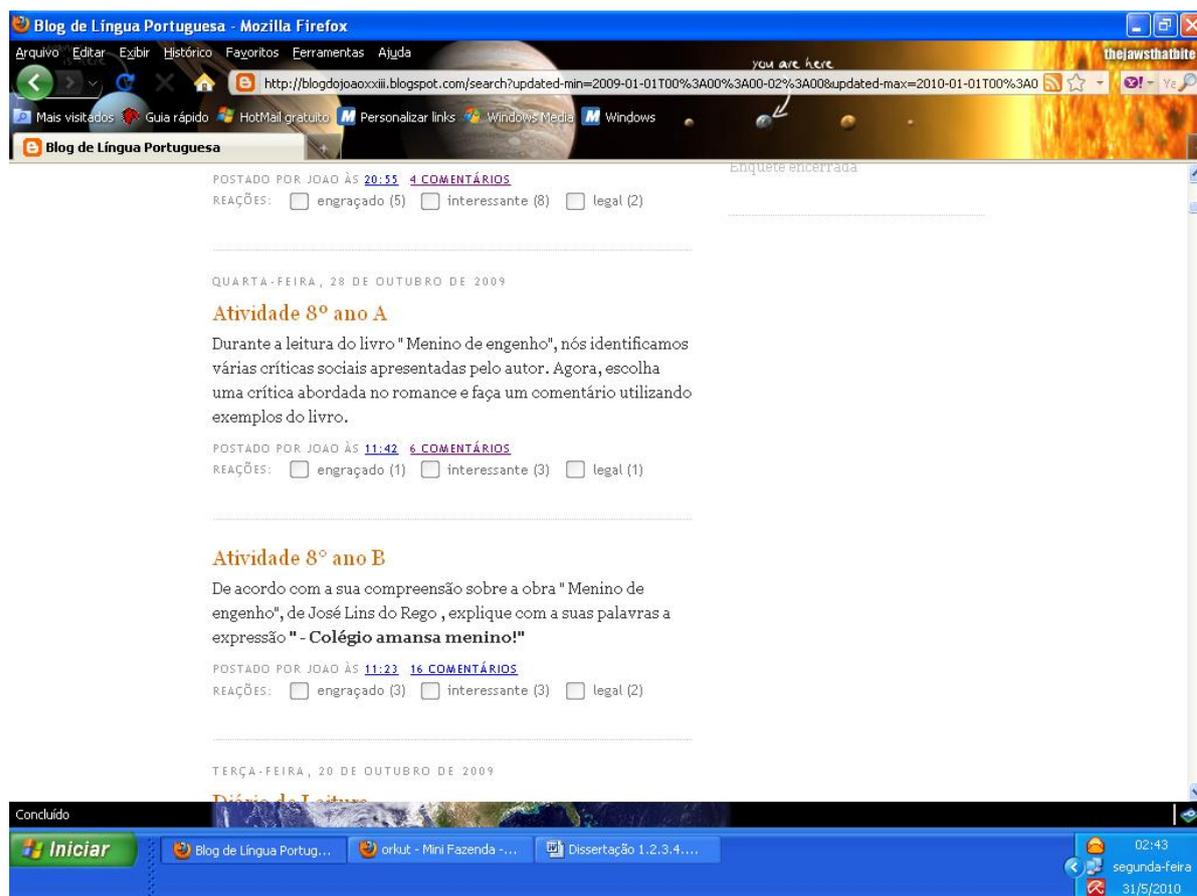


Figura 39: Atividades sobre o livro “Menino de Engenho”

Outra atividade foi o “Diário de leitura”. Como os alunos escreviam quinzenalmente os “Diários de leitura”<sup>74</sup> e entregavam para que a professora corrigisse, foi combinado que essa atividade deveria ser postada no *blog* e que estaria também sujeita aos comentários de todos.

<sup>74</sup> Comentários críticos a respeito de obras literárias lidas pelos alunos. Estas obras são escolhidas livremente a cada quinzena na biblioteca da escola.

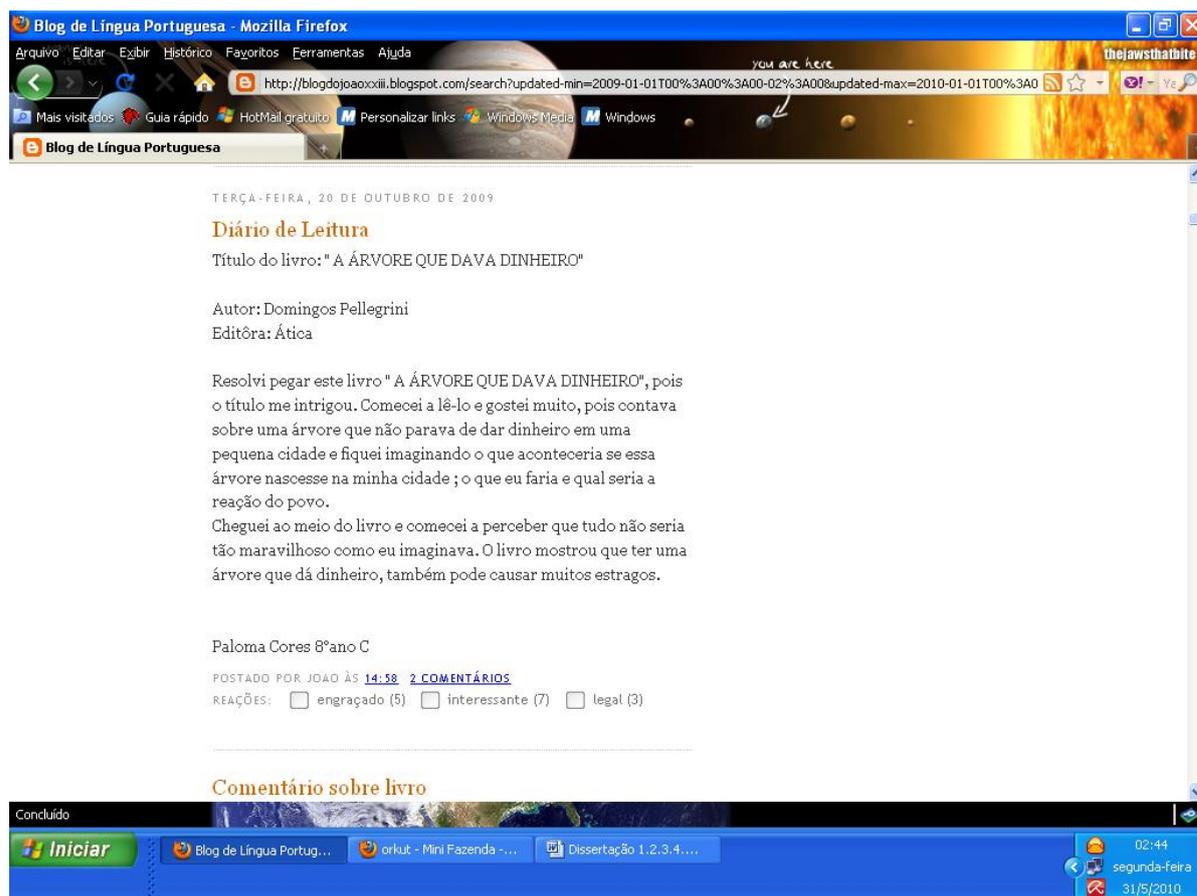


Figura 40: Diário de leitura

Mas no decorrer do trabalho outros interesses foram surgindo nos alunos e dessa forma foram inseridos no *blog* textos informativos, poemas, resenhas de filmes.

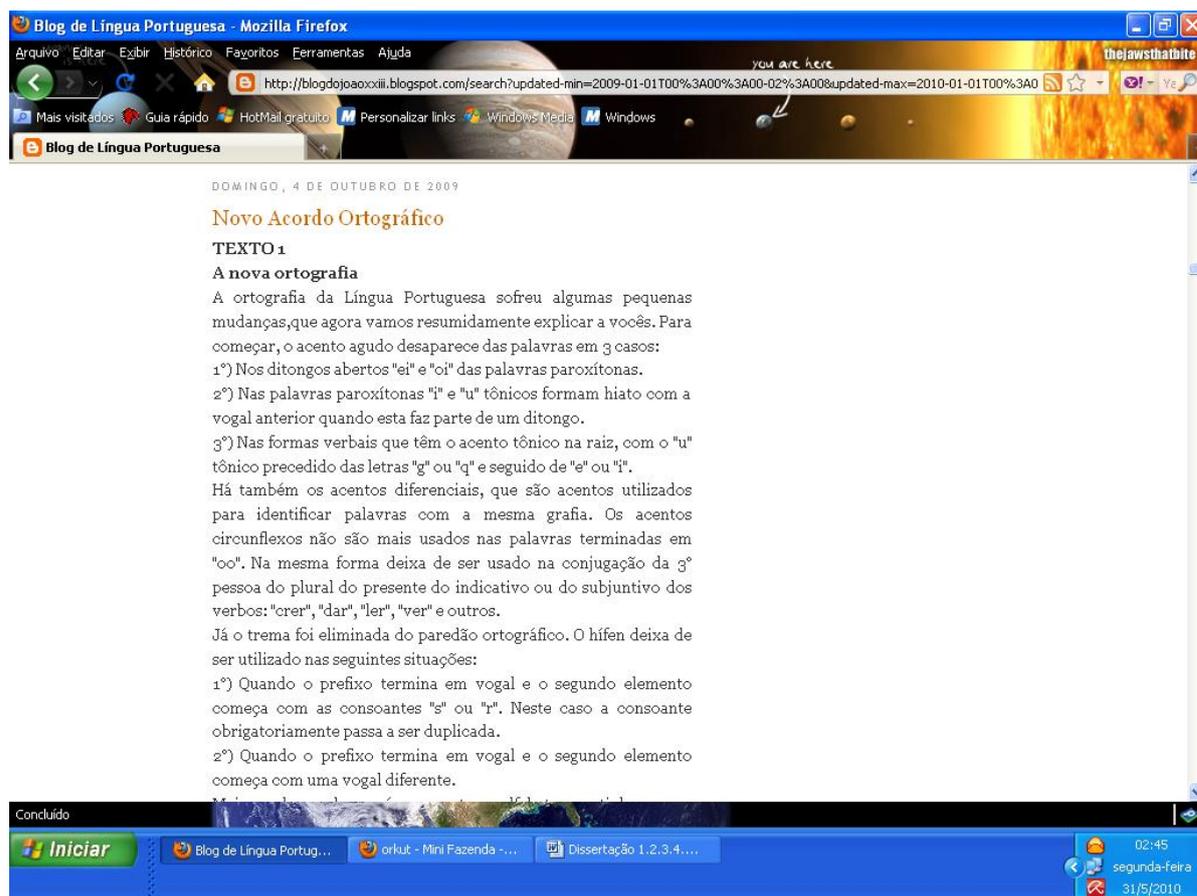


Figura 41: Texto informativo

**Blog de Língua Portuguesa - Mozilla Firefox**

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

you are here thejawssthatite

http://blogdojoaoxxiii.blogspot.com/search?updated-max=2009-10-04T16%3A39%3A00-03%3A00&max-results=8

Mais visitados Guia rápido HotMail gratuito Personalizar links Windows Media Windows

**Blog de Língua Portuguesa**

### Textos legais

Escolhemos o texto abaixo para este blog porque ele compara a época dos nossos pais e avós com a atualidade, como costumes, cultura, e também como algumas coisas continuam as mesmas, apenas mudaram de nome.

E tudo mudou...

O rouge virou blush

O pó-de-arroz virou pó-compacto

O brilho virou gloss

O rímel virou máscara incolor

A Lycra virou stretch

Anabela virou plataforma

O corpete virou porta-seios

Que virou sutiã

Que virou lib

Que virou silicone

A peruca virou aplique, interlace, megahair, alongamento

A escova virou chapinha

"Problemas de moça" viraram TPM

Confete virou MM

A crise de nervos virou estresse

A chita virou viscosa.

A purpurina virou glitter

A brilhantina virou mousses

**3249**  
visitantes

ARQUIVO DO BLOG

- 2009 (17)
  - 01/11/09 - 08/11/09 (1)
  - 18/10/09 - 25/10/09 (4)
  - 04/10/09 - 11/10/09 (5)
    - [Novo Acordo Ortográfico](#)
    - [Textos legais](#)
    - [De onde vem?](#)
    - [Dicas de Gramática](#)
    - [Resenhas](#)
  - 27/09/09 - 04/10/09 (7)

NO FRASE A SEGUIR, QUAL A GRÁFIA CORRETA? "VOCE SABE O (?) DA REFORMA ORTOGRÁFICA?"

Por que	1 (33%)
Por quê	1 (33%)
Porque	0 (0%)

Concluído

Iniciar

Blog de Língua Portug... orkut - Mini Fazenda - ... Dissertação 1.2.3.4....

02:49  
segunda-feira  
31/5/2010

Figura 42: Poema selecionado pelos alunos

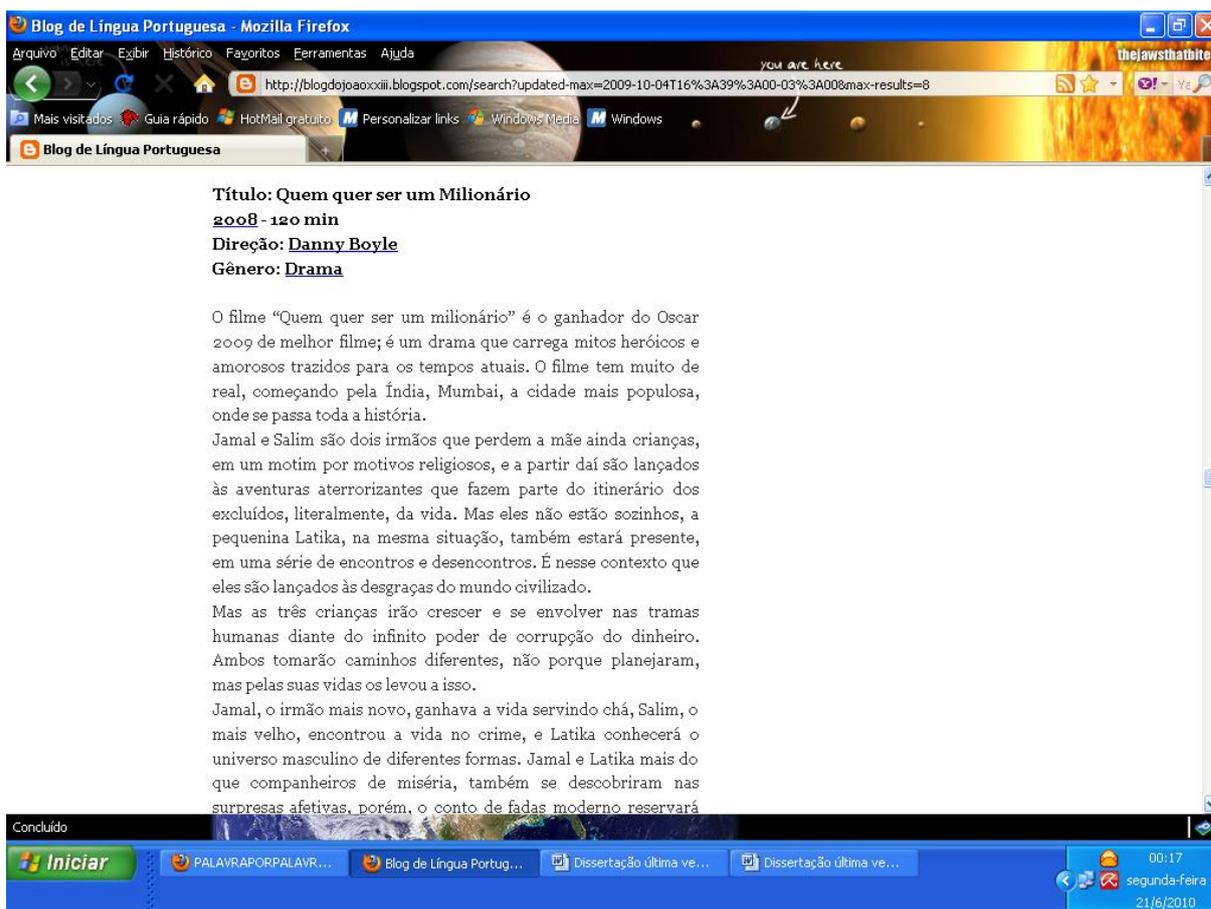


Figura 43: Resenha do filme “Quem quer ser um milionário”

O trabalho com *blogs* despertou nas professoras uma questão outra: como lidar com a cópia? Porque muitas vezes os alunos se limitam a copiar e colar? Essa preocupação é muito evidente na fala da professora Carla:

**Carla:** *Ah, eu acho que a tendência do ser humano é copiar, de uma maneira geral, principalmente os adolescentes. É muito mais prático você recortar, copiar e colar do que você tentar pensar, trabalhar e produzir.*

Esse copiar e colar se mostrou muito presente durante os trabalhos na Sala de Telemática. Por várias vezes era consultada pelos alunos sobre a possibilidade de “recolherem” material que julgavam interessante em outros *blogs* ou sites e postarem. Nessas ocasiões buscava discutir com eles a questão do direito do autor, a propriedade intelectual, a importância de desenvolverem textos próprios. Mas como efetivar a percepção do que é ser autor? A professora Joseli, ao trabalhar os *blogs* para a Feira do Livro considerou que os alunos se interessaram pelo trabalho por causa da nota. Já que cada postagem era avaliada

quantitativamente, a professora julgou a princípio que o interesse demonstrado se devia a conseguir uma boa nota:

**Joseli:** *Na ocasião da Feira do Livro eles tinham notas. Existia uma obrigação, então as postagens, os comentários, tudo era avaliado.*

**Pesquisadora:** *E você acha que esse diferencial de ser para a nota estimulou que eles fizessem se empenhassem no trabalho?*

**Joseli:** *Eu acredito que sim.*

No entanto quando começou a vivenciar a construção do *blog* dos oitavos anos sua percepção foi aos poucos mudando e nos nossos encontros era nítido o entusiasmo da professora:

**Joseli:** [...] *É uma experiência totalmente diferente a que estou vivendo agora com os oitavos anos.*

**Pesquisadora:** *É o que eu já ia perguntar. A gente sabe que cada turma é única, mas já que você tocou na questão da diferença, que diferença é essa entre aquele blog para a Feira do Livro e esse?*

**Joseli:** *A diferença é completa. Primeiro porque talvez eu tenha... Estou descobrindo agora que eu tenho um pouco de dificuldade em lidar com alunos do Ensino Médio. Parece que na medida em que eles vão ficando mais velhos nada fica interessante. E os mais novos, eles se envolvem muito com os trabalhos. E aí logo que propus o blog eles adoraram.*

A partir desse entusiasmo pude perceber que a produção escrita destinada à postagem no *blog* não só se intensificou. O que infelizmente não se refletiu na página do *blog*, pois com a chegada do mês de novembro e conseqüentemente dos exames finais, muitos textos não foram postados.

Concomitantemente a professora percebeu na sala de aula que esse movimento era acompanhado de uma crescente preocupação dos alunos com a apresentação dos textos.

A produção escrita no *blog* literário do oitavo ano não se baseava na reprodução quase mecânica de textos “modelares” ou a partir de títulos fornecidos pela professora, mas era construída num processo dialógico, onde os alunos, a partir dos gêneros discursivos discutidos em sala de aula e de temas como filmes, livros ou outros assuntos de seu interesse produziam textos mais criativos e autorais. Mas como perceber essa autoria num texto produzido no

contexto da sala de aula de Língua Portuguesa? Um espaço tradicionalmente tão marcado por regras e conceitos pertinentes ao ensino da língua e que normalmente encara a produção literária como fruto de escritores dotados de certa dose de “genialidade”?

Chartier (1999), ao revisar a noção de autoria recobra a função do autor lembrando que da Idade Média à época moderna esta não era evidente, visto que a obra escrita era definida pelo “*contrário de sua originalidade*”, já que o escritor era considerado apenas instrumento de uma Palavra inspirada por Deus ou ainda alguém que tinha a função “*de desenvolver, comentar, glosar aquilo que já estava ali.*” (p.31). Para o autor a ruptura acontece no período que antecede os séculos XVII e XVIII, quando alguns autores contemporâneos são retratados por miniaturas no interior de seus manuscritos, deferência até então concedida apenas aos autores clássicos da tradição antiga ou aos padres da igreja. Chartier os define como “*escritores*”, aqueles que compõem uma obra. A seu ver, “*para que exista o autor são necessários critérios, noções, conceitos particulares*”. (p.32). Esclarece ainda que na língua inglesa evidencia-se bem a noção de autoria: distingue-se “*writer*” é aquele que escreveu alguma coisa, de “*author*”, aquele cujo nome próprio concede identidade e autoridade ao texto. (p.32).

Nos dias atuais percebemos a autoria muito ligada à propriedade do texto. Com a internet e a facilidade de publicação e divulgação de textos que ela proporcionou rapidamente um texto pode “cair na rede” e ser apropriado, reestruturado, reutilizado, perdendo assim suas características iniciais e dificultando que seja reconhecido como deste ou daquele autor. Há casos inclusive de textos serem atribuídos a autores que nunca o escreveram.

Nas aulas de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação João XXIII, há preocupação com a literatura e a escrita de textos literários como já demonstrado ao longo desse trabalho. Mas como trabalhar a literatura e a autoria?

Vygotsky (2001) ao responder os estudiosos de seu tempo que afirmavam que a literatura não pode ser objeto de ensino da escola declarou:

[...] essa opinião também parte de uma concepção demasiado estreita e ultrapassada sobre a escola. Perde-se de vista a diversidade das possibilidades educativas na nova escola. O sentimento estético deve ser objeto de educação tanto quanto os demais, só que em formas específicas. (p. 350)

Decerto que o ensino da literatura nas aulas de Língua Portuguesa não tem como objetivo formar literatos no sentido que essa palavra assume. Não se pretende que o aluno saia da escola escrevendo como Carlos Drummond de Andrade. Como nos lembra Vygotsky, o

ensino da literatura deve ser objeto de educação em formas muito específicas. Uma dessas formas é explicitada pela professora Joseli:

**Pesquisadora:** *Então você discute com eles a adequação da linguagem ao tipo de leitor que desejam atingir?*

**Joseli:** *Exatamente! Foi uma conversa que tive com eles. Mas eu acho que ela está presente em todas as aulas de Língua Portuguesa, o tempo todo. Pelo menos nas minhas aulas. Sobre instância, sobre pessoa, pra quem escrevo, sobre lugar, sobre a faixa etária. Essa adequação da linguagem é muito importante. Não adianta você falar para uma platéia que não vai entender o que você está dizendo. Querer falar palavras rebuscadas para uma platéia que não vai conseguir alcançar aquela linguagem. [...] Principalmente aqui no Colégio, a gente trabalha muito com crônicas, que tem uma linguagem muito próxima da realidade. Então é preciso explicar que a crônica trabalha com a linguagem próxima da realidade e o artigo não. O artigo de opinião, que é diferente do artigo científico. Eu acho que o blog fez com que a gente conversasse mais ainda sobre a linguagem.*

Empiricamente a professora experimenta a compreensão de Bakhtin e seu Círculo de que o autor é marcado pelas condições de seu tempo, de sua realidade e ao escrever, está condicionado a uma série de leis lingüísticas às quais deverá submeter-se para que se faça inteligível. Necessitará ainda levar em conta a sua arena imaginária, considerar a quem o seu texto se destina, convocar as vozes do auditório de seus prováveis leitores. Para Bakhtin, “qualquer locução realmente dita em voz alta ou escrita para uma comunicação inteligível é a expressão e produto da interação social de três participantes: o falante, o interlocutor e o tópico”. (p. 17)

Para Bakhtin e seu Círculo, a palavra “diálogo” era compreendida num sentido mais amplo, isto é, “não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja.” (2006, p. 127). Dessa forma também

O livro, isto é, o ato de fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação verbal. Ele é objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo e, além disso, é feito para ser apreendido de forma ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no quadro do discurso interior, sem contar com as reações impressas, institucionalizadas, que se encontram nas diferentes esferas da comunicação verbal (críticas, resenhas, que exercem influência sobre os trabalhos posteriores, etc.). Além disso, o ato de fala sob a forma de livro é sempre orientado em função das intervenções anteriores na mesma esfera de atividade, tanto as do

próprio autor como as de outros autores: ele decorre, portanto da situação particular de um problema científico ou de um estilo de produção literária. Assim, o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.(BAKHTIN/VOLOCHINOV; 2006 p.127-128)

Acatando assim a premissa bakhtiniana de que o texto escrito constitui-se em diálogo e que é nesse diálogo que o autor nessa perspectiva constitui o seu texto orientado por intervenções não só anteriores como ainda posteriores, vejo nos *blogs* literários o espaço perfeito para que essa relação se materialize, afinal, lá ele pode publicar esperar os comentários dos leitores, voltar ao texto e se desejar, até reescrevê-lo.

Ao criar os *blogs* literários as professoras do Colégio de Aplicação João XXIII, até mesmo por se tratar de um trabalho inicial cujo objetivo era proporcionar o espaço de autoria aos alunos e ao mesmo tempo fazer desta uma situação de aprendizagem, estabeleceram esse diálogo de que tratam Bakhtin e seu Círculo em duas situações: de forma mais restrita ao lerem os textos e efetuarem as correções para que fossem postados de acordo com as normas ortográficas vigentes e de maneira mais ampla através da ferramenta Comentários.

Mas se uma situação acontecia entre professor e aluno, uma relação em geral pautada pela supremacia do primeiro já que é ele quem afinal detém o poder de “dar a nota”, como se estabeleceria uma relação dialógica que permitisse ao aluno se sentir autor apesar das correções do professor? A professora Joseli me deu a resposta:

**Pesquisadora:** *E você poderia dizer que, mesmo você corrigindo os textos, orientando e tudo mais, mesmo assim eles se sentiam autores dos textos? Eles sentiam que os textos eram deles?*

**Joseli:** *Ah, sim! Com certeza! Por quê?! Eu sempre, nessa correção, tinha a preocupação com a forma. Eu tento não descaracterizar os textos. Eu consegui fazer muito na primeira fase do blog, corrigir os textos, junto com eles, trocando idéias. Como lá no Colégio a gente tem um tempo maior para isso, eu consegui fazer. Muitos alunos têm problemas. Mais com a forma, a caracterização do texto. Mas eles se sentiram autores, sujeitos autores. Era só ver como eles se entusiasmavam quando viam o texto publicado. Vi isso muito porque eu validava<sup>75</sup> os textos. Eles postavam e eu validava. Às vezes eles postavam e demorava dois ou três dias para que eu publicasse os textos. Isso acontecia porque muitas vezes não tinha tempo no mesmo dia da postagem deles e aquilo gerava muita ansiedade. Eles sempre queriam saber: “porque o de fulano já foi publicado e o meu não?” Quando viam os*

---

<sup>75</sup> Os alunos postavam os textos que eram sujeitos à validação da professora, ou seja, só eram visualizados no *blog* a partir da leitura e permissão da professora.

*comentários então... Dava pra ver o entusiasmo que eles ficavam em ver que não era só a turma, mas que outras pessoas estavam lendo os textos deles. Porque quando a gente conversou com eles que o blog seria compartilhado com os alunos do primeiro ano eles não acharam muito interessante, tem vergonha porque são mais novos, acho que até pelo medo das críticas. Mas depois quando eles viram os comentários que os alunos do primeiro ano faziam, comentários interessantes sobre os textos deles, eles adoraram e se sentiram super estimulados. Queriam mostrar. Preocupavam-se se os deles iam ser publicados, como os de todo mundo. Não fiz nenhuma distinção. E as correções foram muito poucas mesmo, sem tentar alterar nada no sentido mesmo, no conteúdo dos textos.*

As professoras mostraram-me ainda as situações de aprendizagem que surgiram durante o trabalho com os *blogs*:

**Pesquisadora:** *Você acha que essa questão de ser autor, de ter seus textos expostos, isso contribui de alguma forma para eles?*

**Cristina:** *Claro! Claro! Tanto é que quando alguém postava alguma coisa no blog eles comentavam com a turma pra todo mundo entrar para ver. E comentavam uns com os outros, elogiavam, discutiam se concordavam ou não com algumas coisas. Então sempre quando alguém colocava alguma coisa no blog, era divulgada, então alguns entravam, olhavam. Eu acho que isso foi um saldo positivo.*

**Joseli:** *[...] As correções foram poucas... Mas alguns problemas assim, erros de concordância, ortografia, eu fiquei preocupada, pensando nas outras pessoas... Lógico que eu acredito que isso não é um grande problema. Eles são alunos do oitavo ano, é lógico que eles ainda têm problemas de escrita e essa é uma estratégia para melhorar, para aprimorar, porque eu acho que um dos pontos altos do blog é esse trabalho com a escrita. Por quê? Eles se entusiasmam ao reescrever... E eu acho que essa é uma grande vantagem da publicação. Eles se preocupam em melhorar o texto.*

O entusiasmo dos alunos em verem seus textos publicados no *blog* literário denota a meu ver, um sinal de que a possibilidade de ser lido por outras pessoas pode contribuir para que as atividades de escrita nas aulas de Língua Portuguesa se tornem não só mais produtivas, como ainda efetivamente de aprendizado da autoria.

Retomando o pensamento de Bakhtin e aliando-o à minha percepção de pesquisadora da questão, posso dizer que a produção textual que realmente contribuiria para a formação de

alunos/autores, deve se pautar em alguns pressupostos. O primeiro deles é que o auditório imaginário do aluno não pode ficar restrito ao professor, visto que é da interação com o outro que nasce o diálogo. Outro ponto importante é que ele possa exercer o seu distanciamento do texto, para que possa olhá-lo de fora, saindo da situação de produtor para assumir a posição de autor, dando acabamento à sua obra. O *blog* permite esse exercício: o texto é postado e o aluno pode desligar o computador, dar uma volta, distanciar-se de sua produção. Ao retornar terá outra percepção de sua obra. Terá efetivamente se distanciado dela e poderá analisá-la sob outro olhar.

Um aspecto que ainda vale destaque é o de publicação imediata e ilimitada: é fácil criar e manter um *blog* e as possibilidades de atingir outros leitores são infinitas. Nenhum mural ou jornal escolar pode oferecer essa visibilidade.

A possibilidade de uma escrita única “*construída a partir dos traços e da influência de outras*” (SCHITTINE, 2004; p. 157) se constitui a meu ver um atrativo valioso desse instrumento no aprendizado da escrita autoral, pois para Bakhtin é o olhar do outro que nos constitui e nossas palavras são sempre uma reação às palavras do outro, começando por assimilá-las para depois eliminarmos as aspas e torná-las nossas.

Mas como afinal os *blogs* literários podem se constituir como uma possibilidade de autoria dos alunos nas aulas de Língua Portuguesa? Só através da mediação: da mediação do instrumento *blog* e da mediação humana, em especial do professor. Nisso se constitui a terceira categoria de análise desta dissertação.

### **4.3. O papel mediador do professor**

Ao conceber o desenvolvimento humano como um produto histórico e cultural, decorrente do entrelaçamento da linha do biológico com a linha do cultural, Vygotsky destaca no aspecto biológico a *memória genética* do indivíduo, seus traços naturais, responsáveis pelas *funções mentais elementares* (FME). Estas funções “*são determinadas imediata e automaticamente pelos estímulos externos ou pelos estímulos internos baseados nas necessidades fisiológicas*” (FREITAS, 2007, p.16).

Já no aspecto cultural, o autor destaca a rede de relações sociais e o processo de constituição cultural que, para ele, “*passa necessariamente pelo Outro*” (PINO, 2005, p.66) constituindo-se via linguagem, as funções mentais superiores.

Para Vygotsky (2008), portanto, desenvolvimento representa:

[...] um processo dialético complexo caracterizado pela periodicidade, desigualdade no desenvolvimento de diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra, embricamento de fatores internos e externos, e processos adaptativos que superam os impedimentos que a criança encontra. (p. 80)

Buscando ir além dos postulados teóricos de sua época, Vygotsky, segundo Bezerra (2001),

[...] ao procurar superar a concepção idealista de consciência e o enfoque biológico mecanicista do comportamento:

[...] lança a teoria histórico-cultural segundo a qual o signo, enquanto meio externo, à semelhança de um instrumento de trabalho, medeia à relação do homem com o objeto e com outro homem. Por intermédio dos signos, que Vigotski vê como uma espécie de “órgãos sociais”, o indivíduo assimila seu comportamento, inicialmente o exterior e depois o interior, assimilando as funções psíquicas superiores. Neste caso, signo e sentido têm a mesma força significativa, são componentes inalienáveis da relação do homem com o mundo via discurso. A ênfase no signo como elemento fundamental de construção da relação do homem com o mundo é muito recorrente em toda teorização vigotskiana (VYGOTSKY, 2001, p.XII).

A discussão vygotskyana acerca do processo de aprendizagem centra-se na formação de conceitos pela criança. Analisando-a comparativamente na fase pré-escolar e escolar, fundamenta seu estudo em dois esquemas conceituais: o que a criança traz antes de entrar para escola, sua “*história prévia*”, por ele denominado de *conceitos espontâneos*, e o que, combinado com esse conhecimento prévio, pode modificá-lo, os *conceitos científicos*.

Steiner & Souberman (2008) apresentam como Luria e Leontiev, em ensaio acerca das idéias de Vygotsky resumem alguns dos aspectos da aprendizagem própria da sala de aula destacando o processo de formação dos conceitos espontâneos e científicos.

O processo de educação escolar é qualitativamente diferente do processo de educação em sentido amplo. Na escola a criança está diante de uma tarefa particular: entender as bases dos estudos científicos, ou seja, um sistema de concepções científicas. Durante o processo de educação escolar a criança parte de suas próprias generalizações e significados; na verdade ela não sai de seus conceitos, mas, sim, entra num novo caminho acompanhada deles, entra no caminho da análise intelectual, da comparação, da unificação e do estabelecimento de relações lógicas. A criança raciocina, seguindo as explicações recebidas, e então reproduz operações lógicas, novas para ela, de transição de uma generalização para outras generalizações. Os conceitos iniciais que foram construídos na criança ao longo de sua vida no contexto de seu ambiente social (Vigotski chamou esses conceitos de “diários” ou “espontâneos, espontâneos na medida em que são formados independentemente de qualquer processo especialmente voltado para desenvolver seu controle”) são agora deslocados para novo processo, para nova relação especialmente cognitiva com o mundo, e assim nesse processo os conceitos da criança são transformados e sua estrutura muda. Durante o desenvolvimento da consciência na criança o entendimento das bases de um sistema científico de conceitos assume agora a direção do processo (STEINER & SOUBERMAN, 2008, p. 163).

Discordando daqueles que ao admitirem a diferença entre aprendizagem pré-escolar e escolar enxergam-na apenas no fato de que um é não sistematizado enquanto que o outro o é, Vygotsky (2008) vai além e afirma que a escola proporciona o que a seu ver é “*algo fundamentalmente novo no desenvolvimento da criança*” (p.95) e elaborando um conceito novo: *a zona de desenvolvimento imediato*:<sup>76</sup>:

Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob orientação de um adulto em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 2008, p.97)

É no conceito vygotskyano de *zona de desenvolvimento imediato* que encontro uma grande contribuição para o meu trabalho. Além de ser um pesquisador, Vygotsky foi essencialmente um professor, um pedagogo que se preocupava com a escola e suas questões. Ao conceber a *zona de desenvolvimento imediato* fornece um instrumento para que os professores possam entender como se efetiva o desenvolvimento de seus alunos. Podem perceber não somente o que já aprenderam como também aquilo que ainda está em processo.

Para o autor russos, no processo de aprendizagem conceitos espontâneos e conceitos científicos devem ser interligados por complexos vínculos internos e nesse sentido define que o papel da educação deve ser:

[...] ampliar ao máximo os âmbitos da experiência pessoal e limitada, estabelecer contato entre o psiquismo da criança e as esferas mais amplas da experiência social já acumulada, como que incluir a criança na rede mais ampla possível da vida. (VYGOTSKY; 2001, p.351)

Vygotsky, portanto, vê a escola como sendo o lugar da Psicologia por entender que é nesta instituição que “*se realizam sistemática e intencionalmente as construções e a gênese das funções psíquicas superiores*” (FREITAS, 2007, p.100) e dá especial relevância ao trabalho do professor.

Na teoria vygotskyana o grande papel da escola é de trabalhar com os alunos os conceitos científicos de modo a ampliar os conceitos espontâneos. Entretanto esse processo não é visto como linear, no qual para que um novo conceito se firme é necessário que outro desapareça, mas sim no movimento dialético entre os dois tipos de conceitos.

Esta pesquisa parte do princípio de que é possível o professor, em sua ação de mediador do processo de aprendizagem, utilizar-se do computador/internet, neste caso

---

<sup>76</sup> Utilizo aqui a tradução de Paulo Bezerra (2001). Algumas traduções trazem zona de desenvolvimento imediato, proximal ou potencial. A esse respeito ver BEZERRA (2001) in VYGOTSKY (2001; p. XI).

específico, dos *blogs* literários, como um meio de intervir na Zona de Desenvolvimento Imediato de seus alunos.

Para falar em professor como mediador do processo de aprendizagem, faz-se mister trazer o conceito de mediação em Vygotsky.

A partir de sua insatisfação com as teorias objetivistas e subjetivistas que consideravam o sujeito de forma descontextualizada e abstrata, Vygotsky, com base no materialismo-histórico-dialético busca uma perspectiva que possa perceber o homem real e concreto (Freitas, 2009). Nessa perspectiva o homem deixa de ser sujeito biológico para transformar-se, a partir de sua inserção na cultura, em sujeito sócio-histórico e seu desenvolvimento passa essencialmente pela relação com o outro. Essa relação, entretanto não é direta, mas mediada: “*entre o homem e o mundo real existem mediadores, ferramentas auxiliares da atividade humana*”. (OLIVEIRA; 1997, p.27).

Mediação é, portanto, um conceito central na obra de Vygotsky e conseqüentemente na perspectiva histórico-cultural. Para melhor facilitar a sua compreensão julgo necessário esclarecer o que o autor concebe como instrumento. É a partir dos postulados de Engels sobre o trabalho humano que busca elementos para construir sua noção de instrumento: a partir da necessidade de transformar a natureza o homem cria instrumentos técnicos para tal, no entanto ao modificá-la é também modificado: *a alteração provocada pelo homem sobre a natureza altera a própria natureza do homem*. (VYGOTSKY; 2008, p.55)

É do conceito de instrumento material que Vygotsky parte para conceber os signos<sup>77</sup> como instrumentos psicológicos:

A invenção e o uso dos signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher, etc.) é análoga à invenção e uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico. O signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho. (VYGOTSKY; 2008, p.52)

Embora assinale que o ponto comum entre signo e instrumento seja a função mediadora que ambos possuem, Vygotsky assinala que possuem diferenças fundamentais:

A diferença mais essencial entre signo e instrumento, e a base da divergência real entre as duas linhas, consiste nas diferentes maneiras com que eles orientam o comportamento humano. A função do instrumento é servir como um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade; ele é orientado *externamente*;

---

<sup>77</sup> Signos podem ser definidos como elementos que representam ou expressam outros objetos, eventos, situações. A palavra mesa, por exemplo, é um signo que representa o objeto mesa; o símbolo 3 é um signo para a quantidade três; o desenho de uma cartola na porta de um sanitário é um signo que indica “aqui é o sanitário masculino”. (OLIVEIRA; 1997, p.30)

deve necessariamente levar a mudanças nos objetos. Constitui um meio pelo qual a atividade humana externa é dirigida para o controle e domínio da natureza. O signo, por outro lado, não modifica em nada o objeto da operação psicológica. Constitui um meio da atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo; o signo é orientado *internamente*. Essas atividades são tão diferentes uma da outra, que a natureza dos meios por elas utilizados não pode ser a mesma. (VYGOTSKY; 2008, p.55)

Daniels (2003), a partir da leitura de Kozulin, afirma que encontra em Vygotsky três classes de mediadores: ferramentas materiais, ferramentas psicológicas e outros seres humanos.

É no conceito de mediação desenvolvido por Vygotsky e principalmente nessas três classes de mediadores encontradas por Daniels (2003) que encontro a base teórica para analisar o trabalho desenvolvido com as professoras de Língua Portuguesa do Colégio de aplicação João XXIII e seus alunos, pois ilumina o entendimento da relação entre as professoras, seus alunos, o computador/internet e a escrita autoral. No dizer de Altenfelder (2010),

Compreender que o desenvolvimento do psiquismo humano é sempre mediado pelos outros e pela cultura a partir de uma instância que relaciona objetos, processos e situações e que, muito além de ligar elementos entre si, constitui-se como centro organizador da relação do homem com o mundo, implica pensar nos processos de transmissão da cultura e entender o papel da escola e da educação no desenvolvimento do sujeito. (ALTENFELDER; 2010, p.20)

Muito embora esteja habituada a encontrar a palavra mediar e seus derivados como “papel mediador do professor”, “professor como mediador do processo de leitura”, “professor como principal mediador entre o aluno e o conhecimento” entre outros, no discurso de muitos professores ou na literatura que trata das questões educacionais, julgo de fundamental importância esclarecer que, nesta pesquisa, “professor mediador” é aquele que, *em sua atividade profissional faz uso de signos e instrumentos produzidos socialmente e na interação e comunicação com os alunos, refletindo sobre si mesmo e sua prática*. (ALTENFELDER; 2010, p.21)

Assim como Altenfelder (2010) creio que

[...] o professor, enquanto membro mais experiente da cultura e detentor de conhecimentos específicos sobre o que e como ensinar, constitui-se como organizador da relação do aluno com os objetos de conhecimento dando concretude, viabilizando e garantindo o processo de aprendizagem. (ALTENFELDER; 2010, p.21)

Cabe ainda ressaltar que a qualidade da mediação do professor é de fundamental importância, pois na premissa vygotskyana de que.

[...] a aprendizagem e o desenvolvimento não coincidem imediatamente, mas são dois processos que estão em complexas inter-relações. A aprendizagem só é boa quando está à frente do desenvolvimento. Neste caso, ela motiva e desencadeia para a vida toda uma série de funções que se encontravam em fase de amadurecimento e na zona de desenvolvimento imediato. É nisso que consiste o papel da aprendizagem no desenvolvimento.

[...] A disciplina formal de cada matéria escolar é o campo em que se realiza essa influência da aprendizagem sobre o desenvolvimento. O ensino seria totalmente desnecessário se pudesse utilizar apenas o que já está maduro no desenvolvimento, se ele mesmo não fosse fonte de desenvolvimento e surgimento do novo. (VYGOTSKY; 2001, p. 334)

A meu ver a teoria de Vygotsky ressalta o papel fundamental do professor como mediador que a partir da vivência de seus alunos é capaz de integrar os conteúdos de sua disciplina e agindo na Zona de Desenvolvimento Proximal buscar aquilo que ainda não desenvolveram. Para tal precisa ser muito atento ao que acontece na sala de aula. Durante o trabalho com os *blogs* literários no C.A. João XXIII, pude constatar que a “atitude mediadora” das professoras determinou o menor ou maior desenvolvimento do trabalho dos alunos.

Na turma da professora Carla, como já relatado anteriormente o trabalho não evoluiu. Embora a professora creditasse o fato à divisão a que a turma foi submetida quando permiti que fossem criados dois *blogs*,<sup>78</sup> e ainda às interrupções causadas pelas férias regulares e pelo cancelamento das aulas devido à gripe suína:

*Carla: Olha, eu acho que trabalhar com blog é muito interessante e tudo mais, só que eu acho que, é... Não sei se foi por ser uma vez por semana, sabe, eu acho que não ficou legal assim. Tivemos férias. Não ficou um trabalho contínuo. Não deu um “fecho” legal. Eu acho que houve uma falha. Não sei se pela nossa distribuição de uma vez por semana. Tivemos feriados. Eu acho que demorou muito e não houve continuidade. Não tivemos uma seqüência cronológica. Foi muito demorado. Se fosse mais rápido, se não tivesse tanto feriado no meio, tanta coisa. Os meninos viajaram<sup>79</sup>... Então eu acho que ficou demorado.*

Em outro momento ela própria reconhece que faltou uma maior atenção de sua parte para os trabalhos a serem postados:

*Carla: Eu acho muito interessante essa proposta. Eu acho que temos que nos abrir para as novas tecnologias e é uma ferramenta que os meninos usam sem para. Muitos já tinham blog,*

<sup>78</sup> Gente Inteligente e Palavra por Palavra

<sup>79</sup> Viagem que a turma realizou para Petrópolis-RJ, a fim de conhecer o Museu Imperial.

*nós vimos lá. Eles já queriam montar os blogs na primeira aula, você se lembra? A gente teve que dar uma “travada”. Aí você propôs que conhecessem, mas a maioria já conhecia. [...] Então eles já conheciam, já queriam montar e com certeza o trabalho é muito válido. Eu acho que tenho até que...<sup>80</sup> É uma falha minha também de monitorar mais, incentivar os meninos a colocarem as produções. Só que para mim o trabalho caducou.*

Mesmo diante da posição da professora resolvi insistir na questão da continuidade do trabalho:

**Pesquisadora:** *E você acredita que poderia tentar dar uma continuidade no trabalho agora?*

**Carla:** *Eu acho que dá sim. Até para não ficar perdido. Depois de tanto trabalho que você teve as aulas que eu cedi. Eu acho que tem que retomar. Mesmo que eu saia daqui e vou sair em dezembro, posso continuar entrando no blog e posso dar algumas contribuições para eles.*

**Pesquisadora:** *Você acredita que o trabalho é interessante, mas o que falta efetivamente para que possa implantá-lo? Você citou a questão da continuidade, que tivemos muitos episódios durante o trabalho...*

**Carla:** *É... Muitos contratempos.*

**Pesquisadora:** *O que você acha que poderia ser feito para que esse trabalho fosse mais contínuo? Quais as dificuldades e talvez até soluções você pensaria para esse trabalho?*

**Carla:** *É... Sobre o que já passou... Já foi. Lembra que até problema na Sala de Telemática tivemos? Acho que foi falta de internet... Então... Tirando esses imprevistos que estão fora do nosso alcance, eu acho que o que passou é assim mesmo. Nos próximos trabalhos podemos ver o que poderia ser feito. Agora para tentar salvar esse trabalho que já começou assim retomar o trabalho na sala? Os meninos nem falam sobre isso mais comigo...*

Retruquei essa afirmação da professora e tentei então um último argumento, pois havia conversado com alguns alunos e o interesse deles era visível, mesmo porque muitos estavam acompanhando o trabalho dos colegas de outras turmas:

**Pesquisadora:** *Encontrei algum na entrada e no recreio e eles me perguntaram quando é que retomamos...*

---

<sup>80</sup> Nesse momento a professora faz uma pausa longa e parece hesitar.

**Carla:** *É? Então, comigo eles já não falam mais nada. Mas também... A gente sempre dando aula... Nem entrei mais para saber como está.*

**Pesquisadora:** *Eles não postaram mais nada...*

**Carla:** *Não postaram mais nada? Então eu acho que poderíamos conversar com eles. Eles já têm alguma coisa pronta, um trabalho sobre Cordéis. Eu mesma digitei, é um material que está pronto e pode ser postado. Eu me disponibilizo a postar e a incentivar outras produções.*

**Pesquisadora:** *Então você estaria disposta a retomar o trabalho?*

**Carla:** *Eu acho que sim. Ta faltando concluir. Pra ficar um trabalho assim é um desperdício. De tempo, de cultura... Eles estavam muito empolgados. Eu acho uma boa retomar. Acho que quando eles virem um trabalho da turma publicado vão se sentir mais estimulados. Eles vão vê o nome lá... Mesmo os que não são muito chegados, vão se sentir mais incentivados.*

Embora a professora tenha se comprometido a retomar o trabalho, isso efetivamente não aconteceu. Com o decorrer das semanas ela alegou muito trabalho no atendimento dos estagiários que estavam em sua turma e eu por minha vez tinha prazos a cumprir e não pude continuar esperando sua decisão. Ao olhar agora, afastada do campo e das emoções que ele me trazia, percebo que a professora, talvez por sua ainda inexperiência ou pelo fato de ser substituta e ainda estar muito presa ao cumprimento dos conteúdos não percebeu que a empolgação dos alunos pelos *blogs* poderia ser uma maneira de trabalhar os conteúdos dentro daquilo que eles vivenciavam e ao mesmo tempo fazê-lo de maneira mais rica, aumentando a experiência de seus alunos.

Para Vygotsky (2001; p.334) *a aprendizagem só é boa quando está à frente do desenvolvimento*, pois neste caso *motiva e desencadeia para a vida toda uma série de funções que se encontravam em fase de amadurecimento e na zona de desenvolvimento imediato*. A professora Carla, não conseguiu perceber que o trabalho com os *blogs* literários poderia lhe proporcionar um importante instrumento para desenvolver em seus alunos uma escrita mais própria e autoral, baseada principalmente em suas experiências e onde ela, como professora e conhecedora das regras da escrita na língua portuguesa poderia atuar como mediadora entre a escrita ainda em construção dos alunos e a norma culta trabalhada pela escola.

Outro episódio onde julgo que a professora não conseguiu alcançar a percepção de seu papel de mediadora foi na construção dos *blogs*. Quando a turma se dividiu em duas e de certa maneira exigiu que construíssemos dois *blogs*, a professora ficou incomodada com a questão da divisão e a meu ver perdeu uma grande oportunidade de discutir com os alunos a questão da individualidade e do trabalho coletivo. Embora se preocupasse com a questão e percebesse

que havia uma competitividade na sala que tornava muitos trabalhos inviáveis. Como explicitou em uma de suas entrevistas:

**Carla:** *Eu acho que a gente deve conversar com eles, mas explicar assim a importância da gente ter um blog da turma. Porque não tem sentido a turma ter dois blogs assim, nesse sentido de competitividade. Porque você percebe que foi um dos alunos que sugeriu e aí alguns o seguiram. Durante as aulas é assim também. Ele incita essa competitividade. Já conversei com ele. Tentei dialogar sobre essa rivalidade que me incomoda muito, mas não deu resultado e acho que o fato de criarem dois blogs só vai ampliar isso.*

De fato notei que o aluno em questão era um líder e que se destacava entre os outros, mas durante as postagens do *blog* essa rivalidade foi deixada de lado, mesmo porque ele não sabia como inserir imagens no *blog* e pediu ajuda para o grupo “rival”, no que foi prontamente atendido. Uma característica desse aluno e dos que com ele formaram o grupo do *blog* Gente Inteligente era o gosto por esportes, principalmente futebol. Creio estar aí uma ótima maneira de se trabalhar com eles. Na postagem inicial do *blog* eles afirmam que

*O Blog Gente Inteligente foi criado por alunos do 7º ano A do Colégio de Aplicação João XXIII em Juiz de Fora, Minas Gerais. Ele é um blog literário, mas irá falar de várias coisas novas e em uma linguagem bem jovem. Não irá falar só de literatura, mas de esportes, notícias etc... Será bem interessante.*

Percebe-se que os alunos tinham a compreensão de que se tratava de um *blog* literário, inserido num contexto escolar, mas ao mesmo tempo fazem questão de demonstrar ser esse *blog* *deles* e que, portanto, não falaria só de literatura, mas também de esportes. A minha questão é: não podemos falar de futebol usando a literatura? Vários autores da literatura brasileira possuem crônicas, poemas e outros textos sobre a chamada “paixão nacional”.

Percebo então que o professor, para ser realmente mediador, necessita estar atento, perceber os avanços, mas principalmente observar o que Vygotsky (2001) trata: os limiares da aprendizagem. Embora concorde que o desenvolvimento pressupõe amadurecimento, afirma que:

A questão das funções amadurecidas permanece em vigor. Cabe definir sempre o limiar inferior da aprendizagem. Mas a questão não termina a, e devemos ter a capacidade para definir também o limiar superior da aprendizagem. Só nas fronteiras entre esses dois limiares a aprendizagem pode ser fecunda. Só entre elas se situa o período de excelência do ensino de uma determinada matéria. A pedagogia deve orientar-se não no ontem, mas no amanhã do desenvolvimento da criança. Só então ela conseguirá desencadear no curso da aprendizagem

aqueles processos de desenvolvimento que atualmente se encontram na zona de desenvolvimento imediato. (VYGOTSKY; 2001, p.333)

No caso da professora Carla, penso que um dos principais motivos pelos quais a professora não conseguiu retomar o trabalho com os *blogs* literários após as férias foi que realmente ela não sentiu o trabalho como seu. Durante todo tempo ela se referia aos *blogs* como um trabalho **da pesquisa, da pesquisadora**. Embora faça uso de signos e instrumentos produzidos socialmente (a linguagem, a escrita, os conteúdos didáticos previstos no currículo programático da disciplina, livros, etc) na interação com seus alunos, não conseguiu enxergar sua prática como mediadora. Ainda que reflita sobre essa prática e consiga inclusive apontar onde julga que não conseguiu atingir os alunos, não houve de fato uma mudança nela. A professora preferiu continuar suas aulas expositivamente o que se refletiu nos *blogs*. Sem a mediação da professora os alunos desanimaram e não prosseguiram o trabalho.

No *Blog* de Língua Portuguesa, desenvolvido pelos alunos dos oitavos anos, a mediação da professora foi fundamental. Um trabalho que começou com muitas desconfianças, afinal estariam dividindo o *blog* com alunos do primeiro ano, bem mais velhos e experientes, a partir das intervenções da professora foram adquirindo confiança e passaram a escrever com mais entusiasmo, como narra a professora:

**Joseli:** [...] *Quando eu disse que ia dividir o blog com os alunos do primeiro ano eles ficaram um pouco preocupados. “Eles vão ler nossos textos?”. Aí eles ficaram preocupados, mas mesmo assim eu senti um empenho e todos querem ver seu texto publicado.*

Outro ponto que demonstra que a professora estava atenta ao seu papel foi no momento de decidir o que seria postado no *blog*. Embora tenha planejado com os alunos que seriam postados trabalhos dentro do que estavam trabalhando na disciplina, (diário de leitura, charge, crônicas, cartuns, textos argumentativos e textos humorísticos). (quando alguns alunos manifestaram o desejo de resenhar filmes que haviam assistido a professora prontamente acatou a sugestão e incluiu no *blog*).

**Joseli:** *A gente tinha organizado o trabalho da seguinte maneira: eu elenquei alguns temas no quadro e aí eles se dividiram em grupo e cada grupo escolheu um tema. A partir desta escolha, dentro dos assuntos de Língua Portuguesa: charge, crônicas, cartuns, textos humorísticos de maneira geral, textos polêmicos. Nós estamos estudando textos argumentativos, então pudemos aproveitar um texto que eles já tinham escrito. Que foi sobre*

*internet. Tinha ainda uma crítica sobre um filme que assistimos. Esses textos foram aproveitados. Alguns alunos que gostam muito de filmes me pediram se não podiam fazer resenha de filme. Na verdade eles diziam comentários, não sabiam ainda o que era resenha. Então eu elenquei mais esse item.*

A professora aproveitou-se de uma questão de interesse dos alunos (o filme), e trabalhou na Zona de Desenvolvimento Imediato para alcançar um conceito que ainda não dominavam (resenha). Apostou no aprendizado futuro. Não se manteve presa àquilo que já conheciam e não se preocupou com o fato de ainda não ter trabalhado resenha com os alunos. Para Vygotsky o conceito espontâneo se expande e se enriquece na medida em que é alimentado pelo científico.

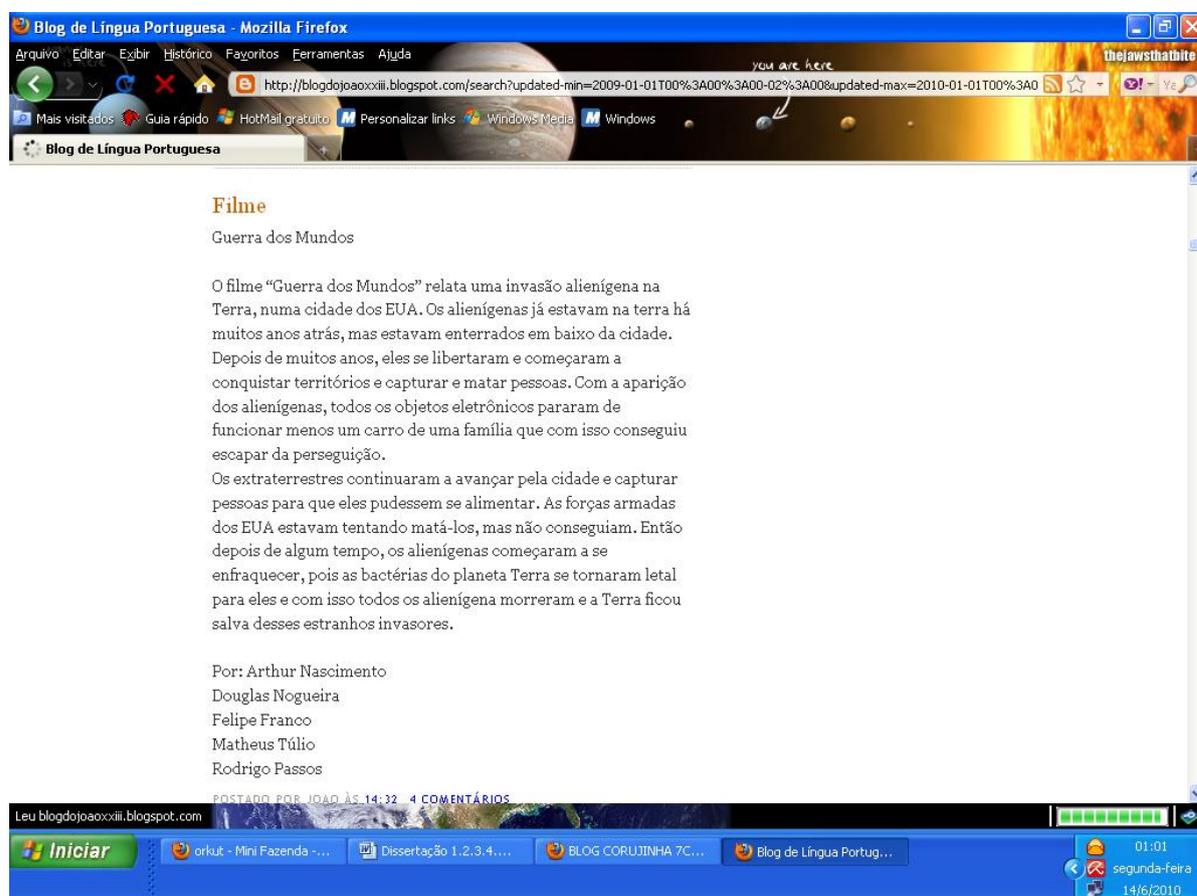


Figura 44: Resenha do filme “A guerra dos mundos”

Se é pela intervenção do outro que o aluno chega ao novo conhecimento, além da mediação do professor, outra forma de mediação humana possibilitada pelos *blogs* literários é a mediação dos colegas ou de leitores mais experientes. No caso dos *blogs* literários

construídos no Colégio de Aplicação João XXII, o tempo da pesquisa não foi suficiente para percebê-la com mais profundidade, mas foi possível através da fala das professoras e dos comentários postados nos *blogs* que o simples fato de saber que outra pessoa além do professor poderia ler seu texto já despertou nos alunos o cuidado com a escrita, a preocupação com o que escrever e ainda o desejo de ser lido por muitos.

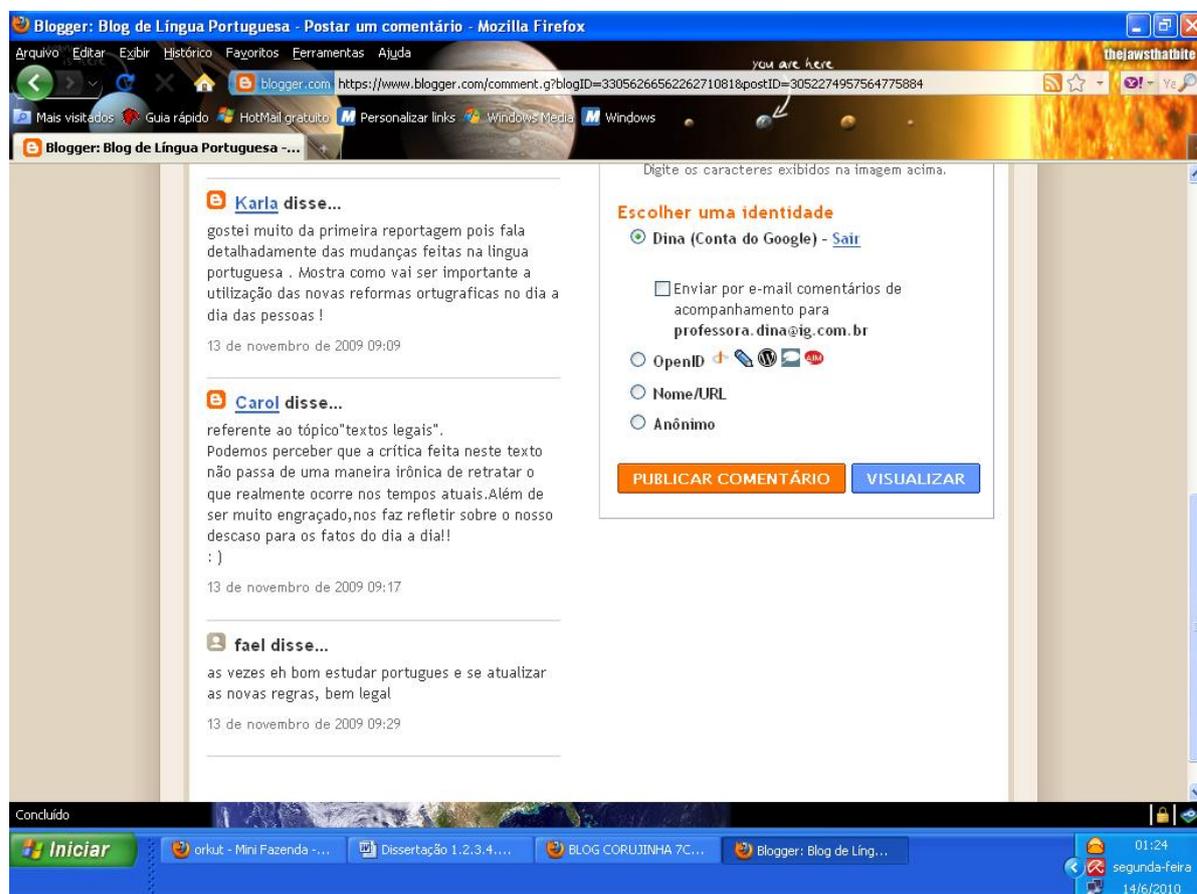


Figura 45: Comentários sobre texto informativo

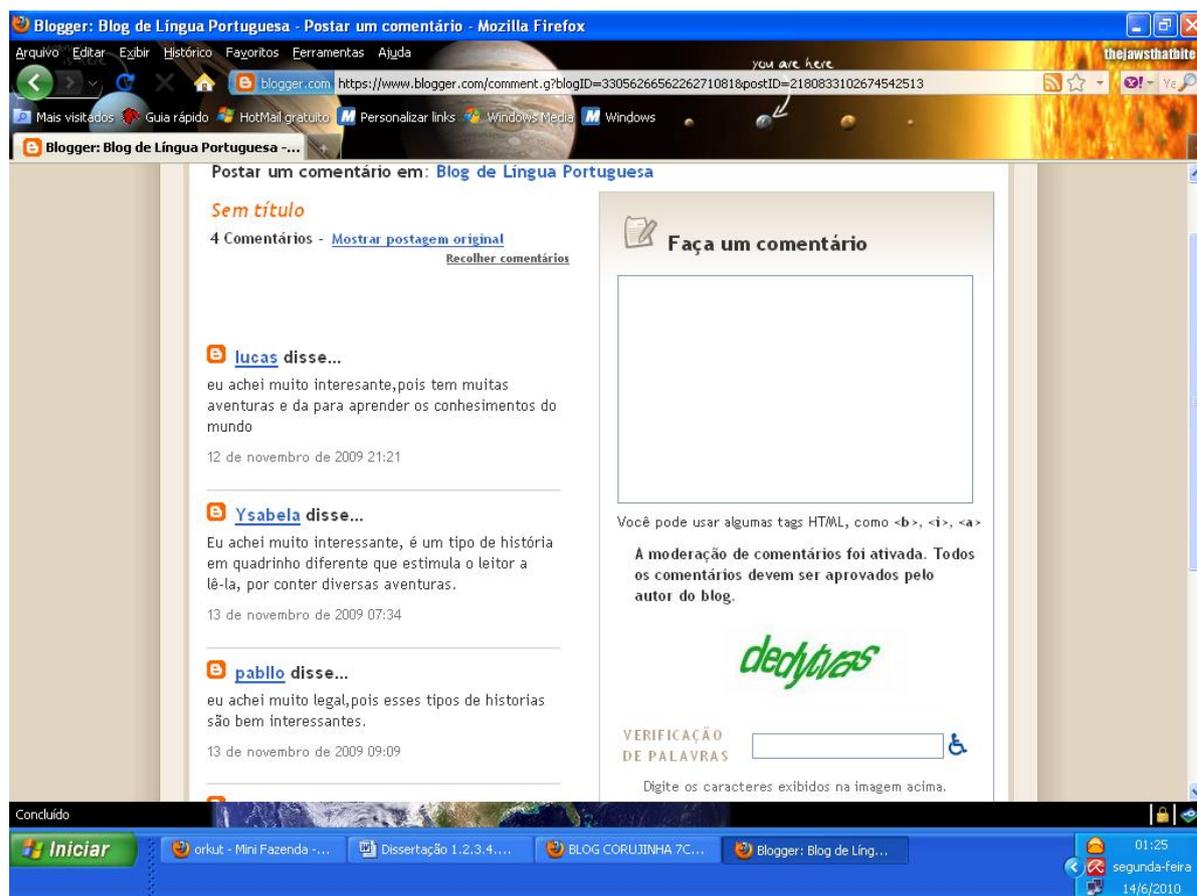


Figura 46: Comentários sobre a história em quadrinhos **The Umbrella Academy, Suíte do Apocalipse - Gerard Way e Gabriel Bá.**

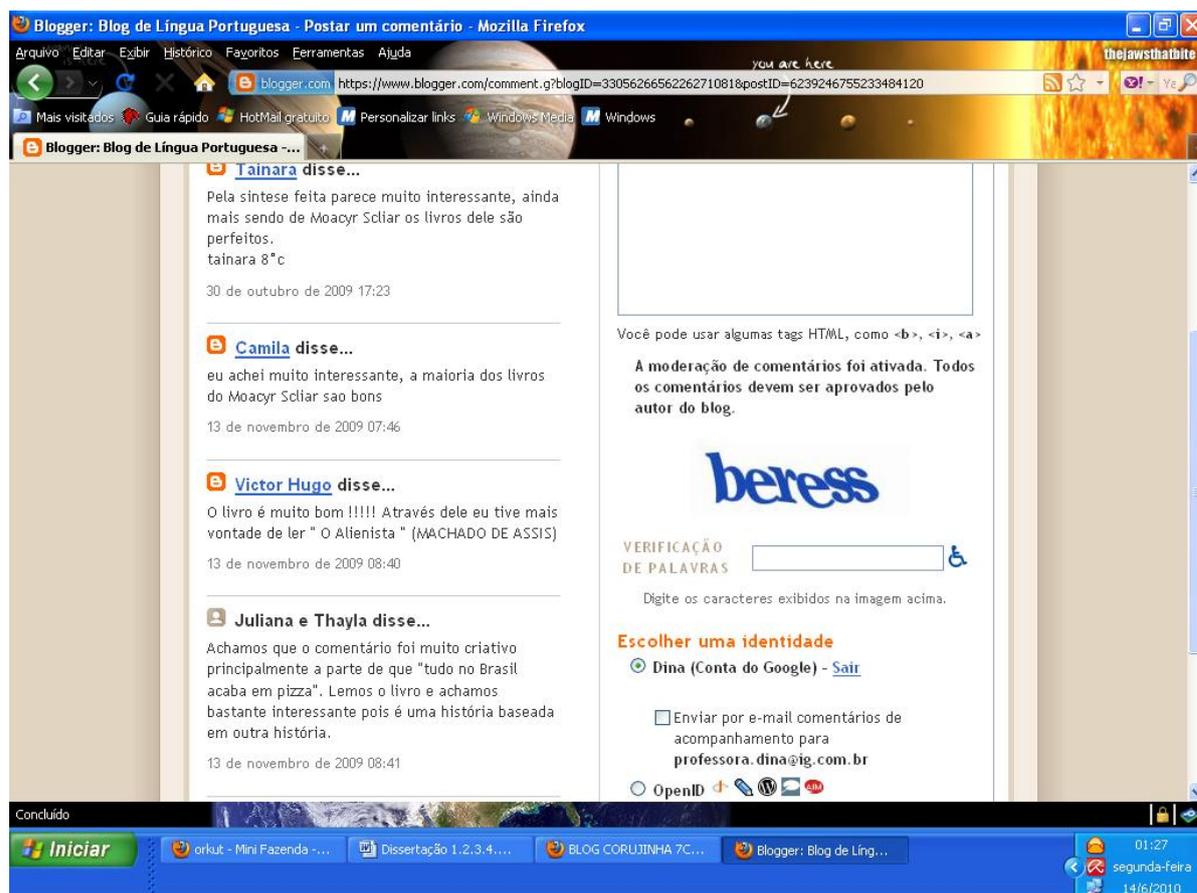


Figura 47: Comentários sobre a postagem Comentário sobre o livro Mistério da Casa Verde de Moacyr Scliar

A professora Joseli sentiu a diferença nos alunos a partir dos comentários dos colegas:

**Joseli:** *Quando um colega ou outro comentava era fantástico. Eles se sentiam muito valorizados, quando viam que o texto tinha outros comentários. Os textos deles tinham comentários de outros colegas de turma e até de outras turmas. Você via o entusiasmo que eles ficavam ao ver que não só a turma, mas outras pessoas podiam estar lendo os textos deles.*

Além da mediação humana Vygotsky destaca a mediação do instrumento. Esta pesquisa parte da concepção do computador e da internet como instrumentos culturais de aprendizagem. Essa concepção parte da compreensão de Freitas (2009) de que estes são instrumentos de linguagem, leitura e escrita, constituindo-se ao mesmo tempo como instrumento material e simbólico.

Partindo da idéia de instrumento técnico e simbólico em Vygotsky, vejo que, além de um instrumento técnico, o computador pode também ser considerado simbólico. Para Duran (2008), o computador é um objeto físico, o *hardware*,

mas ele também tem uma dimensão simbólica, pois seu funcionamento depende do *software*, a parte lógica que coordena suas operações.

[...] Como instrumento informático o computador é um operador simbólico, pois seu próprio funcionamento depende de símbolos. Seus programas são construídos a partir de uma linguagem binária. Para acioná-lo, temos que seguir instruções escritas na tela, movimentando o mouse entre diferentes ícones ou usando o teclado (com letras e números) para redigir instruções e colocá-las em ação. A navegação pela internet é toda feita a partir da leitura e da escrita. É lendo e escrevendo que interagimos com pessoas à distância através de e-mail, ou de bate papos em canais de *chats* ou participamos de comunidades como o Orkut. É lendo/escrevendo que navegamos por sites da internet num trajeto hipertextual em busca de informações ou entretenimento. (FREITAS, 2009)

No caso dos *blogs* literários percebo que essa que essa dimensão simbólica se amplia, afinal, o que é a literatura senão a linguagem? Ao mesmo tempo, não deixa como já discutido pela autora acima citada, de ser um instrumento material: para realizar uma postagem é preciso que eu localize o *link* do *blog*, digite meu *login* e minha senha de acesso e poste o texto ou o que mais eu desejar (fotos, desenhos, pinturas, etc).

É a partir da leitura e da escrita que os alunos publicam e interagem nos *blogs* literários, o que, a meu ver fazem com que eles se constituam um espaço perfeito para o professor de Língua Portuguesa desenvolver um trabalho profícuo no sentido de formar alunos leitores e autores.

O *blog* ainda permite o que Vygotsky denomina de aprendizagem colaborativa. As professoras ao trabalharem com seus alunos a escrita e a publicação, puderam aprender com eles como encontrar fotos em sites ou ainda como postar fotos e imagens nos *blogs*. Ao mesmo tempo em que ensinavam, também aprendiam.

No trabalho com os *blogs* literários no Colégio de Aplicação João XXIII ficaram muito claras algumas questões que ainda se fazem presentes na escola: a dificuldade dos professores em trabalhar com o computador/internet como instrumento cultural de aprendizagem, a necessidade de a escola ter uma proposta política pedagógica que efetivamente garanta a presença desses instrumentos nas disciplinas e viabilize o trabalho do professor para que ele as utilize e principalmente, que o professor tenha em mente que o trabalho com a formação de alunos autores é uma construção que demanda tempo, dedicação e, sobretudo atenção.

Alguns desses aspectos se encontram na fala da professora Cristina:

**Cristina:** *Eu acho que primeiro o professor tem que aprender melhor a usar essa ferramenta em sala de aula. É a primeira coisa. Porque eu não acho que os professores, ainda, de todas as disciplinas estão preparados para isso. Então o professor, eu vejo também aqui na escola,*

*o professor de Matemática praticamente é o dono da sala de computadores. A Matemática já está usando muito o computador. No caso de Português, eu acho que ainda precisa de um preparo maior do professor, um planejamento voltado para isso, para que ele possa realmente colocar o computador como seu instrumento de trabalho, com os meninos. Porque não tem só a literatura para você trabalhar com o computador. Você pode trabalhar com programas de reescrita de texto, eu acho muito interessante trabalhar assim com os meninos. Talvez eles até se motivem mais a reescrever um texto no computador que com lápis ou caneta.*

**Pesquisadora:** *O que você acha que falta ao professor para isto?*

**Cristina:** *Em primeiro lugar a própria motivação do professor. Acho que falta o próprio professor que quer usar o computador como instrumento de trabalho. E depois ele buscar caminhos que possam ajudá-lo. Usar o computador, mesmo, como auxílio no seu trabalho. Então primeiro, ele querer, segundo ele saber utilizar.*

Nesse momento da entrevista surge uma questão importante já apontada por muitos pesquisadores: a limitação da escola. Mesmo se tratando de uma escola muito bem equipada, o Colégio ainda não possui uma política voltada para o uso do computador. Os professores que utilizam a Sala de Telemática ou o INFOCentro para desenvolver conteúdos em suas disciplinas o fazem de forma quase isolada, com exceção dos professores de Matemática. Não há uma proposta **do colégio** para tal e isso é corroborado pelas palavras da professora Cristina.

Ao ser indagada sobre como o professor poderia aprender a usar o computador como instrumento de trabalho, ela aponta algumas possibilidades, mas ressalta as limitações que ainda encontra em seu dia-a-dia.

**Pesquisadora:** *Mas esse saber (utilizar o computador), pra você, passa por onde?*

**Cristina:** *Ah, por busca de informação, de artigos, de programas que ele possa usar em sala de aula. Agora, precisa também que ele tenha condições de fazer isso na escola. Porque não adianta eu passar uma atividade para os alunos fazerem em casa, não são todos que possuem computador. Por exemplo, nessa turma que eu trabalhei esse ano, cinco não tinham. Pode parecer pouco num universo de trinta e cinco, mas ao mesmo tempo é uma limitação. Então eu tenho que poder usar o computador da escola. Agora, com o número de salas aqui do colégio a gente só consegue usar o computador uma vez por semana. Eu acho inviável.*

Entretanto, mesmo com todas as dificuldades apontadas pela professora, reconhece que atualmente muitos professores estão utilizando o computador/internet em suas aulas, o que a meu ver já demonstra uma evolução a partir do que as pesquisas realizadas por outros membros do LIC observaram. Mesmo o INFOCentro, que antes era utilizado pelos alunos como uma *lan-house*, já comporta alguns módulos de ensino, como atesta a professora:

**Cristina:** *Nós vamos continuar tendo dificuldades, pois o número de utilizações da Sala de Telemática é muito grande.*

**Pesquisadora:** *Interessante. Nas pesquisas anteriores do LIC foi constatado que quem mais utilizava era o grupo de professores de Matemática.*

**Cristina:** *Não. Está todo mundo usando. Na quinta-feira eu trabalho o módulo de literatura afro-brasileira e às vezes quero ir pra Sala de Telemática, mas dificilmente consigo. Está sempre cheia, tem sempre gente marcada.*

**Pesquisadora:** *E o INFOCentro?*

**Cristina:** *O INFOCentro tem o grande problema de não ter caixa de som. Nem drive para CD ou pendrive.*

**Pesquisadora:** *Então fica mais para a navegação dos alunos?*

**Cristina:** *Normalmente era para isso, mas agora alguns professores que trabalham com módulos estão usando o INFOCentro. Eu já vi a professora de Ciências. Como é uma turma de dez, doze alunos, lá comporta.*

Também a professora Joseli ressaltou a importância fundamental do trabalho do professor e algumas dificuldades encontradas:

**Pesquisadora:** *E se você fosse situar? Você acredita que essa questão do trabalho com o computador/internet nas aulas de Língua Portuguesa depende mais da escola, dos alunos, do professor? Quem você acredita que é a figura central nesse processo?*

**Joseli:** *Eu acho que é o professor, sem dúvida. Mas eu acho que o professor sozinho, sem uma infra-estrutura da escola, por exemplo, não consegue. Agora tem que partir de uma elaboração do professor e até de uma habilidade. Porque se o professor não tem nenhuma habilidade... Eu tenho muito pouca habilidade com o recurso tecnológico, mas eu vejo a importância desse instrumento.*

No fim de meu trabalho com as professoras do Colégio de Aplicação João XXIII me restou ainda uma angústia. A sensação de que alguma coisa não havia dado certo, já que eu não conseguira de fato envolver a professora Carla no trabalho com os *blogs* e que o *blog* construído com a professora Cristina ficara com poucas postagens, mas as palavras da professora Joseli me trouxeram uma grande lição.

**Joseli:** *Eu acho que o blog é uma contribuição, mas em longo prazo. Eu estou tentando. Aprendendo a ser um pouco menos ansiosa com essas questões, porque ao corrigir uma reescrita, por exemplo, quando eu envio o texto, faço todos os apontamentos e mesmo assim eles me reenviam com problemas que apontei a princípio isso me deixava desconcertada. “Será que não expliquei direito”, “Ah! Meu Deus, onde eu errei?” Mas eu sei que é um processo, que o menino mesmo eu tendo apontado dez problemas, tenha explicado cada um deles, que tenha feito um bilhete, ele apenas compreendeu três deles. Então eu acho que é um processo e que o blog contribui. Eu acho que ele é mais um instrumento de hoje para despertar nesses meninos um interesse pela leitura e pela escrita.*

Ao retornar ao Colégio em 2010 para me despedir das professoras, agradecer por tudo e combinar uma devolutiva da pesquisa tive a grata surpresa de saber que Cristina e Joseli estão combinando a retomada do trabalho com os *blogs*. Senti então que minha pesquisa deixou algumas sementes que com o processo de germinação quem sabe? Tornar-se-ão frutos.

## Última postagem: uma resposta provisória e a possibilidade de novos diálogos

*Todas as formas ainda se encontram em esboço,  
Tudo vive em transformação:  
Mas o universo marcha  
Para a arquitetura perfeita.  
Retiramos das árvores profanas  
A vasta lira antiga:  
Sua secreta música  
Pertence ao ouvido e ao coração de todos.  
Cada poeta que nasce acrescenta-lhe uma corda.*

Murilo Mendes

A essa altura o caro leitor certamente já sabe *o quanto eu caminhei para chegar até aqui...* Conheceu no decorrer do texto desta dissertação o *esboço* de minha forma, *transformação* de professora e coordenadora pedagógica em professora/coordenadora pedagógica/ pesquisadora.

Aqui pretendo sintetizar provisoriamente essa minha *transformação* em busca não da *arquitetura perfeita* proposta por Murilo Mendes em seu Poema Dialético, mas em busca de algumas respostas para minhas questões. Tenho claro, assim como o poeta juiz-forano que “*uma vida iniciada há mil anos pode ter seu complemento e plenitude numa outra vida que floresce agora*” e que, portanto, minhas hoje respostas se abrirão a *outros poetas*, pesquisadores, interlocutores que lhe acrescentarão *cordas*, questões, contrapalavras...

Ao buscar o entrecruzamento dos três eixos em que a literatura aparece em minha narrativa de vida (pessoal, acadêmica e profissional) e por cada dia mais acreditar nas possibilidades de produção escrita oferecidas pelo computador/internet e em especial, pelos *blogs* literários, empreendi esta pesquisa no Colégio de Aplicação João XXIII com três professoras de Língua Portuguesa.

Minha intenção inicial, produto do meu olhar de coordenadora pedagógica e de minha vivência como professora das séries iniciais era “oferecer” aos professores uma forma de se trabalhar com os *blogs* literários nas aulas de Língua Portuguesa. Entretanto não desejava fazer disso uma “receita”, afinal sempre tive muito clara a singularidade do ser humano e nunca acreditei em “receitas milagrosas” ou “modelos didáticos” que pudessem ser aplicados a qualquer realidade.

O aprofundamento teórico, a vivência da pesquisa e principalmente o olhar extraposto de minha banca de qualificação delinearam finalmente o que era apenas o esboço de meu desejo de pesquisa. A partir disso cheguei à minha questão:

**Compreender, junto a três professoras do Colégio de Aplicação João XXIII, de que maneira os blogs literários podem se constituir como uma possibilidade de formação do aluno-autor no processo de produção escrita no interior das aulas de Língua Portuguesa.**

Ao investigar minha questão tinha muito claro que não desejava apenas observar e analisar o trabalho das professoras, mas sim, de ter com elas encontros e em um processo dialógico estabelecer uma relação onde pesquisadora e pesquisada tivessem voz e assumissem uma atitude responsiva ativa. Preocupava-me, além disso, reconhecer as professoras participantes como companheiras de caminhada na Educação. Companheiras que traziam uma bagagem de vivências, saberes, experiências e valores alguns comuns aos meus, outros não. Interessava-me olhá-las ainda em suas fragilidades, angústias, dúvidas e incertezas, várias delas muito próprias da atividade pedagógica e com as quais sempre convivi diariamente em minha vida docente.

Pareceu-me natural então que optasse pela teoria histórico-cultural, escolhendo como interlocutores principais Mikhail Bakhtin e Lev S. Vygotsky, já que a perspectiva desses autores me permitia considerar o homem como

[...]. um indivíduo inserido em um contexto sócio-histórico e que, em sua atividade, mediada pelos objetos construídos pela humanidade em relação com outros homens, constitui-se como ser humano. (ALTENFELDER; 2010, p.140)

Para buscar nos eventos, nas singularidades, nas unicidades dos atos dessa caminhada possíveis respostas para minha questão não pude deixar de pensar outras questões norteadoras:

- ✓ **Que relação as professoras estabelecem entre ensino / aprendizagem / literatura / internet?**
- ✓ **Como percebem a criação literária através dos blogs?**
- ✓ **Como vêem a participação do professor de Língua Portuguesa no processo de formação do aluno-autor?**

A partir da questão central e também das questões norteadoras, me propus alcançar os seguintes objetivos específicos:

- ✓ **Analisar com as professoras alguns blogs literários presentes na rede;**
- ✓ **Construir com as professoras e seus alunos um blog literário para cada turma;**

- ✓ **Refletir com as professoras sobre o trabalho com os blogs literários e as possibilidades de autoria dos alunos por eles suscitadas;**
- ✓ **Suscitar nas professoras uma reflexão que possa gerar uma ação pedagógica sobre as possibilidades de uso dos blogs literários no processo de formação do aluno-autor.**

Na tentativa de atingi-los e coerente com o referencial teórico que elegi para dialogar na construção de minha pesquisa, optei pela observação mediada, quando não me limitei a observar as professoras em suas tarefas diárias seja na sala de aula, na relação com os alunos e com outros integrantes da equipe do Colégio, mas busquei *participar do evento observado e constituir-me parte dele* (Freitas; 2003, p.32). Para tanto “mergulhei” na vida do Colégio, percorri suas dependências, misturei-me aos alunos no recreio, participei dos cafés das professoras no Departamento, discuti com elas seus planejamentos e ações.

Já a partir dessas observações mediadas pude perceber que as professoras escolhidas para fazer parte da pesquisa compreendiam, pelo menos teoricamente o papel do computador/internet no processo de ensino/aprendizagem da literatura nas aulas de Língua Portuguesa. Todas manifestaram o **desejo** de que esse instrumento cultural de aprendizagem fizesse parte do processo pedagógico de suas disciplinas.

Ao observarem alguns blogs literários presentes na rede puderam constatar que estes são espaços muito democráticos de difusão de literatura: coexistem pacificamente na rede *blogs* de autores consagrados e de “ilustres” desconhecidos. Perceberam também que os *blogs* literários são um gênero discursivo onde podem coexistir outros gêneros como: poesia, crônica, opinião, e que essa diversidade pode oferecer aos alunos uma oportunidade de conhecerem as formas como esses gêneros se formam, se cruzam, entrecruzam e transmutam.

A construção dos blogs com os alunos representou uma forma dialógica de reflexão e reformulação. Não só das professoras participantes da pesquisa, mas também minhas enquanto professora e coordenadora pedagógica e, sobretudo de pesquisadora. Participar do processo de construção dos blogs dos alunos me fez ter um olhar extraposto sobre a atividade docente. Foi um processo de olhar para a realidade do “outro” e me colocar ali, mas ao mesmo tempo foi uma forma de aguçar meu olhar de pesquisadora que estava ali para estudar aquele processo.

Ao voltar às notas de campo, anotações e transcrições das entrevistas para descrever minha experiência no campo, necessitei ter um exercício de olhar para todo o material e, a partir dele, encontrar possíveis respostas para minha questão. Constatei então que estas não se

apresentam tão facilmente. Pesquisar é um processo de contínuo de (des) construção. Um constante *esboço*.

Observar as dificuldades cotidianas das professoras, as relações que estabeleceram durante o trabalho na Sala de Telemática, as angústias diárias, as pequenas descobertas, o entusiasmo com o trabalho nos blogs, me fazia a todo o momento questionar e refletir sobre minha própria prática pedagógica, sobre meu olhar docente.

Foi ainda na construção dos blogs que o conceito de aprendizagem colaborativa de Vygotsky se fez muito presente. Os alunos sabiam perfeitamente em que site deveriam entrar, como recolher fotos, ilustrações e de certa forma, “dominavam” o processo de postagem dos textos. As professoras então se tornaram “aprendentes”: conheceram, pelas mãos de seus alunos, algumas ferramentas da internet. Ao mesmo tempo ofereciam a eles suas contrapalavras através das correções e do conteúdo disciplinar de Língua Portuguesa.

Os alunos por sua vez, integrantes da chamada *Geração Google*, e que *têm a literatura universal ao alcance de um clique, mas ainda não sabem o que fazer com tanta informação*<sup>81</sup>, puderam perceber que ao utilizarem o computador/internet em sua vida cotidiana para se relacionarem no Orkut, no MSN, estão utilizando a escrita e a leitura e ainda que podem ser escritores e publicarem seus escritos. Abriu-se ainda para eles o contato com obras consagradas da literatura, como Luís de Camões para os alunos do Ensino Médio e José Lins do Rego no oitavo ano. Coube às professoras aproximar estas obras, por vezes escritas numa linguagem que os jovens não conhecem, da vida de seus alunos. Nesse momento trabalharam a informação e o que fazer com ela.

A postagem dos trabalhos nos blogs abriu outras possibilidades de utilização do computador/internet como instrumento cultural de aprendizagem: os alunos precisaram utilizar os processadores de texto para digitarem seus trabalhos e ainda o e-mail para enviá-los para a professora.

No decorrer da pesquisa e da realização das entrevistas dialógicas (que pressupunham duas consciências, dois sujeitos e onde no diálogo com as pesquisadas, eu pesquisadora, opunha minha contrapalavra e nessa corrente de comunicação buscávamos construir sentidos) pude perceber mudanças.

As professoras perceberam que os *blogs* literários constituem-se uma possibilidade de escrita autoral de seus alunos, já que, no decorrer das postagens notaram que os mesmos, ao

---

<sup>81</sup> Fala do jornalista Bolívar Torres em reportagem sobre o desafio da escola em lidar com as novas tecnologias e todas as informações que elas trazem aos jovens. (Revista Domingo do Jornal do Brasil de 16 de agosto de 2009)

terem seu auditório ampliado para além do professor com a possibilidade de publicação ilimitada proporcionada pela internet, se empenharam mais na escrita, passaram a desejar as atividades escritas e apresentaram textos mais próprios, mais dotados de autoria. Já buscavam atingir não só o professor, mas seus pares e ainda uma platéia imaginária constituída de outros “navegantes” da rede.

Essa interação com interlocutores diversos contrapõe-se dialogicamente à concepção baseada na linearidade da educação escolar formal onde muitas vezes leitura e escrita possuem um único auditório: o professor.

El orador que escucha su propia voz, o el profesor que vê solo su manuscrito, es un mal orador, un mal profesor. Ellos mismos paralizan la forma de sus enunciaciones, destruyen el vínculo vivo, dialógico, con su auditorio, y con eso restan valor a su intervención (BAKHTIN/VOLOCHINOV; 1993 p.251).

Nesse movimento duas professoras se identificaram mais com o trabalho, sendo que uma conseguiu “driblar” melhor as dificuldades cotidianas. Lidar com a máquina, desprender um tempo maior para correção das tarefas afim de que a devolutiva para os alunos acontecesse em tempo hábil, garantir que todos tivessem seus trabalhos publicados foram desafios diários que ela se propôs vencer. Outros como a falta de um trabalho político pedagógico do Colégio no sentido de garantir a presença do computador/internet nas disciplinas e ainda de um trabalho interdisciplinar que possibilite aos alunos e professores dialogar e utilizar todas as potencialidades que esses instrumentos podem oferecer ainda estão por ser discutidos e enfrentados.

Pudemos então compreender a questão da mediação do professor no sentido discutido por Vygotsky onde o professor, enquanto figura mais experiente da disciplina de Língua Portuguesa e responsável por trabalhar com os alunos a língua culta e as normas que regem o ensino dela, pode, utilizando-se da mediação do instrumento computador/internet possibilitar uma aprendizagem que, partindo do que o aluno conhece e já lida na sua vida cotidiana trabalhar na sua Zona de Desenvolvimento Imediato e “potencializar” o desenvolvimento de uma escrita ao mesmo tempo mais prazerosa, significativa e autoral.

Cabe ressaltar que a expressão prazerosa não é aqui utilizada no sentido que comumente aparece em determinados textos sobre o ensino da escrita e da leitura. Algumas tendências educacionais a meu ver banalizaram a função da escola e principalmente a função estética e lúdica que o ensino deve ter. O aprendizado da escrita não se constitui em uma atividade “natural”, mas que demanda esforços de ordem cognitiva e que requer trabalho, disciplina e estudo.

Partilho da convicção teórica de Vygotsky de que o processo de aprendizagem evolui dos conceitos espontâneos para os conceitos científicos e que estes estão interligados por complexos vínculos internos e que o papel da escola, aqui entendida como instância de letramentos, deve ser.

[...] ampliar ao máximo os âmbitos da experiência pessoal e limitada, estabelecer contato entre o psiquismo da criança e as esferas mais amplas da experiência social já acumulada, como que incluir a criança na rede mais ampla possível da vida. (VYGOTSKY; 2001, p.351)

Cabe destacar que esse processo não é visto como linear, no qual para que um conceito se firme é necessário que o outro desapareça, mas em forma de espiral ascendente cujo crescimento deve ser estimulado pelo professor.

Resgato assim a função primordial do professor, não como “facilitador” do processo de aprendizagem, mas como um profissional que, partindo da realidade de seus alunos, daquilo que eles conhecem e vivenciam, planeja e estabelece objetivos, unindo arte e vida, ética, estética e técnica. Nesse aspecto posso dizer, a partir das reflexões estabelecidas durante as entrevistas dialógicas, que duas das professoras participantes da pesquisa puderam ao longo do trabalho com os *blogs* literários, ampliar a sua forma de pensar e agir quanto ao uso do computador /internet como possibilidade de autoria na escrita dos alunos nas aulas de Língua Portuguesa. Mesmo que para uma delas essa ampliação ainda não tenha se concretizado de forma efetiva no *blog*, resultou na proposta efetiva de no ano de 2010 construir um *blog* literário com outra turma.

Outro aspecto importante a destacar foi à constatação de que a realização da pesquisa permitiu que as professoras pudessem efetivamente vencer algumas limitações quanto ao uso do computador/internet como instrumento cultural de aprendizagem. Ficou muito claro ainda que não bastam somente a oferta de máquinas, o suporte de bolsistas, um número maior de máquinas na Sala de Telemática: há que se pensar **coletivamente** como a escola pode possibilitar a inserção desses instrumentos no cotidiano das disciplinas.

Creio ser importante apontar que não faço uma defesa do computador/internet como panacéia de problemas que afetam a escola e o desempenho dos alunos, mas reafirmo a importância da utilização de um instrumento que é familiar a eles e pode auxiliar o professor de todas as áreas e em particular o de Língua Portuguesa, a desenvolver estratégias de ensino que de fato tornem os alunos “sujeitos autônomos” e ousos acrescentar, “sujeitos autores”.

Ao terminar essa etapa de meu processo de constituição em “sujeito pesquisadora”, compreendo que **os blogs literários podem se constituir como uma possibilidade de**

**formação do aluno-autor no processo de produção escrita no interior das aulas de Língua Portuguesa**, mas partindo do professor. É o seu trabalho, o planejamento para que os alunos tenham acesso a um espaço (*blog* literário) onde não só possam ampliar seu auditório de leitores, como tenham a satisfação de ver seus textos publicados e ainda possam, através do trabalho coletivo e colaborativo propiciado pelos recursos que o *blog* oferece, reestruturá-los, reescrevê-los, reafirmá-los.

O *blog* literário *favorece a escrita coletiva, formando autores, co-autores, leitores assíduos e alunos mais envolvidos com a leitura e a escrita*. (FORTUNATO; 2009 p.153), mas somente se os alunos tiverem maior liberdade de expressão. Para tal é necessário que o professor, consciente do seu papel de mediador, esteja atento aos interesses de seus alunos e os auxilie no desenvolvimento de habilidades fundamentais para a construção de uma escrita autoral: a independência, a autonomia e a capacidade argumentativa. Exige ainda que o professor abandone o antigo papel de “*fornecedor de textos*”, o que tem o controle do debate e o poder de “dar a nota” e passe a ser mais *um orientador que, embora avalie e dê nota no blog, na prática deixa de ser o leitor alvo dos textos*. (FORTUNATO; 2009 p.154)

Responder à minha questão não se constituiu uma tarefa simples como eu pensava ao escrever meu anteprojeto para concorrer a uma vaga no mestrado. Não foi um processo fácil me tornar pesquisadora. Como no poema de Murilo Mendes que usei na epígrafe destas considerações ora finais, “*um germe foi criado no princípio para que se desdobre em planos múltiplos*”. O processo iniciado com minha entrada no mestrado, passando por minha inserção no Colégio de Aplicação João XXIII, meu campo de pesquisa, o “com-viver” com as professoras, o perceber nelas muitas das minhas angústias e indecisões quanto à tarefa de ser professora me levou muitas vezes a agir como um espelho que apenas refletia o que via. Desenvolver a exotopia no sentido bakhtiniano do termo e olhá-las mais de fora para que pudesse analisar suas falas, suas ações no trabalho com os *blogs* literários exigiu um grande esforço que afinal resultou na dissertação que ora apresento. Resta-me agora aguardar...

Algumas angústias ficaram sem resposta ou não “couberam” no espaço específico dessa pesquisa. Se uma antiga queixa dos educadores vem da falta de condições de trabalho com a tecnologia, como numa escola tão bem aparelhada ainda esbarramos em professores que preferem reduzir seu espaço de ensino/aprendizagem à sala de aula? Como garantir que haja tempo e espaço para a experimentação dos alunos se a preocupação central do currículo escolar é a preparação para o vestibular? Porque professores que utilizam as tecnologias em seu dia-a-dia, reconhecem a importância do computador/internet como instrumento de

aprendizagem e estão sempre atualizados em suas leituras não conseguem **efetivamente** introduzi-los em suas aulas?

Como no poema de Murilo, *meus suspiros, meus anseios, minhas dores são gravados no campo do infinito*. A resposta à minha questão é muito provisória. Certezas sempre o são! Murilianamente é *necessário conhecer seu próprio abismo e polir sempre o candelabro que o esclarece*. Meu texto se abre a novos diálogos... Outras palavras e contrapalavras. Afinal,

Não há palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos *do passado*, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão de forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. **Questão do grande tempo**<sup>82</sup>. (BAKHTIN; 2003, p.410)

## REFERÊNCIAS

---

<sup>82</sup> Grifo meu.

ABRÃO, Jorge Antonio de Moraes. Interação no meio virtual: a constituição de múltiplos gêneros no ambiente *blog*. **Língua, Literatura e Ensino**, Campinas, p.11-15, maio 2007. Disponível em: <[www.iel.unicamp.br/revista/index.php/lle/article/view/33](http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/lle/article/view/33)>. Acesso em: 12 jul. 2009.

ALTENFELDER, Anna Helena. **O papel da Olimpíada de Língua Portuguesa**: Escrevendo o futuro no processo de formação continuada dos professores participantes. 2010. 174 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Departamento de Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

AMORIM, Cláudia Colla de. **Compartilhando e construindo conhecimento**: ação mediada entre crianças e adolescentes no desenvolvimento de um *blog* pedagógico-literário em uma biblioteca pública da cidade de São Paulo. 2008. 178 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

AMORIM, Marília. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, M.T.A.; JOBIM E SOUZA, S & KRAMER, S. (orgs.), **Ciências Humanas e Pesquisa**, 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro**. Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa Editorial, 2004.

ANDRADE, Alaíse Maria Carrijo Ramos e. **Blog jornalístico**: a constituição do sujeito jornalista-blogueiro e do leitor digital. 2008. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Departamento de Linguística, Universidade de Franca, Franca, 2008.

ARAÚJO, Júlio César; VASCONCELOS, Lucas Lima. **O gênero blog e a produção do texto acadêmico**. Disponível em: <[www.julioaraujo.com/chip/ogeneroblog.pdf](http://www.julioaraujo.com/chip/ogeneroblog.pdf)>. Acesso em: 01 fev. 2010.

AVERBUCK, Clarah. **Máquina de Pinball**. São Paulo: Editora Conrad, 2002.

BAKHTIN, Mikhail, (V.N. VOLOCHÍNOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail, **Estética da Criação Verbal**; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. - 4 ed.- São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Toward a Philosophy of the Act**. Austin: University of Texas Press, 1993. Tradução ainda não revisada, destinada exclusivamente para uso didático e acadêmico de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza.

BARBOSA, Catia Valério Ferreira. **Ensino de Literatura Brasileira e inclusão digital**: o *blog* literário da E.T. E Juscelino Kubistchek. Disponível em: [http://www.leiturasnaescola.org/textos/oficinas/textos\\_compeltos/ensino\\_de\\_literatura.pdf](http://www.leiturasnaescola.org/textos/oficinas/textos_compeltos/ensino_de_literatura.pdf). Acesso em 10 set. 2008.

BARROS, Manoel. **Gramática expositiva do chão** (poesia quase toda). São Paulo: Civilização Brasileira, 1990.

BEZERRA, Paulo. Prólogo do tradutor. In: VIGOTSKY, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem**. (P. Bezerra, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOGDAN, Roberto C. & BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação**, uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BORGES, Luzineide Miranda. **As metáforas nos blogs: o lugar, o recipiente, a máquina e o tecido**. Disponível em: <[www.ufpe.br/nehte/hipertexto2009/anais.html](http://www.ufpe.br/nehte/hipertexto2009/anais.html)>. Acesso em: 02 fev. 2010.

BRAGANHOLA, Marcela. **As expressões nominais nos comentários de blogs**. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehte/hipertexto2009/anais.html>>. Acesso em: 02 fev. 2010.

CAIADO, Roberta V. Ramos. A ortografia no Gênero *Weblog*: Entre A Escrita Digital e a Escrita Escolar. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio e XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). **Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CAIADO, Roberta V. Ramos. A ortografia no Gênero *Weblog*: Entre A Escrita Digital e a Escrita Escolar. In: ARAÚJO, Júlio César (org.). *Internet & Ensino. Novos Gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

CAIADO, Roberta V. Ramos. A ortografia no gênero *Weblog*: entre a escrita digital e a escrita escolar. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio e XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CAPARELLI, Estela. Um *Blog* na mão e Fidel no calcanhar. **Revista Época**. São Paulo, p.92-98, 22 set. 2008. Semanal.

CHAGAS, Jurema. **Blogs Pessoais: A representação do eu na vida cibernética**. 2007. 1 v. Dissertação (Mestrado) - Curso de Teoria Literária, Departamento de Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor navegador**. São Paulo: UNESP / Imprensa Oficial do Estado, 1999.

CHARTIER, Roger. Do códex à tela: as trajetórias do escrito. In: CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília, DF: UNB, 1994.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO JOAÕ XXIII. **Agenda 2009**. Juiz de Fora, 2009.73p.

CORACINI, Maria José R. F. Interação em sala de aula. **Calidoscópico**, vol.3, n.3, p.199- 208, set/dez/2008.

CORREIA, Cátia Caldas; Bonifácio, Rosemary SatÁnna; NUNES, Lina Cordeiro. O curso de capacitação de professores em informática educativa como possibilidade de mudanças na prática docente. **30ª Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2007.

CORTÁZAR, Julio. **Histórias de cronópios e de famas**. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

COSTA, Gilvan Luiz Machado. A mudança da cultura docente em um contexto de trabalho colaborativo de introdução das tecnologias de informação e comunicação na prática escolar. **28ª Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2005.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

COSTA, Sérgio Roberto. Oralidade, escrita e novos gêneros (hiper) textuais na internet. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto (orgs). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.p.37-43.

DANIELS, H. **Vygotsky e a pedagogia**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

DANTAS, Daniel. **As relações intersubjetivas nos blogs e práticas de letramento digital**. 2006. 121 p. *Dissertação (mestrado em Estudos da Linguagem)*. Universidade do Rio Grande do Norte.

DI LUCCIO, Flavia e NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Escritores de Blogs: Interagindo com os Leitores ou Apenas Ouvindo Ecos? (In: *Psicologia Ciência e Profissão*, 2007, 27(4), 664-679).

FARACO, Carlos Alberto; As sete pragas do ensino de Português. In: GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula**. Leitura e produção. Cascavel: ASSOESTE, 1984.

FARACO, Carlos Alberto; O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica. In: FARACO, Carlos Alberto, TEZZA, Cristóvão e DE CASTRO, Gilberto (orgs). **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

FEITAL, Andréia B. **Na tecedura da rede um nó se faz presente**: a formação continuada do professor para o uso do computador/internet na escola. 2006. 163 p. *Dissertação (Mestrado em Educação)* – Universidade Federal de Juiz de Fora.

FELIS, Claudia Cristina Gatti. **Interação na internet**: os *blogs* como uma nova forma de usar a linguagem. 2008. 1 v. *Dissertação (Mestrado)* - Curso de Linguística Aplicada, Departamento de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

FERNANDES, Francisco Slade. **Para Notar a Ausência de um Desconhecido**: *Blogs* e a validação do discurso do autor. 2007. 183 p. *Dissertação (Mestrado em Comunicação)*. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FONSECA, Simões da. **Dicionário de Sinônimos e Antônimos da Língua Portuguesa**. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2002.

FORTUNATO, Márcia Vescovi. **Autoria e aprendizagem da escrita**. 2009. 242 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Departamento de Linguagem e Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários a prática educativa. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Computador /internet como instrumentos culturais de aprendizagem na formação de professores em diferentes contextos educacionais de uma universidade federal**. 2007-2010. 34f. Projeto de Pesquisa- Grupo de Pesquisa Linguagem, Interação e Conhecimento (LIC). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Computador internet como instrumentos culturais de aprendizagem**: uma reflexão a partir da abordagem psicológica histórico-cultural. Anais eletrônicos do 2º Simpósio de Hipertexto e Tecnologias na Educação. UFPE. Recife. 2008.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Da tecnologia da escrita à tecnologia da Internet. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto (orgs.), **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.p.29-43.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Internet: um caminho para a literatura: In: **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v.8, nº 47, p. 29-37, set/out 2002.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Janela sobre a utopia: Computador e internet a partir do olhar da abordagem histórico-cultural. **32ª Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2009.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. No discurso dos adolescentes, as práticas de leitura e escrita na escola. In: YUNES, Eliana e OSWALD, Maria Luiza (orgs.). **A experiência da leitura**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento: In: FREITAS, M.T.A.; JOBIM E SOUZA, S & KRAMER, S. (orgs.), **Ciências Humanas e Pesquisa**, 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GATTI, Bernardete A. Algumas considerações sobre procedimentos metodológicos nas pesquisas educacionais. In: **Educação em Foco**, n. 6, Juiz de Fora, 2003.

GERALDI, J. W. A leitura em momento de crise social. In: ABREU, M. **Leituras no Brasil** – Antologia Comemorativa pelo 10º COLE. Campinas: ALB/Mercado das Letras, 1995.

GIORDAN, Marcelo. **A internet vai à escola: domínio e apropriação de ferramentas culturais**. Educ. Pesqui. [online], 2005, vol. 31, no pp. 57-78.

GOMES, Maria João. **Blogs**: um recurso e uma estratégia pedagógica. Disponível em: <VII Simpósio Internacional de Informática Educativa>. Acesso em 18 nov. 2005

GUIMARÃES, Cleber Pacheco. **Considerações sobre tecnologia e funcionamento dos gêneros digitais**. Disponível em: <<http://cleberpacheco.com.br/ling.htm>>. Acesso em: 01 fev. 2010.

GUTIERREZ, Suzana. Mapeamento caminhos de autoria e autonomia: a inserção das tecnologias educacionais informatizadas no trabalho de educadores que cooperam em comunidades de pesquisadores. **28ª Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2005.

GUTIERREZ, Suzana. **Weblogs e educação**: contribuição para a construção de uma teoria. Novas Tecnologias na Educação – Renote. Porto Alegre: CINTED- UFRGS, v.3, n.1, p. 1-14, maio de 2005.

HALMANN, Adriane Lizbed. Diários da prática docente em *blogs*: aspectos da reflexão entre professores. **32ª Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2009.

HALMANN, Adriane Lizbed. **Reflexões entre professores em blogs**: aspectos e possibilidades. 2006. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Departamento de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

JONES, Lloyd. **O Sr. Pip**. Tradução de Lea Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

KOMESU, Fabiana. *Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet*. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio e XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

KOZIKOSKI, Elisabeth Pacheco Lomba. **A produção escrita em língua inglesa nas interfaces papel e blog**. 2007. 131 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

LANZA, Heloiza Helena. **Uso pedagógico do blog no ensino-aprendizagem de espanhol**: elaboração e avaliação de uma tarefa. 2007. 131 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

LAROSSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LEAL, Renata. Os 80 *blogs* que você não pode perder. **Revista Época**. São Paulo. N.548. p.118-137, 17 de novembro de 2008. Semanal.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LUCCIO, Flávia Di. **As múltiplas faces dos blogs**: Um estudo sobre as relações entre escritores, leitores e textos. 2005. In. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

MACHADO, Irene A. Os Gêneros e a ciência dialógica. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão e DE CASTRO, Gilberto (orgs), **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

- MACHADO, Irene A. Os gêneros e o corpo do acabamento estético. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. São Paulo: Editora da UNICAMP.
- MACHADO, Irene A. Gêneros e o corpo do acabamento estético. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.
- MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio e XAVIER, Antônio Carlos Xavier (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MENDES, Murilo. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- MORICONI, Ítalo. **Circuitos contemporâneos do literário: (Indicações de pesquisa)**. Disponível em <[http://www.avatar.ime.uerj.br/cevcl/artigos/Circuitos%20contemporaneos%20do%20literario%20\(Italo%20Moriconi\).doc](http://www.avatar.ime.uerj.br/cevcl/artigos/Circuitos%20contemporaneos%20do%20literario%20(Italo%20Moriconi).doc)>. Acesso em: 28 dez. 2009.
- MOTA, Fabrício Paiva. **Blogs educacionais em ação: vamos postar?** Disponível em: <[http://www.julioaraujo.com/chip/anais\\_chip.htm](http://www.julioaraujo.com/chip/anais_chip.htm)>. Acesso em: 02 fev. 2010.
- BERG, Silvia. Políticas e práticas de leitura no Brasil. **Revista Presença Pedagógica**, v.12, n.72, p.66-68, nov./dez. 2006.
- OLIVEIRA, Maria Regina Momesso. **Edu blogs: práticas educacionais e discursivas na cibermídia** Disponível em: [http://www.ufpe.br/nehete/hipertexto2007/anais/ANAIS/Art55\\_Momesso.swf](http://www.ufpe.br/nehete/hipertexto2007/anais/ANAIS/Art55_Momesso.swf) acesso em 25 nov.2008.
- OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento. Um processo sócio-histórico**. 4. ed. São Paulo: Editora Scipione, 1997.
- OLIVEIRA, R.M.C. **De onda em onda: a evolução dos cyber diários e a simplificação das interfaces**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt>
- OLIVEIRA, R.M.C. **Diários públicos, mundos privados: diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade**. Dissertação (Mestrado) em Comunicação e Cultura Contemporâneas. UFBA, Faculdade de Comunicação, Bahia, 2002.
- OLIVEIRA, Simone de Mello de. **Diário íntimo e/ou blog: o mesmo e o diferente na cultura do ciberespaço. Ensino de cultura e gêneros textuais: as crenças de uma aluna-professora de L.E.** 2005. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Departamento de Linguística, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2005.

PAULINO, Graça. Letramento literário: por vielas e alamedas. **Revista da Faced**, Belo Horizonte, v. 05, p.01-09, 2001.

PERISSÉ, Gabriel. **Literatura e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PINO, Angel. **As marcas do humano**: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vygotsky. São Paulo: Cortez, 2005.

PRANGE, Ana Paula Lobão. **Da literatura aos blogs**: um passeio pelo território de si. 2003. 95 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira; RECUERO, Raquel da Cunha. Hipertexto Cooperativo: Uma análise da Escrita Coletiva através dos *Blogs* e da Wikipédia. **Revista FAMECOS**, n.23, p.54-63, Dez.2003.

PROPP, Vladimir. **As raízes históricas do conto maravilhoso**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

REIS, Francisca das Chagas Soares. O e-mail e o blog: interação e possibilidades pedagógicas. In: ARAÚJO, Júlio César e DIEB, Messias (orgs.). **Letramentos na web**: Gêneros, interação e ensino. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

RODRIGUES, Cláudia. **Blog educacional: uma proposta de ferramenta pedagógica**. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/hipertexto2009/anais.html>>. Acesso em: 04 fev. 2010.

SANTOS, Cinthya Costa. Literatura Digital: Intertexto, Intratexto e Hipertexto. In: **2 Encontro de Ciência da Literatura**, Faculdades de Letras da UFRJ, 21-23 out. 2002.

SCHETTINE, Denise. **Blog**: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SILVA, Fernando Moreno. **Blog**: uma leitura do voyerismo às avessas. **Estudos Lingüísticos**, São Paulo, v. 3, n. 37, p.235-242, set./dez. 2008.

SILVA, Marco. **BLOG**. Disponível em: <saladeaulainterativa>. Acesso em: 08 set. 2008.

SILVA, Tarcísio Torres. **Blogs e ferramentas de publicação pessoal no processo de construção de subjetividades**. 2008. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes, Departamento de Artes Visuais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: **A escolarização da leitura literária**: O jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 17-48.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, v.23, n. 81, p. 143 – 160, dez. 2002.

SOUBERMAN, Ellen; STEINER, Vera Jonh-. Posfácio. In: VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SPINOSA, Simone Nogueira. **Cibercultura e educação escolar: um estudo de blogs e tecnologias do eu**. 2005. 51 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Departamento de Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2005.

TERRA, Djamar Campos. **Blogue: um gênero híbrido da esfera hipertextual em um modo de enunciação eletrônico-digital?** Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/hipertexto2009/anais.html>>. Acesso em: 04 fev. 2010.

VON STAA, Betina. **Sete motivos para um professor criar um blog**. Disponível em: <[www.educacional.com.br/.../betina\\_bd.asp?codtexto](http://www.educacional.com.br/.../betina_bd.asp?codtexto)>>. Acesso em 03 set. 2008.

VYGOTSKY, Lev S. **La imaginación y el arte em infância**: Ensayo psicológico. Colônia del Carmen. México: Ediciones y Distribuciones Hispánicas, 1987.

VYGOTSKY, Lev S. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1998

VIGOTSKY, Lev S. **A construção do pensamento e da linguagem**. (P. Bezerra, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKY, Lev S. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, Lev S. **Imaginação e criação na infância**: livro para professores; apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

WALTY, Ivete Lara Camargos. Literatura e escola: anti-lições. In: **A escolarização da leitura literária**: O jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 49-58.

WUNDERBLOGS.COM (vários autores). São Paulo: Barracuda, 2004.

ZARDINI, Adriana Sales e COSTA, José Wilson da. **I blog, you blog, weblog**: o uso do *blog* como recurso para a leitura em língua inglesa. Anais eletrônicos. [http://www.ufpe.br/nehete/hipertexto2007/anais/ANAIS/Art75\\_Zardini&Costa.swf](http://www.ufpe.br/nehete/hipertexto2007/anais/ANAIS/Art75_Zardini&Costa.swf)

## APÊNDICE

Lista dos *blogs* literários apresentados aos alunos do Colégio de Aplicação João XXIII:

<http://duelosliterarios.blogspot.com/>

<http://naturezapoetica2007.blogspot.com/>

<http://cultuar.blogspot.com/>

<http://www.todoprosa.com.br/index.php?cat=8>

<http://balaioliterario.zip.net/>

<http://www.orehadolivro.com.br/>

<http://www.ranchocarne.org/>

<http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/>

<http://www.meiapalavra.com.br/>

<http://mundocordel.blogspot.com/>

<http://viciadosemlivros.blogspot.com/2008/06/cecilia-meireles-ou-istoou-aquilo-por.html>

<http://www.napontadoslapis.com.br/2009/06/cancao-poemas-de-cecilia-meireles.html>

[http://leonor\\_cordeiro.blog.uol.com.br/](http://leonor_cordeiro.blog.uol.com.br/)